

AGRONEGÓCIOS

TENDÊNCIAS DOS MERCADOS EM 2016/2017 ***SOJA, MILHO E TRIGO***



Carlos Cogo
Junho/2016

O AGRONEGÓCIO GLOBAL

CENÁRIOS 2016/2017



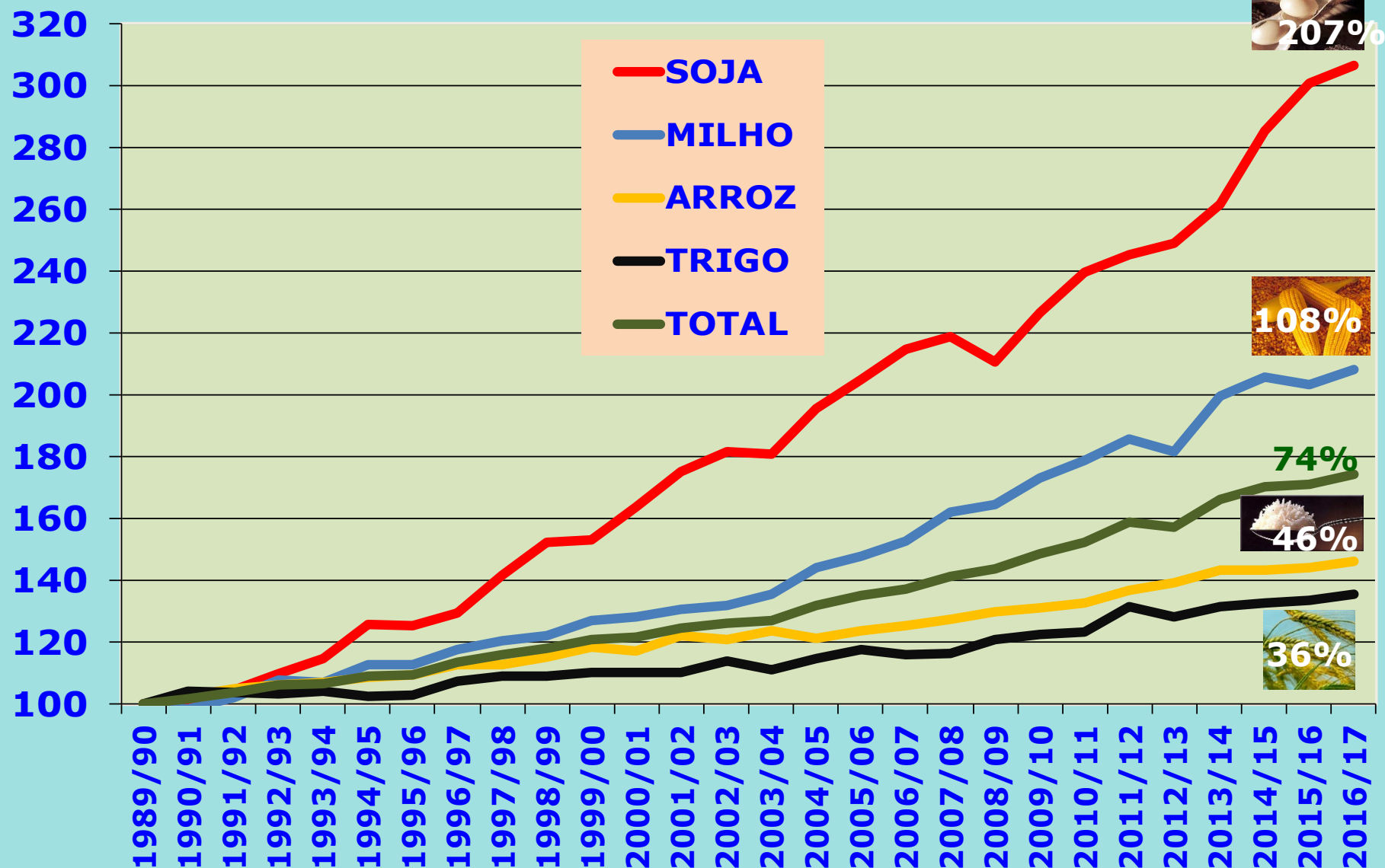
CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017

- A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) elevou sua estimativa de produção global de grãos em 2016/2017 para 2,543 bilhões de toneladas, em comparação com 2,521 bilhões de toneladas estimadas anteriormente.
- O número é 0,6% superior à produção em 2015/2016 e apenas 0,7% inferior ao recorde estabelecido em 2014/2015.
- O aumento da projeção reflete a revisão para cima da produção de trigo na Argentina, União Europeia (UE) e Rússia.
- Um avanço na produção de milho na Argentina, Canadá, UE e Estados Unidos também foi considerada.
- A produção global de trigo na safra 2016/2017 teve projeção elevada de 716,9 milhões de toneladas para 724,0 milhões de toneladas.
- Se confirmado, o resultado será 10 milhões de toneladas, ou 1,4%, inferior ao recorde da temporada anterior.
- Quanto aos grãos forrageiros, a estimativa foi elevada para 1,32 bilhão de toneladas, contra o número anterior de 1,31 bilhão de toneladas, ficando 1,6% acima da produção de 2015/2016.

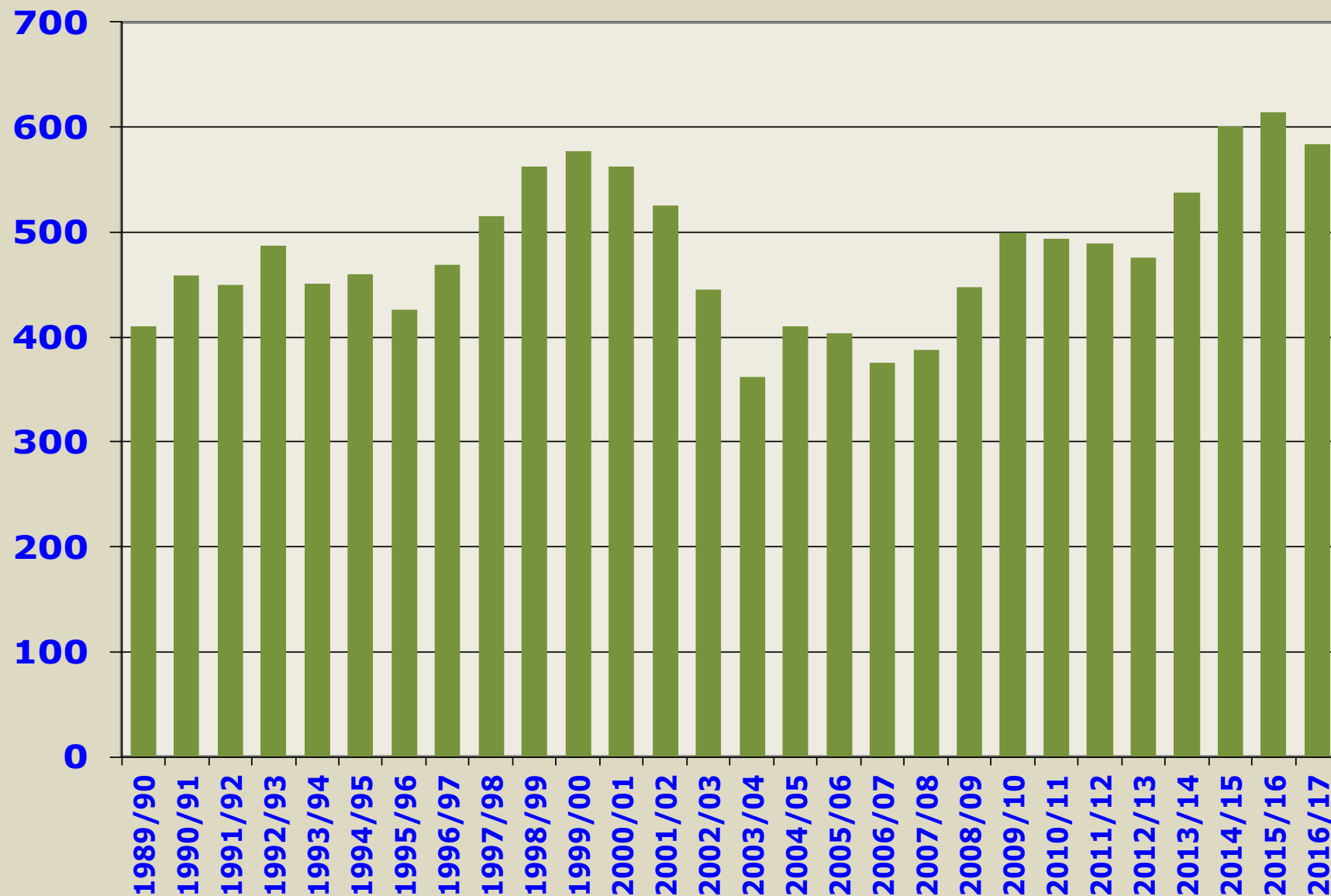
CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017

- Já o consumo de grãos na temporada 2016/2017 foi projetado em 2,546 bilhões de toneladas, com uma redução de 3,5 milhões de toneladas em relação à previsão anterior.
- O corte foi provocado pela perspectiva de redução no uso de grãos para produção de ração animal – o número é 0,9% superior à estimativa de consumo na safra 2015/2016.
- Em relação aos estoques globais, a FAO elevou em 27 milhões de toneladas a estimativa ao final da temporada 2016/2017, para 642,2 milhões de toneladas.
- O número é praticamente igual às 644 milhões de toneladas projetadas para o fim da safra 2015/2016.
- Relatório Economic Outlook da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) prevê que a economia global deve manter o ritmo de crescimento real de 3% em 2016.
- A fraqueza do comércio global, investimento, renda e a atividade mais lenta nos países emergentes resultarão no crescimento global modesto em 2016.

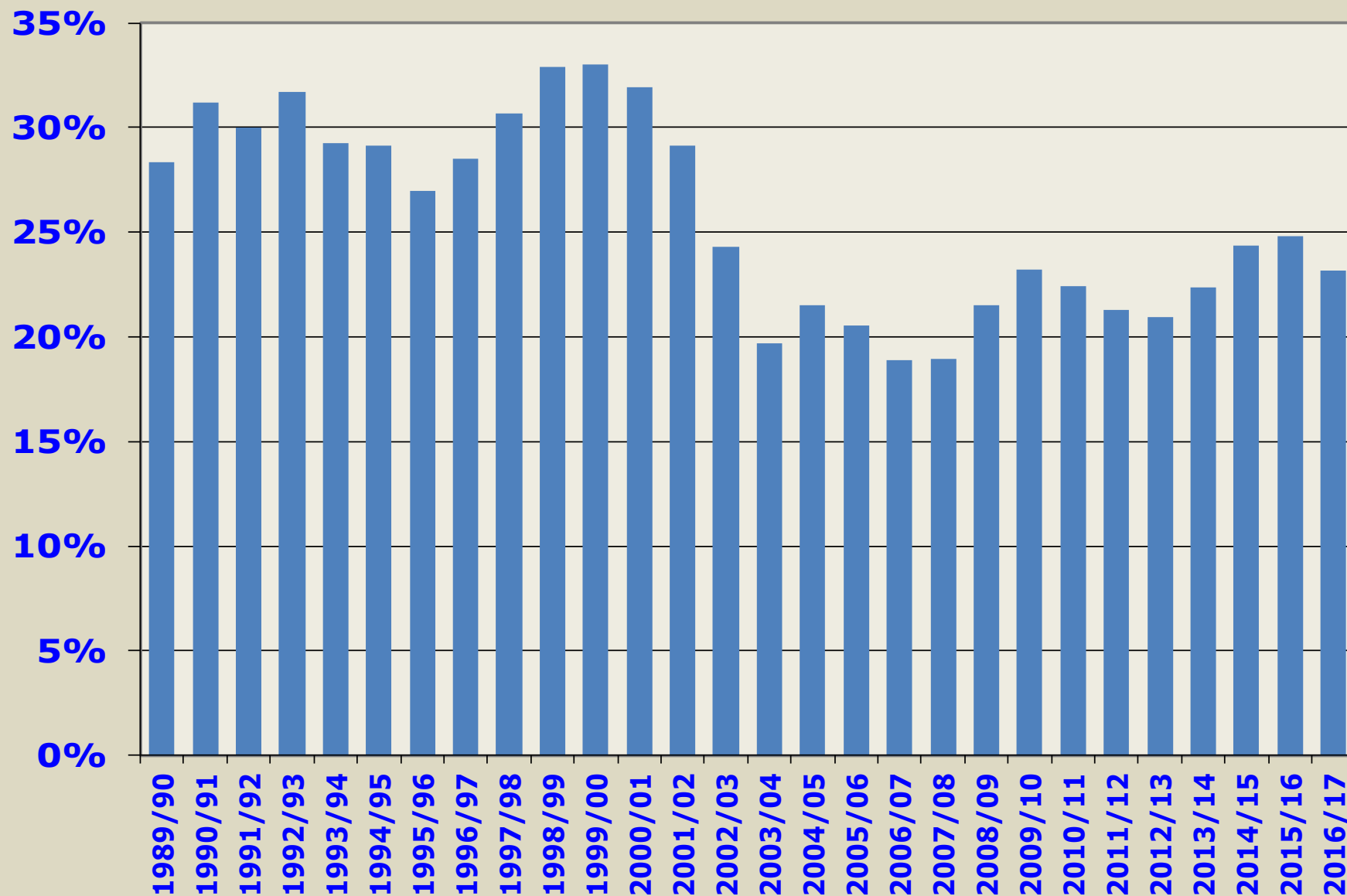
GRÃOS: ÍNDICES DE EXPANSÃO DA DEMANDA MUNDIAL - 1990=BASE 100



GRÃOS: ESTOQUES MUNDIAIS MILHÕES DE TONELADAS



GRÃOS: RELAÇÃO ESTOQUES/DEMANDA MUNDIAL (%)



CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017

- O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) atingiu 155,8 pontos em maio, com alta de 2,1% ante abril, porém, 7% abaixo do nível verificado no mesmo período do ano passado.
- O avanço representa o quarto mês consecutivo em alta e todos os indicadores subiram, com exceção aos óleos vegetais.
- O índice considera uma média ponderada dos preços internacionais de 5 grupos de commodities: cereais, óleos, laticínios, carne e açúcar.
- Os óleos vegetais foram o ponto fora da curva, registrando queda de 1,8% em maio na comparação com abril, para 163,3 pontos.
- O óleo de palma foi o componente que mais pesou na queda, após registrar os últimos três meses em alta.
- O indicador foi pressionado por uma demanda menor do que o esperado, especialmente pela China, Índia e União Europeia (UE), além da disponibilidade maior de exportação na Malásia.
- Os cereais, por sua vez, avançaram 1,6%, para 152,3 pontos.

CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017

- Pelo segundo mês consecutivo, os preços do milho foram os que mais avançaram, influenciados pela menor disponibilidade de exportação na América do Norte, que deve se estender até que a colheita seja iniciada a partir de setembro.
- As cotações de arroz se fortaleceram, diante de temores sobre a oferta global em 2016/2017, mas, no trigo, o avanço foi modesto com o cenário de ampla oferta global.
- No segmento de laticínios, houve ligeira alta de 0,4% na mesma base de comparação, para 128,0 pontos.
- Na segunda quinzena de maio, um avanço dos preços internos na UE e um avanço da demanda internacional sustentaram avanços no leite em pó integral e manteiga, com os preços do queijo em alta na Oceania.
- O índice de preços do açúcar ficou em 240,4 pontos, 11,7% superior ao verificado no último mês.
- O avanço foi sustentado pela perspectiva de produção menor na Índia, o segundo maior produtor global, assim como oferta mais apertada na China, que deverá impulsionar as importações.

CENÁRIO GLOBAL PARA 2016/2017

- O Índice de Preços de Carnes ficou 2,0% acima do verificado em abril, atingindo 151,8 pontos, sendo que, nos últimos 13 meses o pico de preços das carnes ocorreu no mês de julho de 2015.
- O Índice de Preços de Carnes correspondia a 172,7 pontos (2002/2004 = 100), resultado que, seis meses depois, apresentou redução de 16%.
- Esse índice de redução corresponde a uma perda mensal média de 3%.
- Já a alta de preços que vem sendo observada e que foi iniciada em janeiro de 2016, corresponde a um índice mensal de 1%.
- De toda forma, o que vem sendo registrado nos últimos meses aponta que, embora lenta, a recuperação ocorre de forma consistente.
- Assim, o Índice de Preços de Carnes alcança agora valor 4,5% superior ao de janeiro deste ano.
- Os níveis de preço das carnes suína e ovina apresentaram alta, enquanto as carnes de frango e bovina tiveram avanço mais modesto.
- A carne suína teve forte alta na UE, com avanço dos preços internos e contínuo avanço da demanda asiática, enquanto o frango registrou crescimento moderado pelo terceiro mês consecutivo.

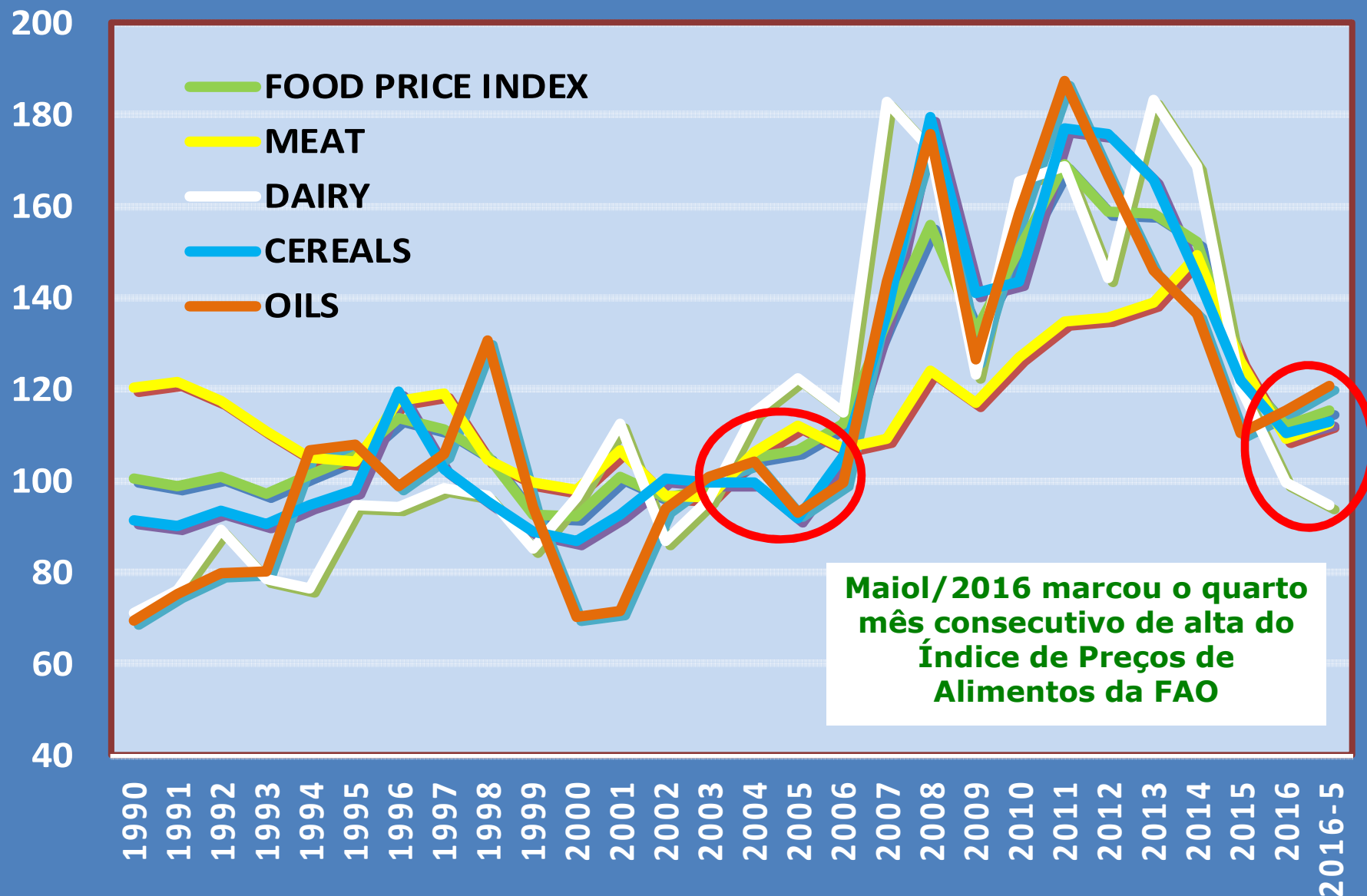
ANNUAL REAL FOOD PRICE INDICES (2002-2004=100)

Date	Food Price Index	Meat Price Index	Dairy Price Index	Cereals Price Index	Oils Price Index	Sugar Price Index
1990	100,4	120,4	71,1	91,2	69,6	167,0
1991	98,7	121,8	75,9	90,0	75,1	119,6
1992	101,1	117,3	89,4	93,6	79,8	119,0
1993	97,1	110,9	78,8	90,6	80,2	131,0
1994	101,3	105,1	76,5	94,6	106,8	157,8
1995	105,3	104,2	94,6	98,0	108,1	158,4
1996	113,7	117,5	94,3	119,6	98,6	147,1
1997	111,3	119,0	98,3	102,4	106,0	149,3
1998	105,6	104,5	96,7	95,7	130,5	123,2
1999	92,6	99,6	85,3	88,8	94,2	88,5
2000	92,4	97,8	96,6	86,9	70,4	117,6
2001	101,0	106,8	112,6	92,7	71,7	130,9
2002	96,2	96,6	86,9	100,6	93,9	105,0
2003	98,1	96,3	96,0	99,6	101,0	101,0
2004	105,0	106,4	115,1	99,8	104,4	94,8
2005	106,8	112,0	122,5	91,7	92,9	127,1
2006	112,7	107,1	114,9	105,4	99,9	185,7
2007	134,6	109,1	182,7	136,3	143,4	119,3
2008	155,7	124,2	172,5	179,5	175,6	140,4
2009	132,8	117,0	123,1	141,0	126,6	213,1
2010	150,7	126,9	165,6	143,7	158,3	242,1
2011	169,1	134,8	168,7	177,2	187,1	271,3
2012	158,8	135,5	144,2	175,8	166,7	227,6
2013	158,5	139,0	183,4	165,6	145,8	189,6
2014	152,0	149,4	168,8	144,6	136,4	181,7
2015	123,2	126,3	120,4	122,0	110,4	143,3
2016	112,3	109,3	99,6	110,6	115,3	157,1
2016-5	115,3	112,4	94,8	112,7	120,9	178,0
2016/2015	-6%	-11%	-21%	-8%	10%	24%
2016/2011	-32%	-17%	-44%	-36%	-35%	-34%
2016 / 2002-2004=100	15%	12%	-5%	13%	21%	78%

SOURCE: FAO MAY/16

FOOD PRICE INDEX REAL PRICES

2002-2004 = 100



**BRASIL: POSIÇÃO NOS RANKINGS MUNDIAIS DE PRODUÇÃO E
EXPORTAÇÕES E PARTICIPAÇÃO NO COMÉRCIO GLOBAL
2015/2016**

<u>COMMODITY</u>	<u>PRODUÇÃO</u>	<u>EXPORTAÇÃO</u>	<u>% DAS EXPORTAÇÕES</u>
SOJA	2º	1º	40,5%
MILHO	3º	2º	25,2%
CAFÉ	1º	1º	28,2%
AÇÚCAR	1º	1º	47,5%
ETANOL	2º	2º	2,5%
SUCO LARANJA	1º	1º	80,5%
ALGODÃO	5º	3º	11,1%
ARROZ	9º	7º	2,2%
CARNE BOVINA	2º	1º	20,9%
CARNE FRANGO	2º	1º	41,7%
CARNE SUÍNA	4º	4º	8,0%

CÂMBIO: PROJEÇÕES PARA 2016/2017

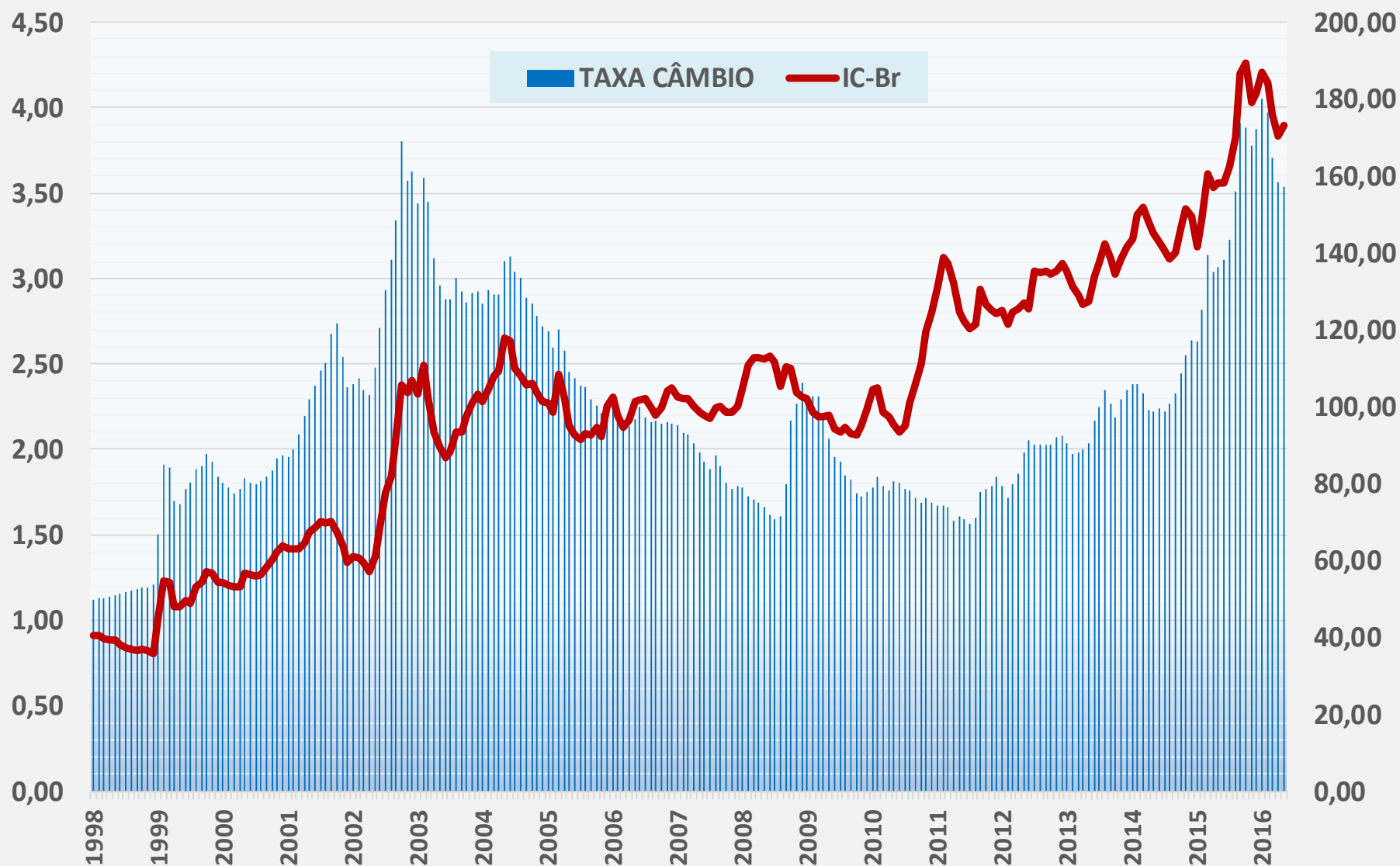
- Conforme a pesquisa semanal do AE Dados da Agência Estado, divulgada no dia 10/06, as instituições dealers do Banco Central estimam que a taxa de câmbio chegará a 3,6500 R\$/US\$ no fim deste ano, segundo a mediana da pesquisa.
- Esse valor representa uma queda de 2,67% na comparação com o levantamento anterior.
- Já para o fim do terceiro trimestre de 2016, a mediana estimada é de 3,5700 R\$/US\$.
- A previsão mínima para o câmbio do o fim do terceiro trimestre de 2016 é de 3,3000 R\$/US\$ e a projeção máxima, de 3,8000 R\$/US\$.
- A taxa de câmbio pode ultrapassar a marca de 4,000 R\$/US\$ no fim de 2017, se a maior projeção enviada para a pesquisa for confirmada.
- A expectativa mais baixa ficou em 3,4000 R\$/US\$.
- A mediana, por sua vez, chegou a 3,9000 R\$/US\$.
- Participaram da pesquisa as seguintes instituições dealers: Banco Santander, Bradesco, Itaú Unibanco e JPMorgan.

CÂMBIO: PROJEÇÕES PARA 2016/2017

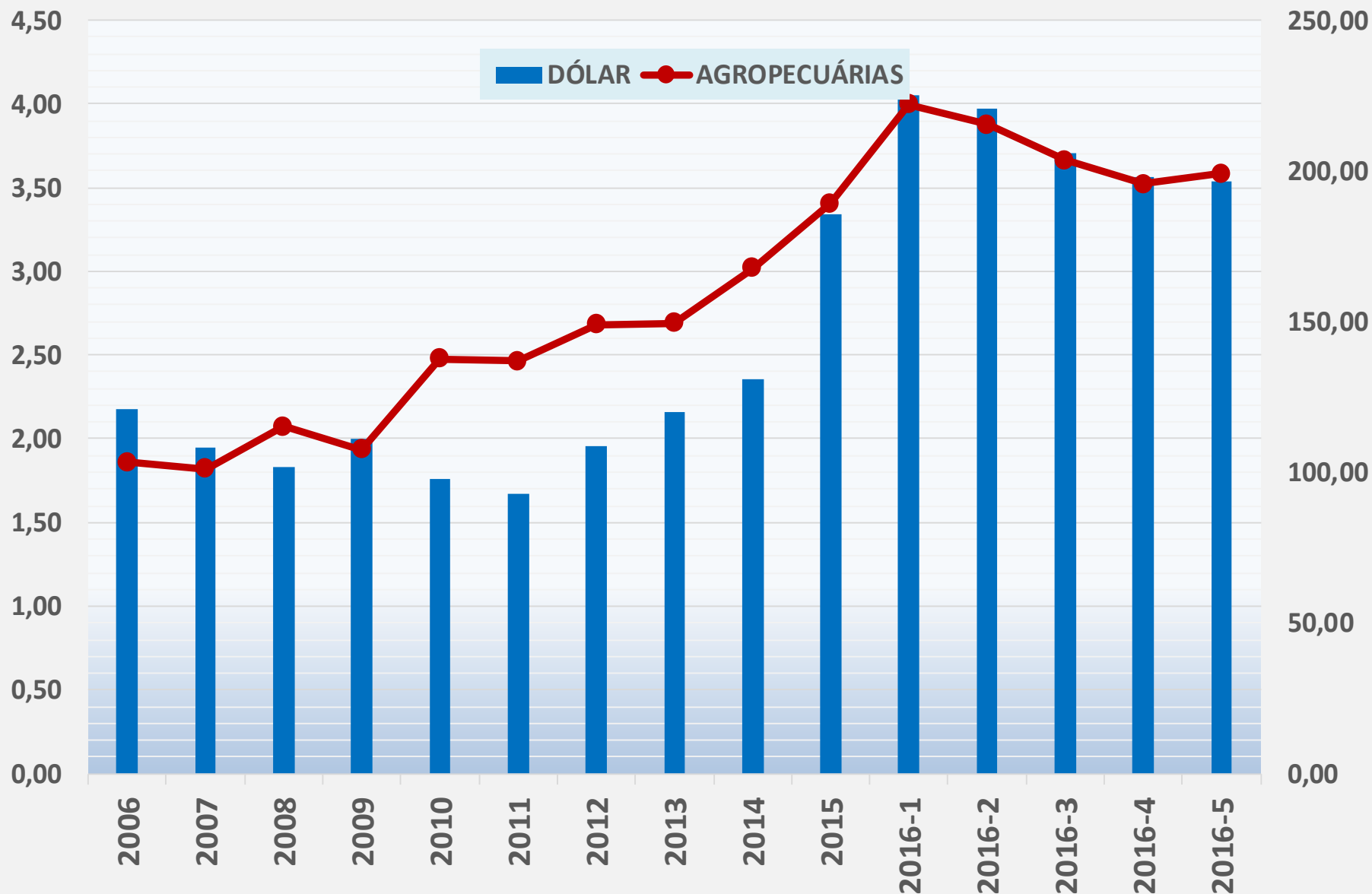
- De acordo com o Relatório de Mercado Focus, divulgado no dia 13/06, pelo Banco Central, a estimativa do mercado financeiro para a taxa de câmbio recuou tanto em relação ao fim deste ano quanto do próximo.
- De acordo com o relatório, a cotação da moeda estará em R\$ 3,65 no encerramento de 2016, e não mais em R\$ 3,68, como constava no levantamento anterior.
- Um mês atrás, a projeção estava em R\$ 3,70.
- Mesmo com esse deslocamento para baixo, o câmbio médio de 2016 continuou em R\$ 3,65, como estava na semana passada
- Um mês antes, a projeção estava em R\$ 3,63.
- Para 2017, a mediana saiu de R\$ 3,85 para R\$ 3,81 de uma divulgação para a outra.
- Há quatro semanas atrás estava em R\$ 3,90.
- Já o câmbio médio do ano que vem recuou de R\$ 3,81, para R\$ 3,79, de um levantamento para o outro.
- Um mês atrás, a projeção estava em R\$ 3,83.

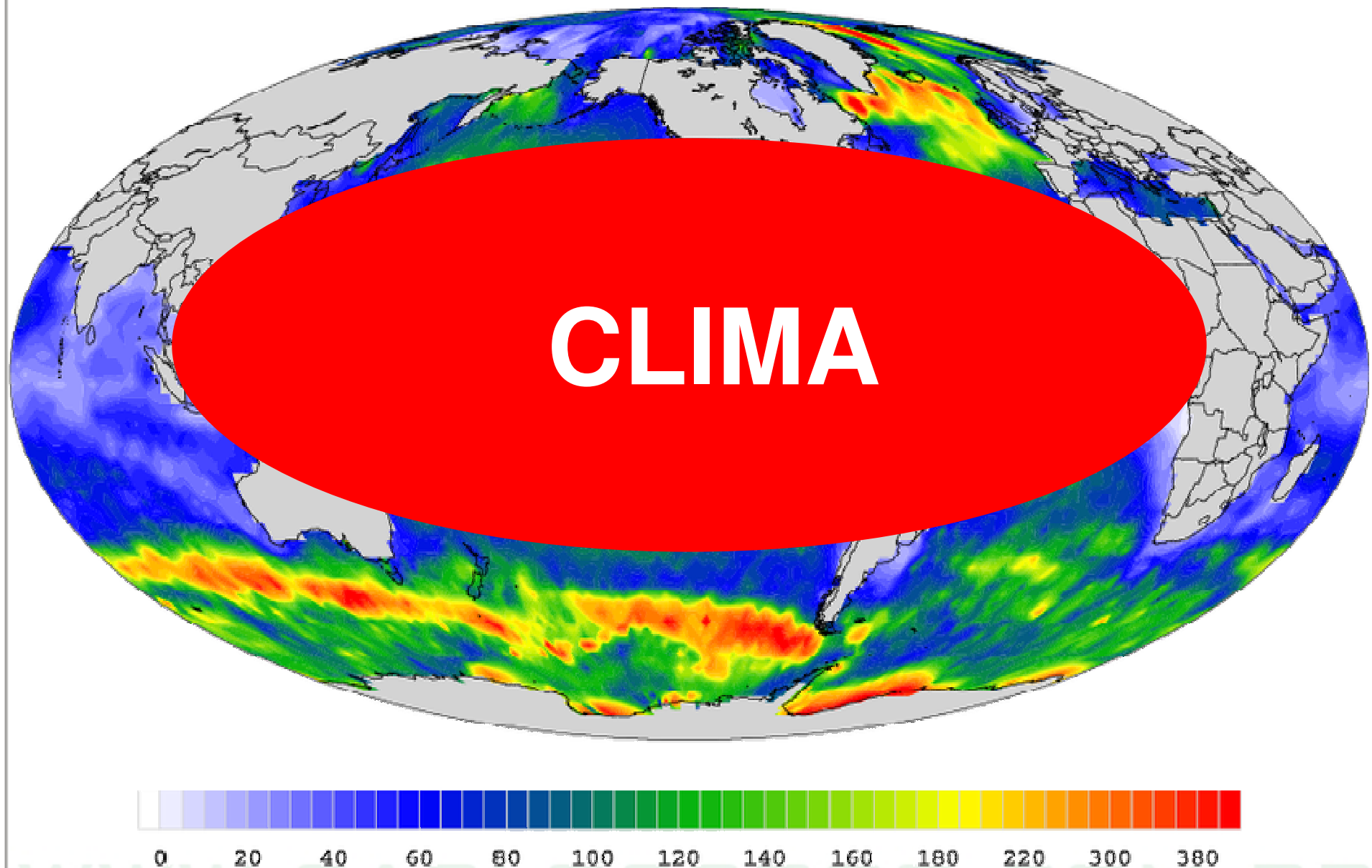
COMMODITIES x TAXA DE CÂMBIO - BRASIL

IC-Br DEZ/2005 = 100



COMMODITIES AGROPECUÁRIAS x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL IC-Br DEZ/2005 = 100





CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017

- O fenômeno El Niño encontra-se em declínio no Pacífico Equatorial, especialmente na área adjacente à costa da América do Sul (na região conhecida como Niño 1+2), em que ao longo das últimas semanas passou a apresentar uma anomalia de TSM negativa.
- A maioria dos modelos de previsão de TSM, como os do IRI (Research Institute for Climate Society), indicam que condições do El Niño continuarão enfraquecendo durante o resto do outono, com provável término no final do inverno, com chances de haver o desenvolvimento de um La Niña (resfriamento das águas do Pacífico Equatorial).
- Baseado nos impactos conhecidos historicamente do La Niña sobre o Brasil, tem-se chuvas abaixo da média na Região Sul, enquanto que nas regiões Norte e Nordeste são verificados aumentos nas chuvas.
- Os efeitos no regime de chuvas como consequência do La Niña, dependerá do comportamento da temperatura da superfície do mar (TSM), sua intensidade e localização, pois a temperatura do oceano Atlântico também interfere no clima, contribuindo ou não para a atuação dos sistemas meteorológicos locais.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017

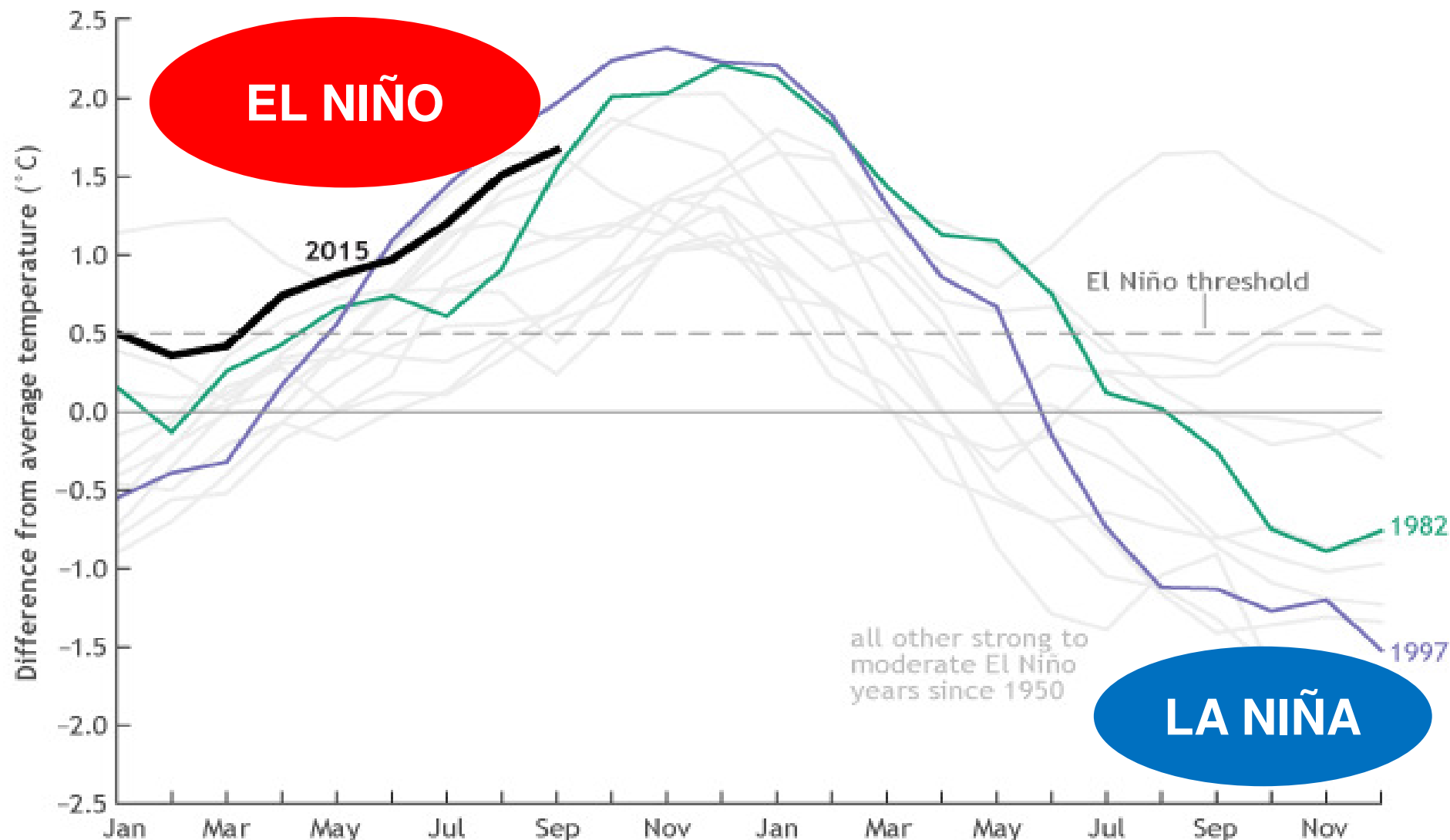
- O La Niña consiste em uma alteração cíclica das temperaturas médias do Oceano Pacífico, sendo observado principalmente nas águas localizadas na porção central e leste desse oceano.
- Essa transformação é capaz de modificar uma série de outros fenômenos, como a distribuição de calor, concentração de chuvas, formação de secas e a pesca.
- O efeito La Niña está ligado ao resfriamento das temperaturas médias das águas do Oceano Pacífico, representando exatamente o oposto do fenômeno El Niño, que produz aquecimento anormal de temperaturas.
- O fenômeno La Niña ocorre nos intervalos entre o El Niño e a situação de normalidade das temperaturas do Oceano Pacífico.
- Ele diminui a quantidade de chuvas do litoral do Chile, Peru e Equador, pois com o aumento da velocidade dos ventos alísios, a formação de nuvens acaba dispersa em direção à Oceania e Indonésia.
- A Austrália, por exemplo, possui um aumento considerável de suas chuvas durante a ocorrência do La Niña.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017

- As projeções realizadas neste período do ano tendem a ser menos precisas do que as medições em outros períodos – um cenário mais claro deve emergir nos próximos meses.
- Somente em setembro será possível falar com maior precisão sobre a intensidade e os efeitos do La Niña no Brasil e no mundo.
- Em termos globais, o La Niña, historicamente, oferece risco à produção de milho, soja, trigo, açúcar, algodão e café e, nos anos em que o El Niño foi sucedido por La Niña, houve alta nos preços agrícolas mundiais.
- O La Niña tende a beneficiar a agricultura na Região Nordeste do país, que já enfrenta cinco ciclos de estiagem.
- O auge desse fenômeno costuma ser no verão, nos meses de dezembro e janeiro, que é o período crítico para a cultura de grãos.
- No Centro-Sul do país, o fenômeno períodos maiores de invernadas costuma causar chuvas irregulares, com (chuvas constantes durante o verão) entre fevereiro e março.
- No caso da produção de cana-de-açúcar, a redução das chuvas no Centro-Sul pode diminuir a safra desse cultivo.

EL NIÑOS FORTES -> LA NIÑAS

Monthly sea surface temperature Niño 3.4 Index values



CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2016/2017

- O La Niña pode ser ainda mais perigoso para o Brasil do que o El Niño, porque pode trazer condições de seca em alguns pontos do país.
- Estão entre os efeitos do fenômeno estiagem nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e, principalmente, Sul.
- Já na região Amazônia e no Nordeste, poderá ser observada uma intensificação das chuvas.
- Segundo a Somar, a próxima primavera brasileira deverá já ser sob a influência do fenômeno o que poderá, portanto, fazer com que as chuvas cheguem atrasadas nas regiões centrais do Brasil e no Matopiba.
- Na safra 2016/2017, os produtores do bioma Cerrado não devem esperar plantar cedo neste ano.
- Podem ocorrer chuvas localizadas e irregulares em setembro/outubro, mas as chances de perder essas plantas são grandes.
- Porém, mesmo que o regime de chuvas demore a chegar, quando ele chegar será constante, ao se desenvolver sobre a atuação de um La Niña.

LA NIÑA: EFEITOS SOBRE OUTRAS REGIÕES

- **ESTADOS UNIDOS**: o Meio Oeste norte-americano, principal região produtora de grãos dos Estados Unidos pode enfrentar tempo mais quente e seco caso ele aconteça ainda no início do verão. As condições poderiam comprometer a fase de polinização das plantas naquele país.
- **EUROPA**: as perspectivas são de que, entre novembro e dezembro, as temperaturas fiquem mais frias do que o normal. Depois de janeiro, as temperaturas podem voltar à média.
- **ÁSIA**: na Índia, significa boas chuvas. A Índia vem sofrendo com chuvas fracas há quase dois anos. Na Malásia, as condições que o La Niña poderia trazer, ou até mesmo a ocorrência de um período de neutralidade climática, seriam incapazes de desfazer os estragos causados pelo El Niño. A cultura mais afetada no país foi a palma e a produção de seu óleo, o que fez com que seus preços no mercado futuro, em fevereiro, atingissem as máximas em oito anos.
- **OCEANIA**: na Austrália, o maior risco é a possibilidade de tempestades e um número desproporcional de ocorrência de enchentes. Entretanto, em 2011-2012, o La Niña ajudou a obter uma safra recorde de trigo.

CLIMA: PROGNÓSTICOS PARA O INVERNO-OUTONO

- O inverno deste ano deve ser mais frio e menos chuvoso que o do ano passado, que teve a influência direta do El Niño.
- O indicativo é que em 2016 tenhamos uma estação mais próxima do padrão normal, ou seja, com ondas de frio e episódios de chuvas mais intercalados.
- Isso se deve ao enfraquecimento do El Niño e, na sequência, possivelmente, ao início de uma fase de resfriamento das águas do Pacífico a partir da parte leste.
- Esse padrão, mesmo sem garantir condições ideais, deve beneficiar as culturas agrícolas de inverno do sul do Brasil, como trigo, cevada e as frutas de clima temperado.
- Vale lembrar que na safra passada as lavouras de inverno foram fortemente castigadas, ora pelo excesso de chuva, ora pelo calor e frio fora de época, ora por tempestades de vento e granizo.
- Sem dúvida, a estação neste ano deve ser mais fresca que a do ano passado, inclusive com maior número de ondas de frio e episódios de geadas, muito embora sem previsão de inverno rigoroso.

CLIMA: PROGNÓSTICOS PARA O INVERNO-OUTONO

- Em contrapartida, o indicativo de um inverno mais frio e com geadas representa uma condição não muito favorável às pastagens no Sul, podendo afetar a pecuária, beneficiada pelo clima nos últimos invernos.
- Para as regiões Sudeste e Centro-Oeste, tanto o outono como o inverno devem apresentar condições climáticas muito próximas das médias climatológicas, ou seja, sem previsões de extremos, o que, em geral, beneficia as culturas de café, cana-de-açúcar e citros.
- Porém, deve se ressaltar que o fato de vir a ter um inverno mais seco neste ano no Sudeste e Centro-Oeste, diferentemente do ano passado, pode prejudicar o desenvolvimento das pastagens, com riscos para os setores de produção de carne, leite e também para hortifrútiis.
- Para o outono, a principal mudança no comportamento do clima que devemos sentir neste ano se refere à redução da temperatura e da chuva.
- No Sul do Brasil, o outono de 2016 deve ter temperaturas mais baixas que no outono passado, que foi anormalmente quente, por causa do El Niño.

SAFRA 2016/2017

TENDÊNCIAS DOS MERCADOS E O CUSTEIO DA SAFRA DE GRÃOS



BRASIL: ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE POR CULTURA AGRÍCOLA

ANO-SAFRA			06/07	07/08	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15	15/16	VAR 15-16/14-15 (%)
ANO DA COLHEITA			2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016*	
TOTAL GRÃOS	ÁREA	mil ha	46.213	47.411	47.674	47.416	49.873	50.520	53.476	56.959	57.855	58.874	1,8%
	PRODUÇÃO	mil t	131.751	144.137	135.135	149.255	162.803	164.778	188.642	193.578	207.542	198.949	-4,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2,851	3,040	2,835	3,148	3,264	3,262	3,528	3,399	3,587	3,379	-5,8%
ALGODÃO CAROÇO	ÁREA	mil ha	1.097	1.077	843	836	1.400	1.393	894	1.122	976	959	-1,8%
	PRODUÇÃO	mil t	2.384	2.505	1.891	1.843	3.229	3.019	2.019	2.671	2.349	2.120	-9,7%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.173	2.325	2.242	2.205	2.306	2.166	2.257	2.381	2.406	2.212	-8,1%
ARROZ	ÁREA	mil ha	2.967	2.875	2.909	2.765	2.820	2.427	2.400	2.373	2.295	1.961	-14,6%
	PRODUÇÃO	mil t	11.316	12.074	12.603	11.661	13.613	11.599	11.820	12.122	12.436	10.549	-15,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.813	4.200	4.332	4.218	4.827	4.779	4.926	5.108	5.419	5.380	-0,7%
FEIJÃO TOTAL 3 SAFRAS	ÁREA	mil ha	4.088	3.993	4.148	3.662	3.990	3.261	3.075	3.366	3.040	2.934	-3,5%
	PRODUÇÃO	mil t	3.340	3.521	3.491	3.323	3.733	2.915	2.806	3.454	3.115	2.926	-6,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	817	882	842	907	936	894	912	1.026	1.025	997	-2,7%
MILHO 1ª SAFRA	ÁREA	mil ha	9.494	9.636	9.271	7.724	7.638	7.560	6.783	6.618	6.142	5.467	-11,0%
	PRODUÇÃO	mil t	36.597	39.964	33.655	34.079	34.947	33.869	34.577	31.653	30.082	26.225	-12,8%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.855	4.148	3.630	4.412	4.576	4.480	5.097	4.783	4.898	4.797	-2,0%
MILHO 2ª SAFRA	ÁREA	mil ha	4.561	5.130	4.901	5.270	6.168	7.620	9.046	9.211	9.551	10.993	15,1%
	PRODUÇÃO	mil t	14.773	18.688	17.349	21.939	22.460	39.113	46.929	48.399	54.591	50.815	-6,9%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.239	3.643	3.540	4.163	3.641	5.133	5.188	5.254	5.716	4.622	-19,1%
MILHO TOTAL	ÁREA	mil ha	14.055	14.766	14.172	12.994	13.806	15.180	15.829	15.829	15.693	16.460	4,9%
	PRODUÇÃO	mil t	51.370	58.652	51.004	56.018	57.407	72.982	81.506	80.052	84.673	77.040	-9,0%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.655	3.972	3.599	4.311	4.158	4.808	5.149	5.057	5.396	4.681	-13,3%
SOJA	ÁREA	mil ha	20.687	21.313	21.743	23.468	24.181	25.042	27.736	30.173	32.093	33.244	3,6%
	PRODUÇÃO	mil t	58.392	60.018	57.166	68.688	75.324	66.383	81.499	86.121	96.228	97.055	0,9%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.823	2.816	2.629	2.927	3.115	2.651	2.938	2.854	2.998	2.919	-2,6%
TRIGO	ÁREA	mil ha	1.758	1.852	2.396	2.428	2.150	2.166	2.210	2.758	2.455	2.121	-13,6%
	PRODUÇÃO	mil t	2.234	4.097	5.884	5.026	5.882	5.789	5.528	5.971	5.462	6.248	14,4%
	RENDIMENTO	Kg/ha	1.271	2.212	2.456	2.070	2.736	2.672	2.502	2.165	2.225	2.946	32,4%
OUTROS GRÃOS	ÁREA	mil ha	1.561	1.535	1.463	1.264	1.525	1.050	1.331	1.339	1.303	1.195	-8,2%
	PRODUÇÃO	mil t	2.716	3.271	3.097	2.696	3.616	2.092	3.465	3.188	3.279	3.012	-8,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	1.740	2.130	2.117	2.134	2.371	1.992	2.603	2.382	2.518	2.520	0,1%

Fontes: CONAB, IBGE e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

* 2015/2016: PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

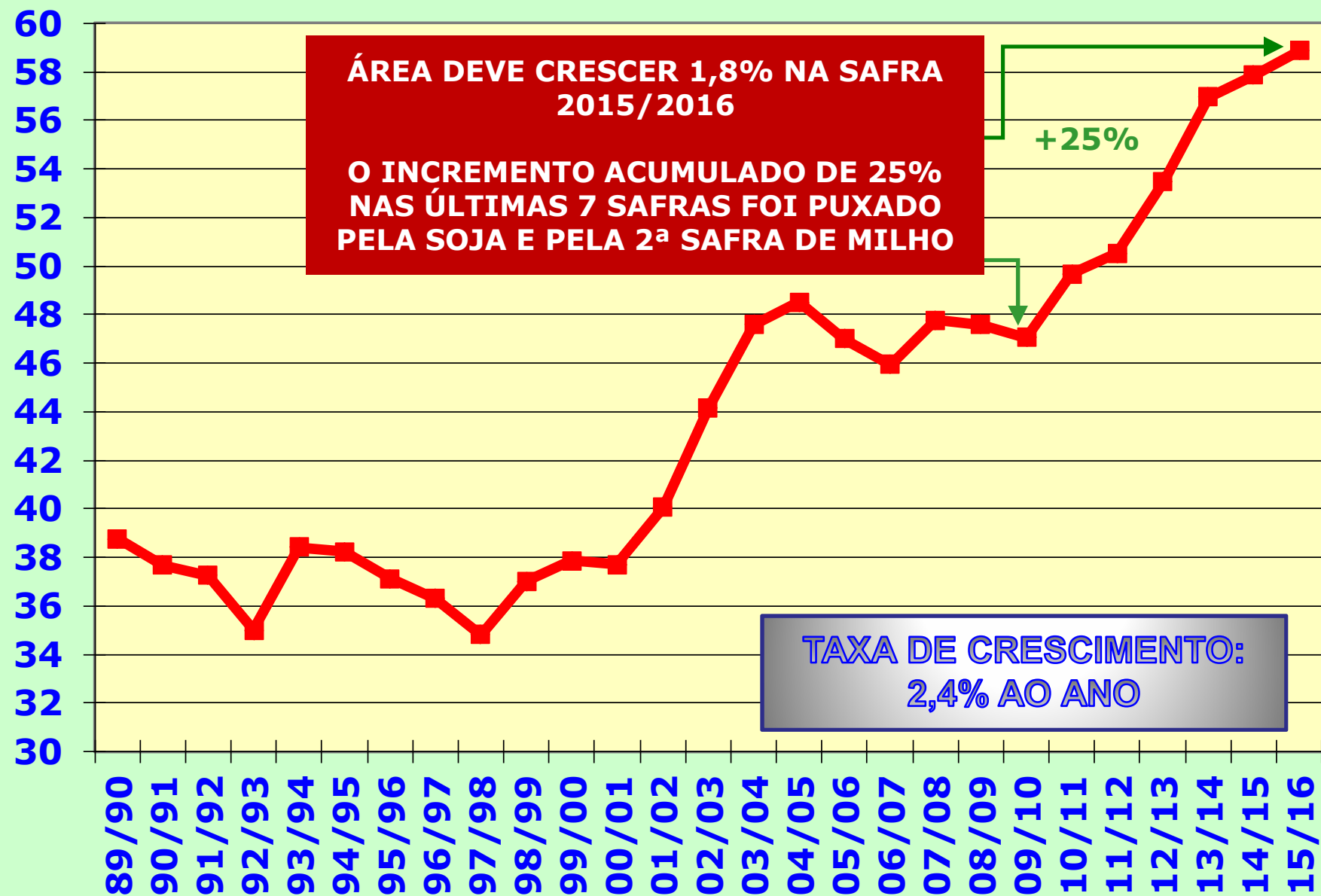
BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2015/2016

- Neste 15º levantamento da nossa Consultoria para a safra de grãos 2015/2016, a projeção é de uma produção de 198,9 milhões de toneladas, 4,1% abaixo das 207,5 milhões de toneladas da temporada anterior (2014/2015).
- A redução da projeção de produção decorreu das quebras nas safras de soja, milho 1ª safra, milho 2ª safra, arroz, feijão e algodão.
- As quebras mais acentuadas ocorreram na região do Matopiba e do Centro-Oeste, reduzindo a safra de soja de 97,3 milhões de toneladas previstos em maio, para 97,0 milhões de toneladas em junho.
- Embora tenha ocorrido um expressivo incremento de 15,1% na área da 2ª safra de milho, a forte estiagem no mês de abril provocou uma expressiva redução na projeção de produção, para 50,8 milhões de toneladas em junho, contra 53,3 milhões de toneladas em maio e 58,8 milhões de toneladas previstas em abril.
- Para o arroz, a safra está estimada em 10,5 milhões de toneladas, queda de 15,2% sobre a anterior, com as quebras na Região Sul, especialmente no Rio Grande do Sul, que teve perdas de 14,1%.

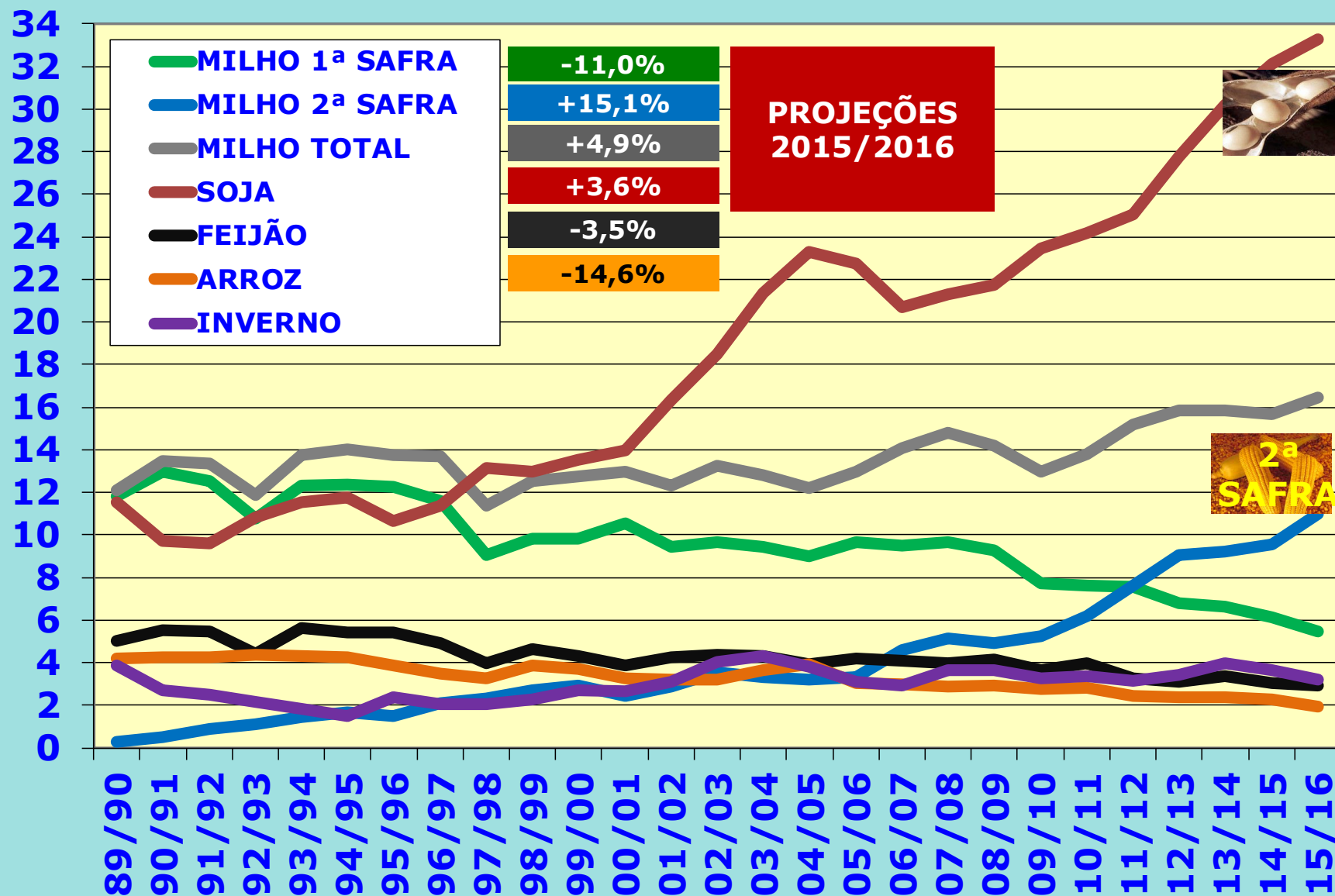
BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2015/2016

- A área de cultivo de grãos deverá crescer 1,8% em 2015/2016, para 58,8 milhões de hectares, uma expansão de 1 milhão de hectares em relação aos 57,8 milhões de hectares de 2014/2015.
- Ocorreu redução de área em praticamente todos os cultivos de verão (1ª safra), com a expansão concentrada na soja, cuja área cresceu 3,6% em 2015/2016, para 33,2 milhões de hectares (acréscimo de 1,151 milhão de hectares sobre 2014/2015).
- O avanço da área de soja e a forte expansão da área de cultivo de milho na 2ª safra (inverno) compensaram os recuos na 1ª safra (verão) nas culturas de milho, feijão, arroz e algodão, bem como da projeção de retração da área de trigo a ser plantada em 2016.
- A área de cultivo de trigo deve recuar 13,6% em 2016, com quedas previstas em 14,7% no Paraná e 11,2% no Rio Grande do Sul.
- As duas últimas safras de trigo foram afetadas por adversidades climáticas e o retorno da Argentina como grande produtor e exportador global também pesa sobre a decisão dos produtores brasileiros.

BRASIL: ÁREA DE CULTIVO DE GRÃOS MILHÕES DE HECTARES

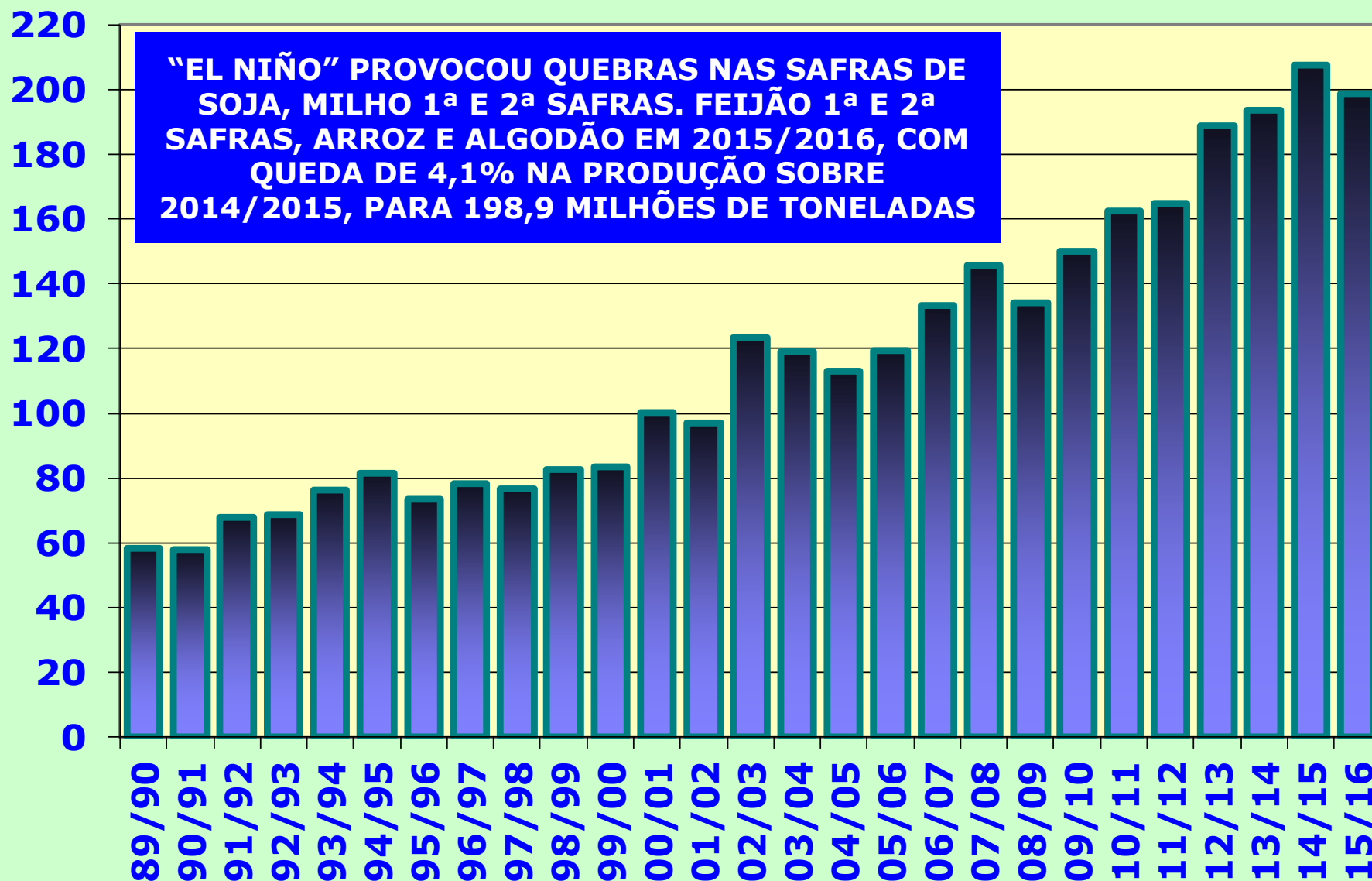


GRÃOS: EVOLUÇÃO DA ÁREA POR CULTURAS - MILHÕES DE HECTARES



BRASIL: PRODUÇÃO DE GRÃOS

MILHÕES DE TONELADAS



CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107

- Revendas de insumos e tradings devem elevar sua participação no financiamento da próxima safra 2016/2017.
- Mesmo com produtores mais capitalizados neste ciclo, os que precisam recorrer a financiamento do custeio vão esbarrar em regras mais duras para concessão e a modalidade de barter (operação de troca de insumos por grãos, realizada entre agricultor, revenda e trading) deve crescer.
- O produtor está com problemas nos bancos, recorrendo mais às tradings e aos distribuidores.
- São fechados negócios com muitos grandes produtores que antes compravam insumos à vista porque tinham dinheiro no banco.
- A demanda por crédito será maior em 2016 do que foi em 2015 porque muitos produtores têm registrado perdas em lavouras de milho 2ª safra e, menos capitalizados, precisarão recorrer aos bancos para financiar a próxima produção.
- A demanda será maior, mas o volume a ser liberado pelo plano safra será o mesmo e as revendas terão de financiar parcela maior este ano.

CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107

- Na fatia de negócios custeados pelas próprias revendas estão tanto os travados diretamente com o produtor com prazo safra (a revenda adianta os produtos e recebe o pagamento após a colheita) quanto as vendas por barter – a justificativa é o receio de inadimplência.
- Para vender a prazo tem que ter o perfil bem traçado desse cliente.
- Os produtores menores vão ficar peregrinando em busca de revendas que os financiem e devem encontrar ainda menos opções porque muitas revendas, especialmente as de menor porte, estão bastante endividadas e com baixa capacidade de obtenção de crédito para suas operações.
- Já as operações de barter devem crescer para 2016/2017.
- O barter oferece uma garantia que a venda a prazo não tem, que é o penhor do produto, a Cédula de Produto Rural (CPR).
- Com o resultado de janeiro a maio, as revendas de insumos estimam aumento nas vendas de adubos e defensivos no segundo semestre.
- Há possibilidade de crescimento, com produtores mais interessados em ampliar o investimento, voltando a aplicar a dosagem tradicional de fertilizantes e adquirindo defensivos de alta tecnologia.

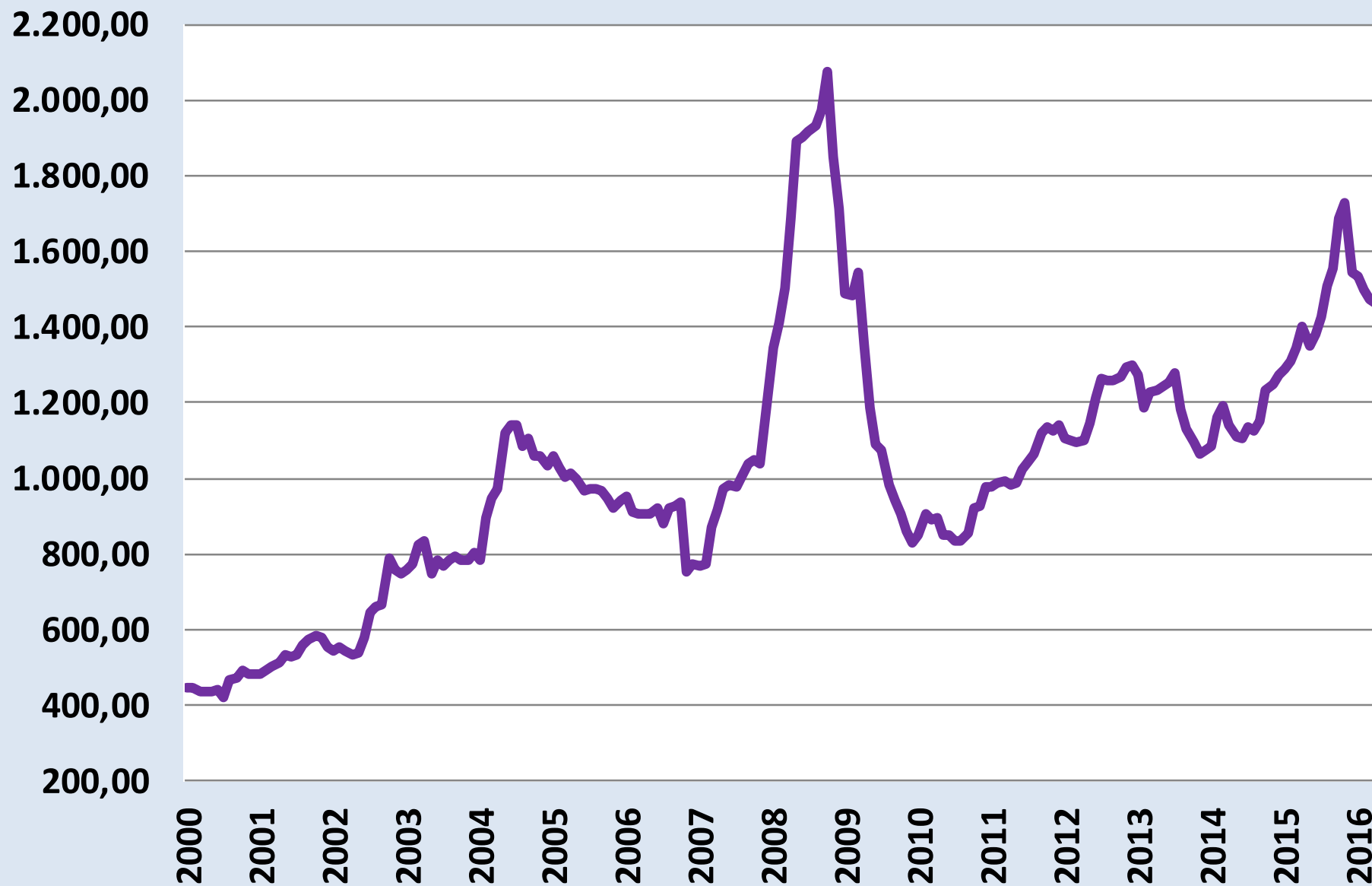
CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107

- Por trás dessa reversão está a remuneração obtida na venda da safra de verão em um período de câmbio bastante favorável e, agora, com oportunidades atraentes para o produtor de milho segunda safra, por causa da demanda aquecida pelo cereal no mercado doméstico.
- Quem colheu bem e tem dinheiro está antecipando as compras.
- Os preços em Reais dos fertilizantes estão de 10% a 15% mais baixos em 2016 que no ano passado e contribuem para o avanço nas vendas.
- Em Mato Grosso, entre 40% e 50% dos negócios envolvendo sementes, fertilizantes e defensivos foram fechados no primeiro quadrimestre.
- Diferentemente de 2015, entretanto, neste ano os produtores voltaram a aplicar a dosagem normal de fertilizantes na terra.
- Em 2015, com a alta dos fertilizantes em Real, resultante da valorização do dólar no mercado interno, produtores decidiram aproveitar as reservas de adubo no solo remanescentes de safras anteriores e diminuíram a dose aplicada.
- Em defensivos, o produtor também vem adquirindo produtos de ponta.

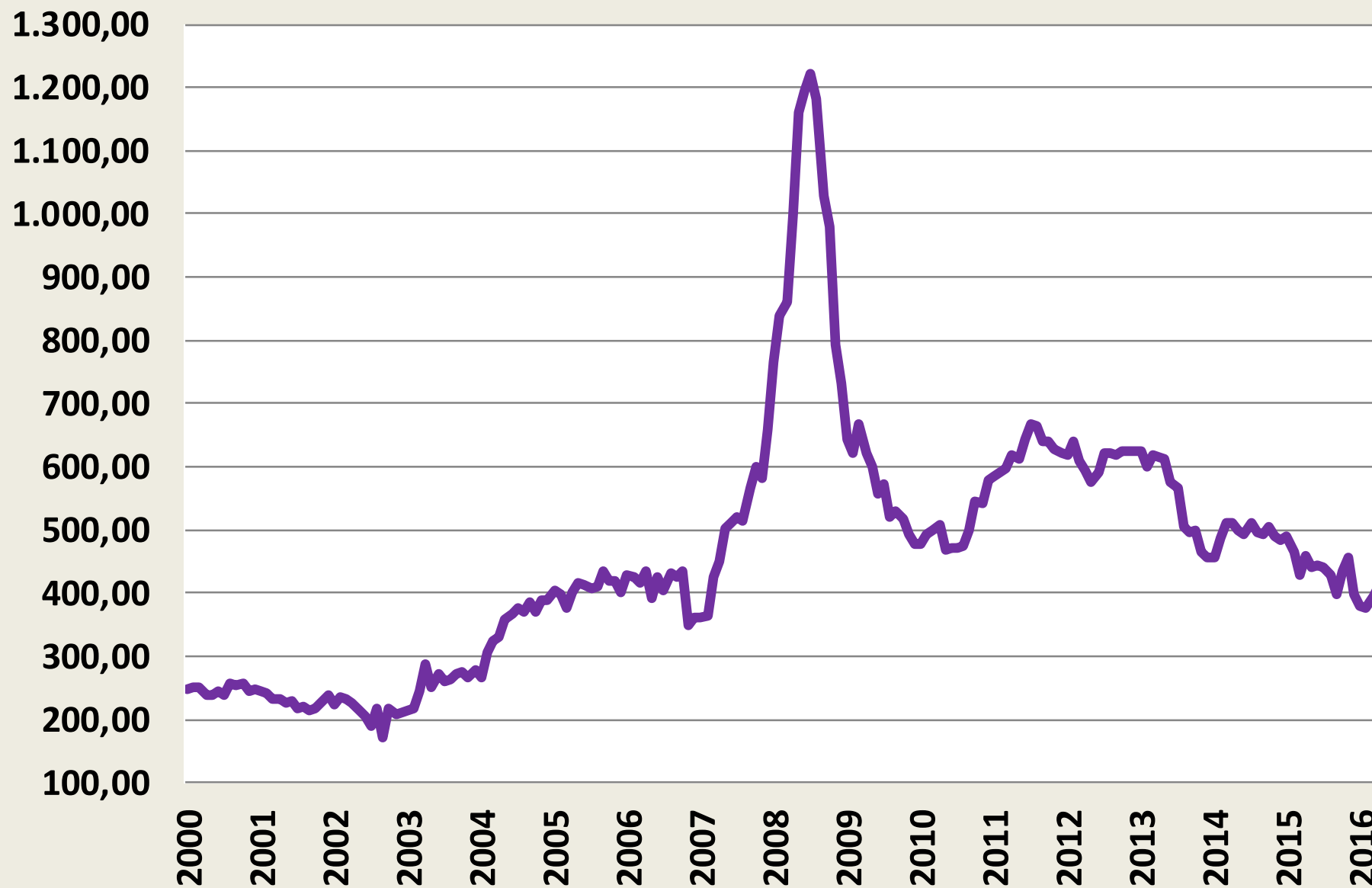
CUSTEIO DA SAFRA DE VERÃO 2016/2107

- Em Mato Grosso, o valor dos fertilizantes em Real também caiu, mas as negociações são travadas majoritariamente em dólar.
- Em Goiás, o ritmo das vendas de fertilizantes para a safra de soja 2016/2017 ficou mais lento nos primeiros quatro meses de 2016.
- Em Mato Grosso, as vendas de fertilizantes devem ser um pouco maiores em 2016 que no ano passado, porque foi uma das regiões em que caiu a adubação.
- O valor das sementes aumentou, tanto em função da alta da soja em grão em Chicago, que afeta diretamente o preço das sementes da oleaginosa, como pelo receio de escassez do produto no mercado.
- É possível que alguns produtores estejam antecipando as aquisições de sementes pela possibilidade de faltar produto no mercado, já que a colheita de sementes de soja no ciclo 2015/2016 não foi a esperada.
- O preço das sementes está 15% mais alto que no ano passado.
- Ainda assim, produtores têm buscado sementes com mais tecnologia, em função da alta dos preços da soja e do milho para 2016/2017.

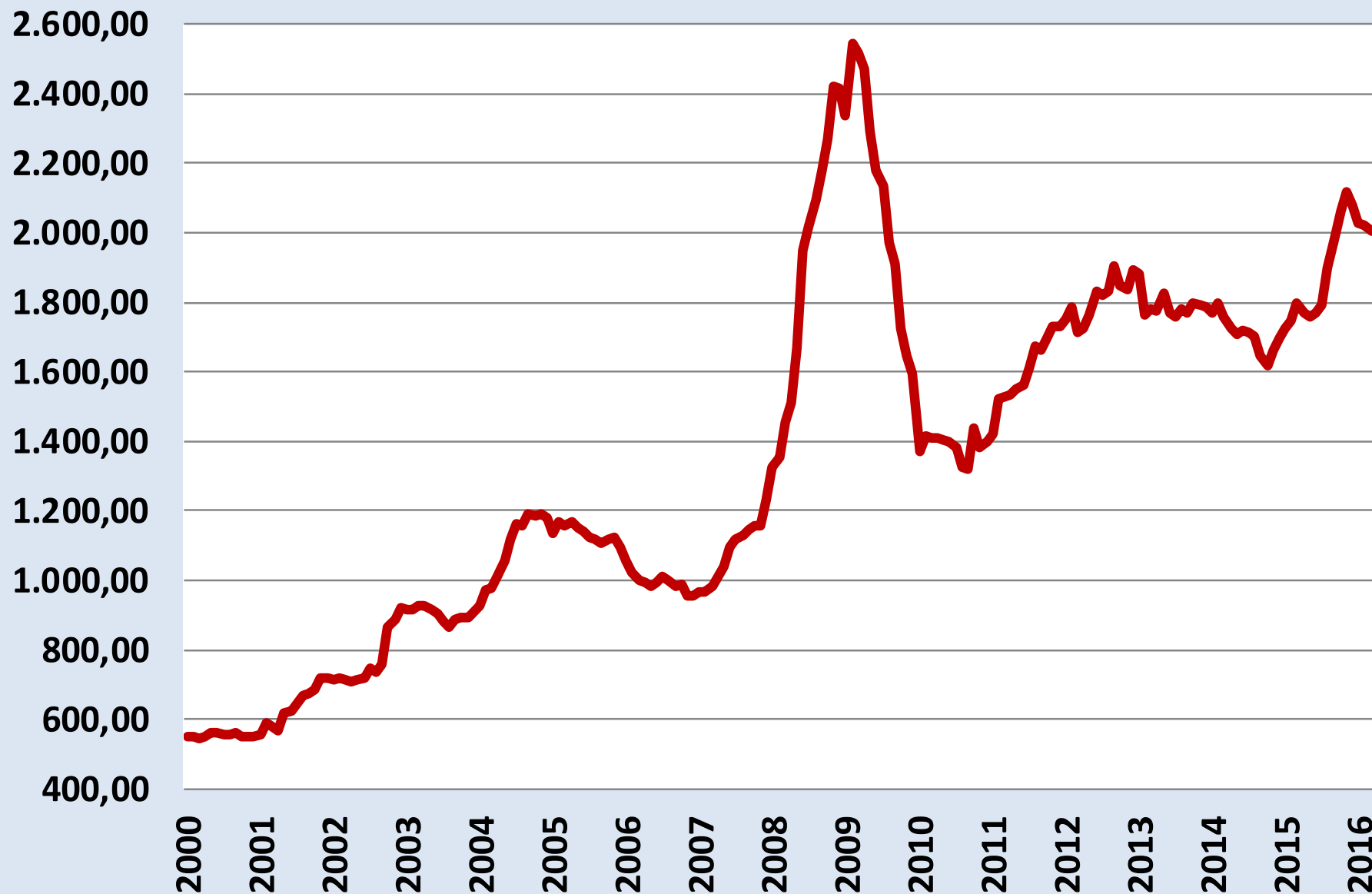
ADUBO 4-20-20: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



ADUBO 4-20-20: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



CLORETO DE POTÁSSIO: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



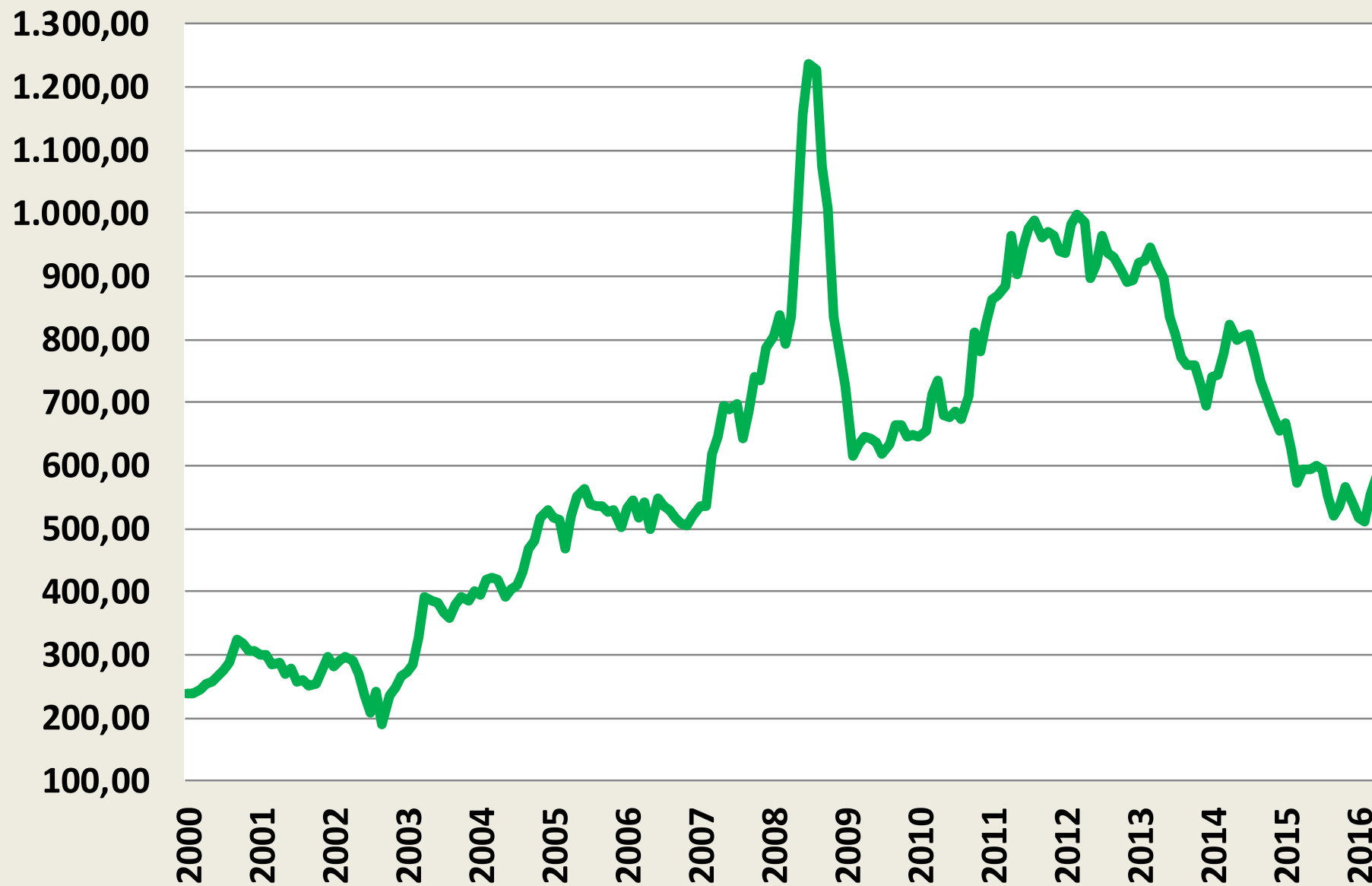
CLORETO DE POTÁSSIO: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



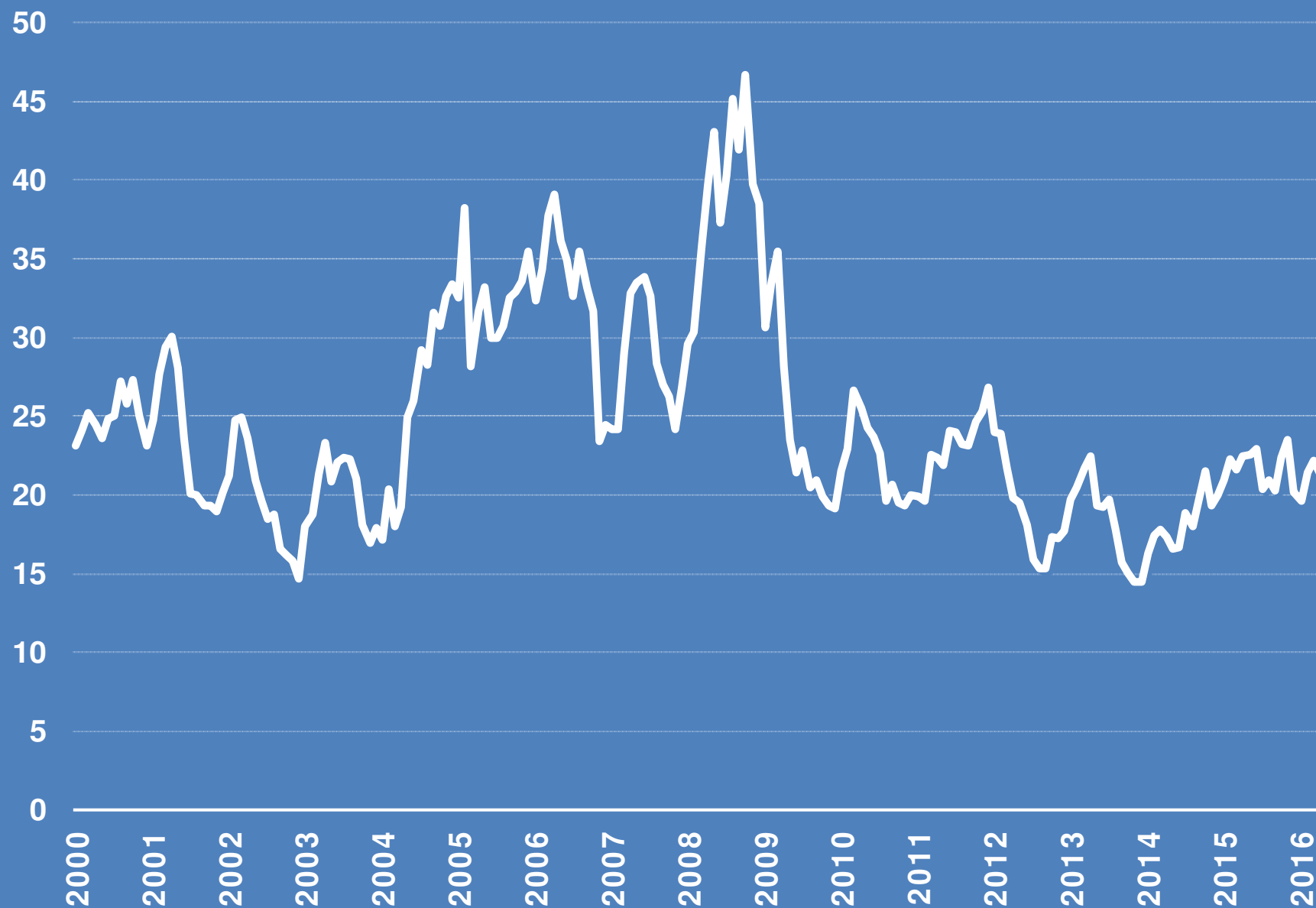
UREIA: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - R\$/TONELADA



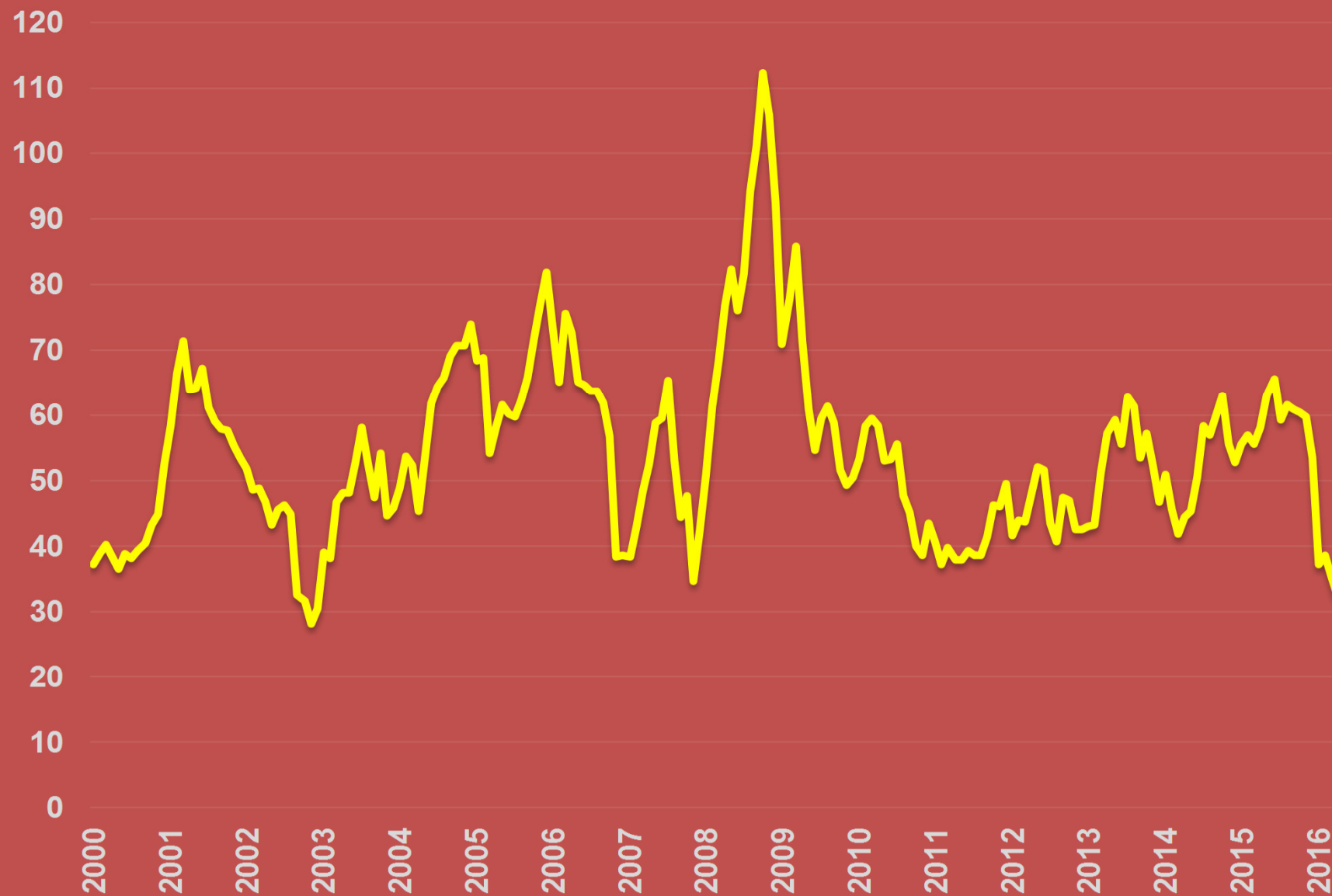
UREIA: EVOLUÇÃO DOS PREÇOS PAGOS PELO PRODUTOR - US\$/TONELADA



SACAS DE SOJA PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FERTILIZANTES - MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL



SACAS DE MILHO PARA ADQUIRIR 1 TONELADA DE FERTILIZANTES - MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL





SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- A tendência é altista para os preços da soja no mercado brasileiro, com a alta dos futuros em Chicago, exportações aquecidas, demanda interna firme por farelo e óleo e quebras confirmadas na safra da Argentina, bem como forte alta dos prêmios pagos nos portos brasileiros.
- O contrato julho/2016 em Chicago está mais próximo dos US\$ 12 por bushel, maior nível em 2 anos e alta acumulada de 36% em 2016.
- A projeção de consumo de soja na China em 2016/2017 é de um recorde de 100,8 milhões de toneladas, 5,8% acima das 95,25 milhões de toneladas em 2015/2016.
- A projeção de importações da China em 2016/2017 é de 87,0 milhões de toneladas, 4,8% acima das 83,0 milhões de toneladas em 2015/2016.
- Na Argentina, a avaliação preliminar é que a safra deve cair de 60 milhões de toneladas para 50 milhões a 55 milhões de toneladas.
- Como o país é o maior exportador global de farelo e óleo de soja, deverá haver desvio de demanda para os Estados Unidos, bem como para o Brasil.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Nos Estados Unidos, há a ameaça de estiagem em junho e a possibilidade de o fenômeno La Niña atingir o país.
- No Brasil, as quebras de safra no Matopiba (MA, PI, TO e BA) e algumas áreas do Centro-Oeste reduziram a safra de 102,6 milhões de toneladas previstos em março para 97 milhões de toneladas.
- As perdas mais acentuadas ocorreram no PI, MA, TO, BA e MT.
- Entre janeiro e maio, as exportações brasileiras de soja em grãos atingiram o recorde de 30,804 milhões de toneladas, 37,3% acima do mesmo período do ano passado.
- Com isso, os prêmios nos portos brasileiros subiram para US\$ 1,20 por bushel acima da cotação em Chicago (Chicago US\$ 11,90 + prêmio US\$ 1,20 = US\$ 13,10 por bushel no porto brasileiro).
- A entressafra doméstica será antecipada em 2016.
- Com os contratos futuros em patamares mais altos na Bolsa de Chicago, há antecipação das negociações para a safra 2016/2017 no Brasil, com vendas que atingem 20% da produção esperada, até final de maio.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- As demandas externa e interna por soja em grão e farelo continuam firmes e os preços internacionais, em alta.
- Com isso, para atrair vendedores, os prêmios de exportação tiveram uma reação expressiva.
- Esse cenário, por sua vez, elevou os valores da soja no spot nacional, que atingiram os maiores patamares reais desde dezembro/2012.
- Os prêmios de exportação do grão, em Paranaguá (PR), para embarque junho/2016 (primeiro vencimento), estão em +US\$ 1,30 por bushel, o maior patamar desde setembro/2015.
- O valor FOB da soja para o vencimento junho/2016 subiu significativos 6,2% em sete dias, para US\$ 28,79 por saca de 60 Kg.
- Para o óleo de soja, houve avanço de 0,2% para o mesmo vencimento, para US\$ 735,24/tonelada, enquanto o embarque Junho/2016 de farelo de soja teve ligeira baixa de 0,7%, para US\$ 436,62/tonelada.
- A tendência é de novas altas nos preços do grão, já que um grande volume de soja já foi comercializado neste ano.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Muitos compradores já estão preocupados quanto à possível baixa oferta no próximo semestre.
- Mesmo diante dos preços elevados, compradores estão ativos nas aquisições, no intuito de garantir a oleaginosa para o próximo semestre.
- Além da intensa demanda por soja brasileira neste ano, os preços elevados são reflexos das condições climáticas desfavoráveis ao cultivo da oleaginosa no Brasil e na Argentina, que resultaram em menor produção e queda na qualidade do grão na safra 2015/2016.
- Na Argentina, a colheita chegou a 86,7% da área cultivada com soja, com produção estimada entre 50 milhões a 55 milhões de toneladas.
- Para o Brasil, a produção da safra 2015/2016 foi revisada para 97 milhões de toneladas – na região do Matopiba, as quebras na safra atingiram 65% no Piauí, 41% no Maranhão, 37% em Tocantins e 23% na Bahia.
- As exportações estão estimadas em 54,5 milhões de toneladas.
- Neste contexto, o estoque final da soja em dezembro/2016 cairia para apenas 420 mil de toneladas.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Na Bolsa de Chicago, o primeiro vencimento (Julho/2016) da soja subiu 2,8% em sete dias, se aproximando mais dos US\$ 12 por bushel.
- O contrato Julho/2016 de óleo se valorizou 2,4% em sete dias, para US\$ 728,18/tonelada.
- Já para o farelo de soja, houve recuo de 1,1% no primeiro vencimento, para US\$ 455,80/tonelada.
- No mercado interno, o Indicador da soja Paranaguá ESALQ/BM&F, referente ao grão depositado no corredor de exportação e negociado na modalidade spot (pronta entrega), no porto de Paranaguá (PR), teve alta de 1,7% em sete dias, para R\$ 96,30 por saca de 60 Kg.
- A média ponderada no Paraná, refletida no Indicador CEPEA/ESALQ, subiu 0,7% em sete dias, para R\$ 91,59 por saca de 60 Kg.
- No segmento de derivados, nos últimos sete dias, na média das regiões brasileiras, os preços de farelo de soja subiram 1,8%.
- Já para o óleo de soja, houve queda de 4,4%, com a tonelada a R\$ 2.762,18 (posto em São Paulo com 12% de ICMS).

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- De acordo com dados do relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foram reduzidas as previsões de estoques finais de soja tanto para a safra 2015/2016 como 2016/2017.
- O estoque final do país em 2015/2016 deve ser de 10,07 milhões de toneladas, 7,5% abaixo da previsão do mês passado, de 10,89 milhões de toneladas.
- Também foi reduzida a projeção de estoque final norte-americano em 2016/2017 em 14,7%, de 8,30 milhões de toneladas, para 7,08 milhões de toneladas.
- O USDA também elevou as projeções de exportação no atual ciclo, de 47,36 milhões de toneladas, para 47,90 milhões de toneladas.
- Já a estimativa de esmagamento subiu para 51,44 milhões de toneladas, contra 51,17 milhões de toneladas previstos em maio.
- A projeção de produção do país em 2016/2017 ficou estável em 103,43 milhões de toneladas, o que significaria uma safra 3,3% abaixo do recorde obtido no ano anterior (2015/2016).

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- A previsão das exportações dos Estados Unidos em 2016/2017 foi elevada para 51,72 milhões de toneladas, contra 51,31 milhões de toneladas previstos há um mês.
- De acordo com o relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a safra global de soja 2016/2017 está estimada em 323,7 milhões de toneladas, abaixo do consumo mundial, projetado em 328,0 milhões de toneladas.
- Será a segunda temporada consecutiva com produção abaixo da demanda, o que se refletirá em recuo dos estoques globais.
- Os estoques finais mundiais de 2016/2017 devem recuar 8,3%, para 66,3 milhões de toneladas, contra 72,3 milhões de toneladas em 2015/2016.
- Caso se ampliem os temores com o clima sobre a safra 2016/2017 dos Estados Unidos, em função do La Niña, os contratos futuros com vencimento no 2º semestre devem embutir um prêmio de risco, elevando mais as cotações futuras da soja em Chicago.

SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL
EM MILHÕES DE TONELADAS

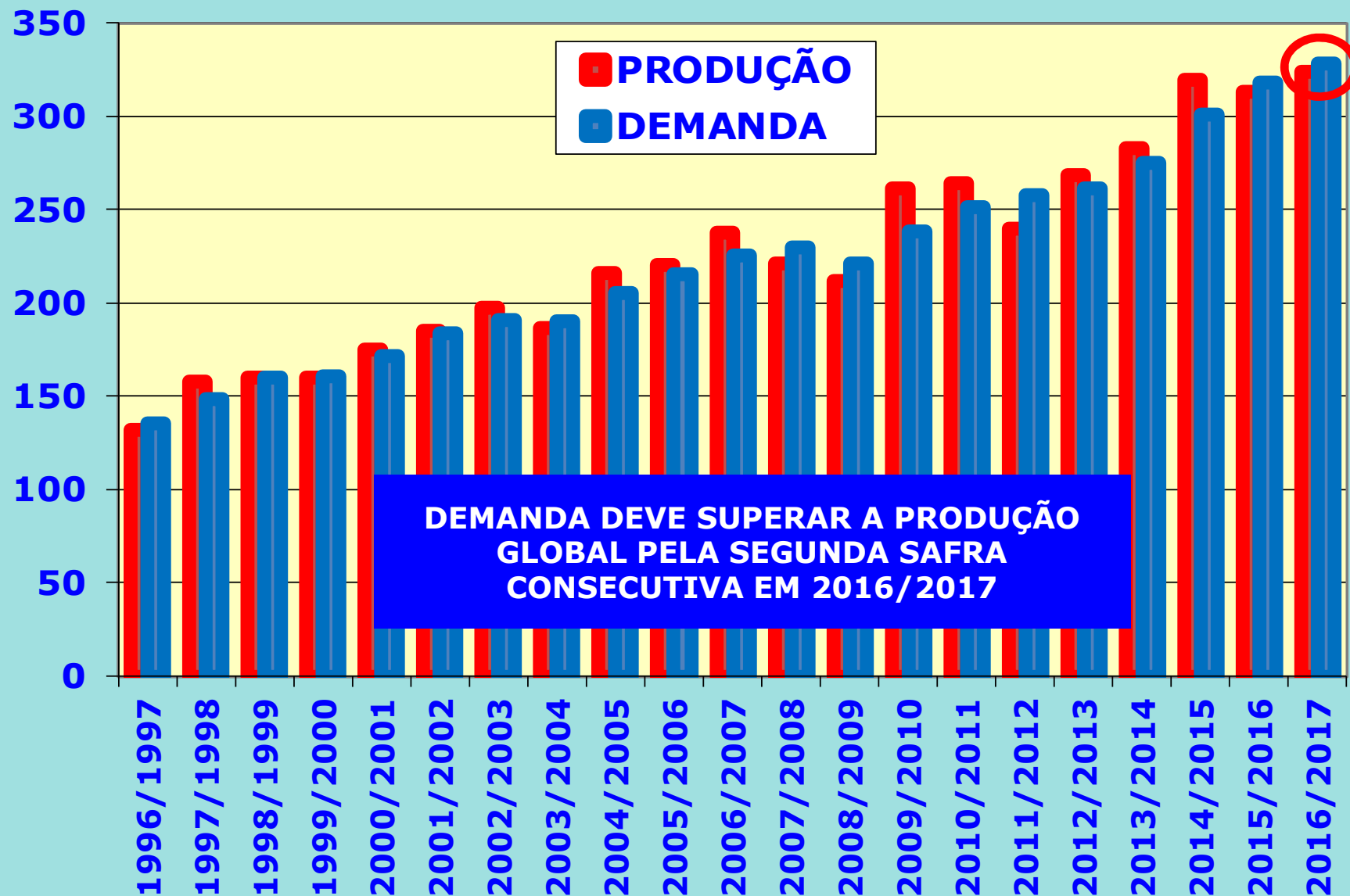
ANO SAFRA	PRODUÇÃO MUNDIAL	DEMANDA MUNDIAL	VARIAÇÃO DEMANDA	COMÉRCIO MUNDIAL	ESMAGAMENTO MUNDIAL	ESTOQUES FINAIS	ESTOQUES/ CONSUMO	PREÇO MÉDIO US\$/bushel
1989/1990	95,6	105,0		27,3	81,1	20,2	19,2%	3,97
1990/1991	107,4	103,8	-1,1%	25,4	88,0	20,6	19,8%	5,68
1991/1992	104,1	109,6	5,6%	28,1	87,3	18,4	16,8%	5,67
1992/1993	107,4	115,3	5,2%	29,3	92,3	20,2	17,5%	6,26
1993/1994	117,3	120,6	4,6%	27,7	96,7	17,2	14,3%	6,24
1994/1995	117,5	132,2	9,6%	32,0	102,0	23,7	17,9%	6,12
1995/1996	137,5	131,6	-0,5%	31,6	109,8	17,5	13,3%	7,53
1996/1997	132,2	135,7	3,1%	36,8	112,1	13,5	9,9%	7,52
1997/1998	158,0	148,6	9,5%	39,3	115,5	21,6	14,5%	6,58
1998/1999	159,8	160,0	7,6%	37,9	135,7	26,6	16,7%	6,45
1999/2000	159,9	160,7	0,5%	45,6	136,2	26,9	16,7%	4,63
2000/2001	175,1	171,8	6,9%	53,8	146,8	30,6	17,8%	4,54
2001/2002	184,9	184,0	7,1%	53,0	158,0	32,2	17,5%	4,38
2002/2003	197,0	190,7	3,7%	61,3	165,0	40,8	21,4%	5,53
2003/2004	186,8	190,0	-0,4%	56,0	163,6	37,6	19,8%	7,34
2004/2005	215,8	205,2	8,0%	64,8	175,7	48,5	23,6%	6,40
2005/2006	220,5	215,3	4,9%	63,9	185,1	52,9	24,6%	6,03
2006/2007	237,4	225,5	4,8%	71,1	195,9	62,7	27,8%	7,80
2007/2008	221,2	229,7	1,9%	78,3	201,9	53,0	23,1%	13,50
2008/2009	212,0	221,3	-3,7%	77,2	193,2	42,6	19,2%	10,50
2009/2010	261,1	238,0	7,5%	91,4	209,3	60,0	25,2%	10,10
2010/2011	263,9	251,6	5,7%	91,7	221,4	70,1	27,9%	13,40
2011/2012	239,6	257,7	2,4%	92,2	228,2	53,6	20,8%	15,50
2012/2013	268,8	261,2	1,4%	100,5	230,2	57,4	22,0%	14,50
2013/2014	282,6	275,3	5,4%	112,7	241,3	61,8	22,4%	13,50
2014/2015	319,7	300,8	9,3%	126,2	263,3	78,3	26,0%	9,80
2015/2016	313,3	318,0	5,7%	132,0	279,3	72,3	22,7%	9,50
2016/2017	323,7	328,0	3,1%	137,7	288,4	66,3	20,2%	11,00
VAR 2015- 2016/ 2014- 2015	-2,0%	5,7%		4,7%	6,1%	-7,7%	-12,7%	-3,1%
VAR 2016- 2017/ 2015- 2016	3,3%	3,1%		4,3%	3,3%	-8,3%	-11,1%	15,8%

Fonte: USDA JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

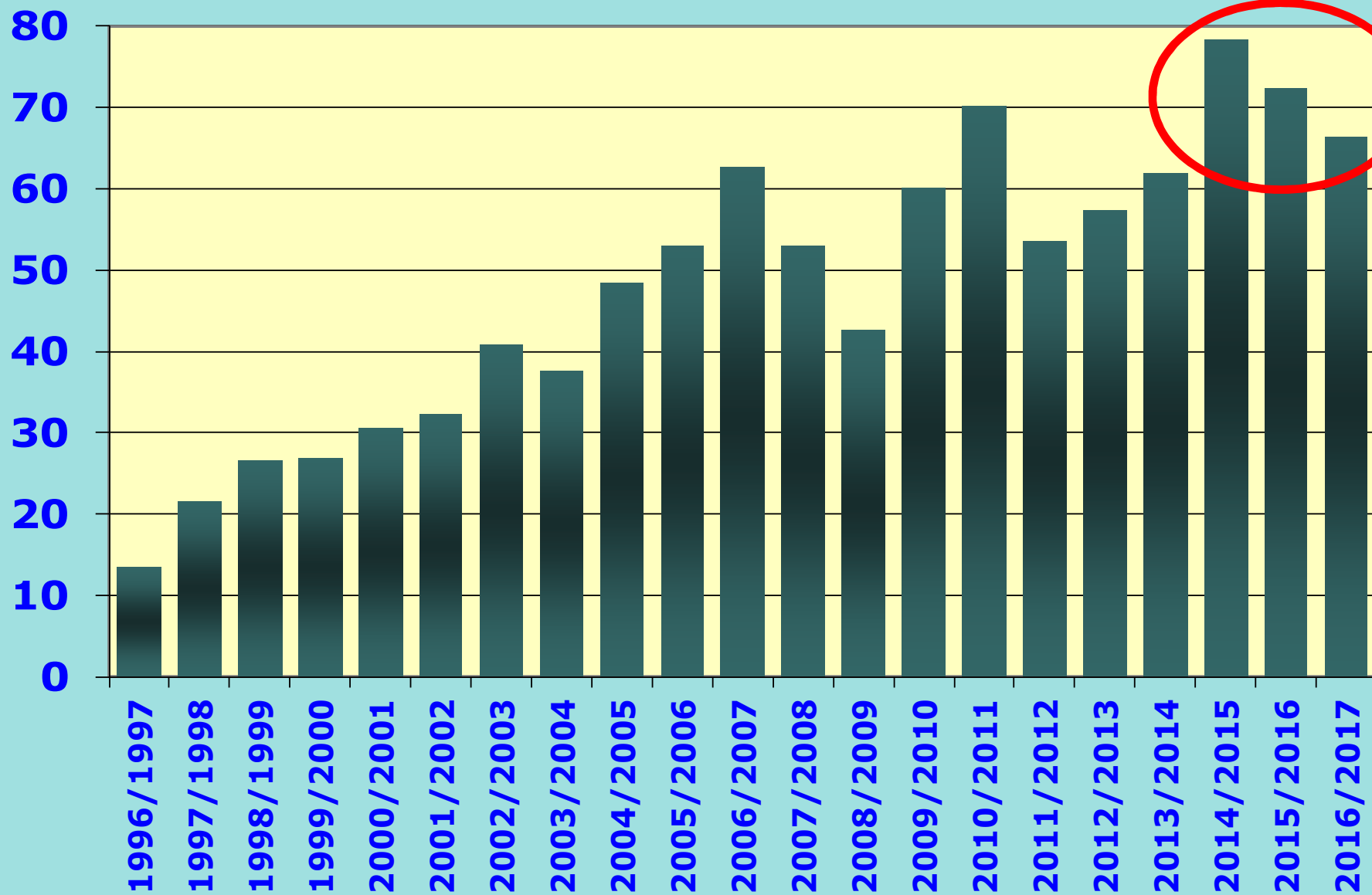
SOJA: OFERTA x DEMANDA MUNDIAL

MILHÕES DE TONELADAS

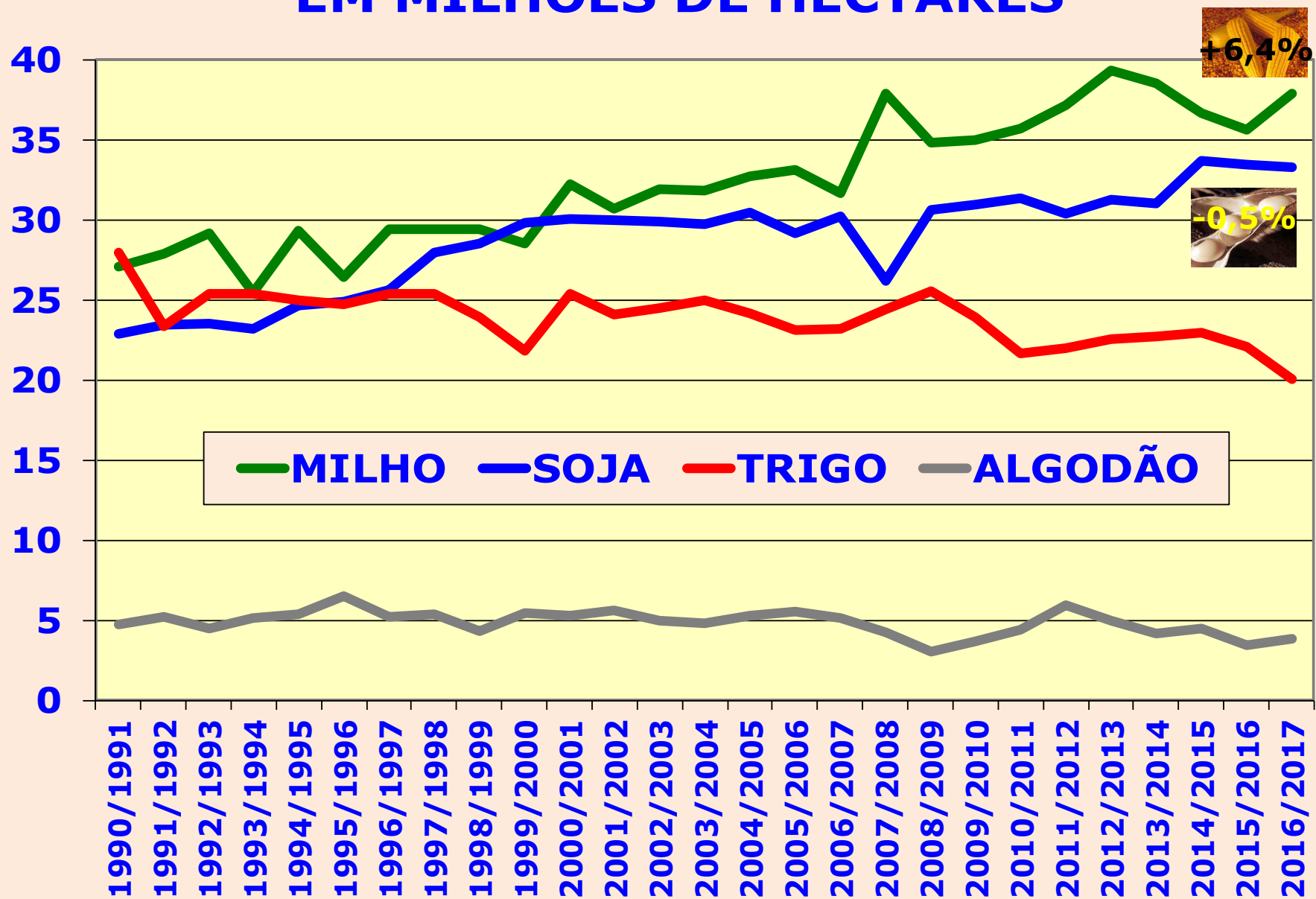


**DEMANDA DEVE SUPERAR A PRODUÇÃO
GLOBAL PELA SEGUNDA SAFRA
CONSECUTIVA EM 2016/2017**

SOJA: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



EUA: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE GRÃOS EM MILHÕES DE HECTARES



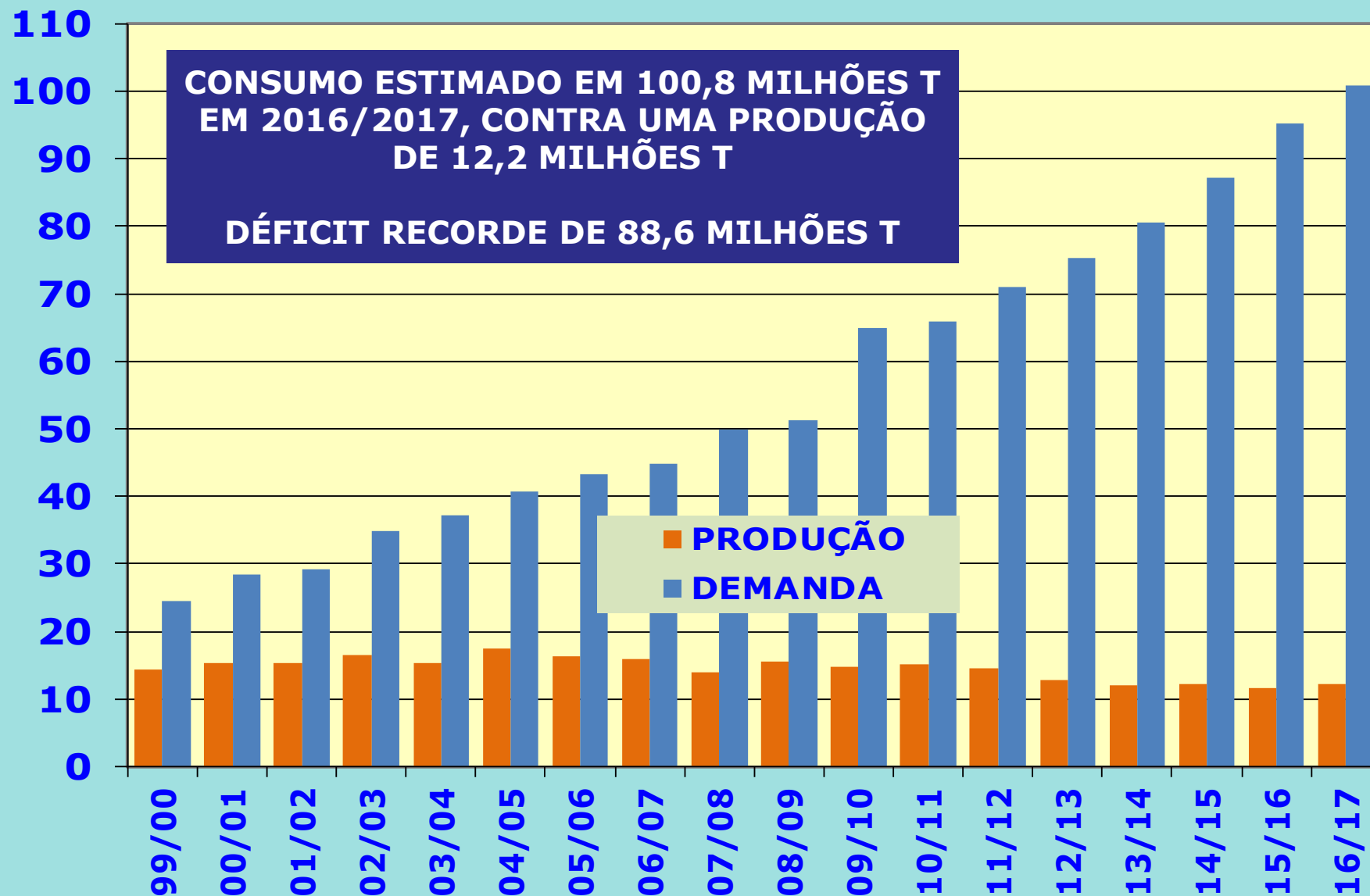
EUA: PRODUÇÃO DE SOJA MILHÕES DE TONELADAS



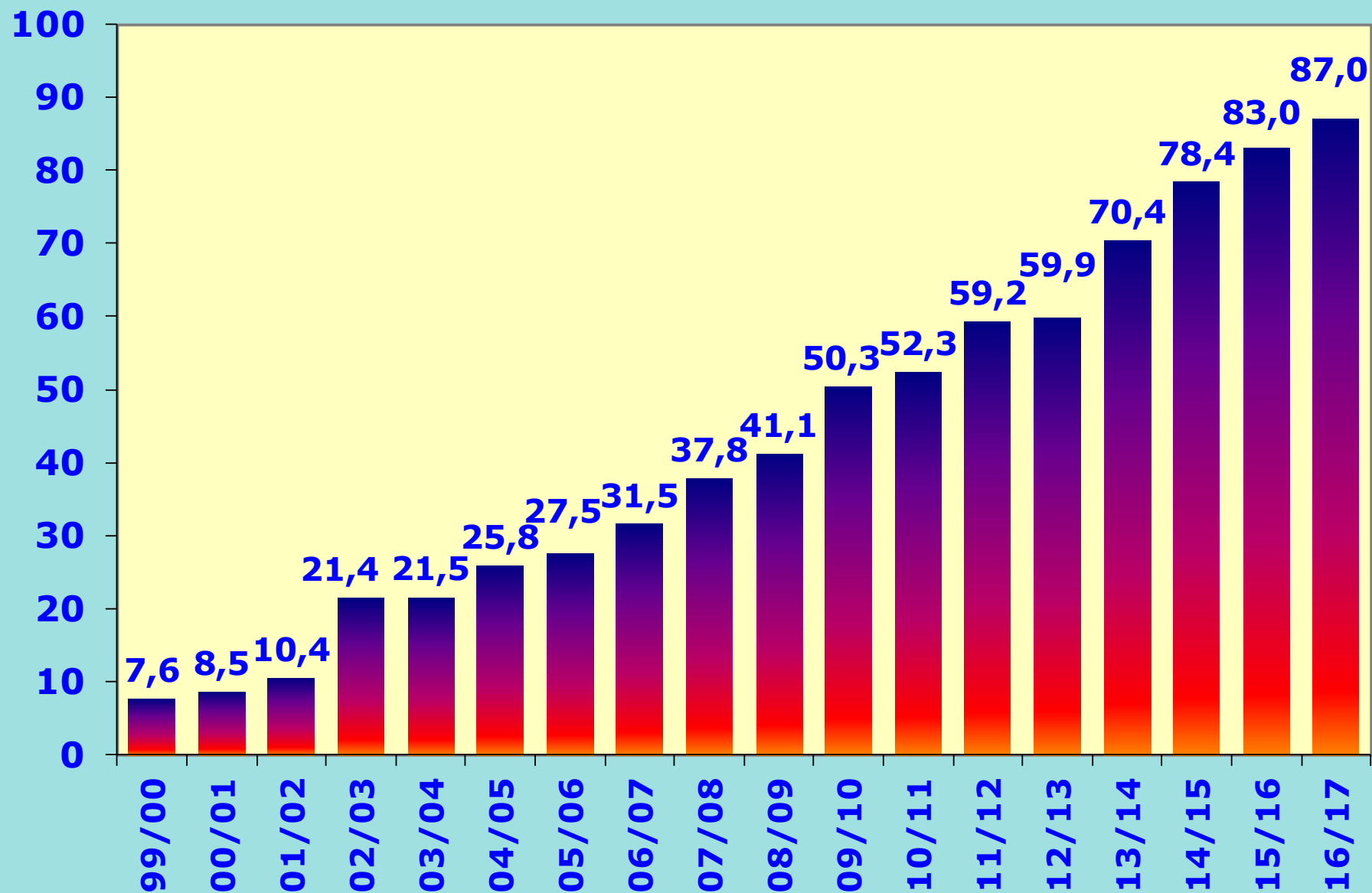
CHINA: OFERTA E DEMANDA DE SOJA

SAFRA	PRODUÇÃO	CONSUMO	ESMAGAMENTO	IMPORTAÇÕES
99/00	14,29	24,60	15,07	7,60
00/01	15,40	28,36	18,90	8,50
01/02	15,41	29,19	20,31	10,39
02/03	16,51	34,81	22,95	21,42
03/04	15,39	37,26	25,44	21,50
04/05	17,40	40,78	30,27	25,80
05/06	16,35	43,35	34,50	27,50
06/07	15,97	44,74	35,48	31,50
07/08	14,00	49,82	39,52	37,82
08/09	15,54	51,34	41,04	41,10
09/10	14,70	65,01	48,83	50,34
10/11	15,10	65,95	55,00	52,34
11/12	14,48	71,07	60,97	59,23
12/13	12,80	75,32	64,95	59,87
13/14	11,95	80,60	68,85	70,36
14/15	12,15	87,20	74,50	78,35
15/16	11,60	95,25	81,80	83,00
16/17	12,20	100,80	87,00	87,00
17/16	5,2%	5,8%	6,4%	4,8%
17/00	-15%	310%	477%	1045%

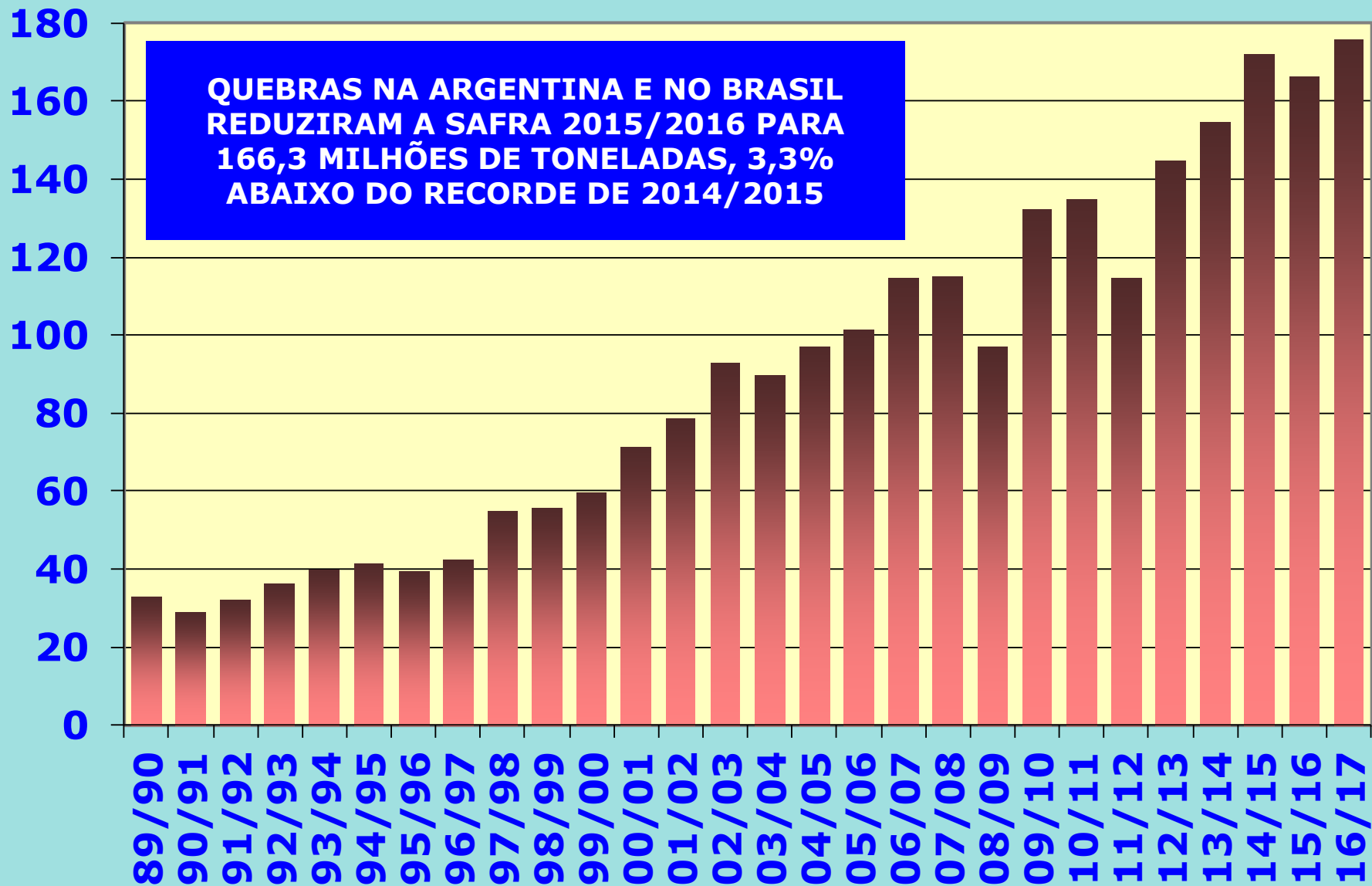
CHINA: PRODUÇÃO E DEMANDA DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



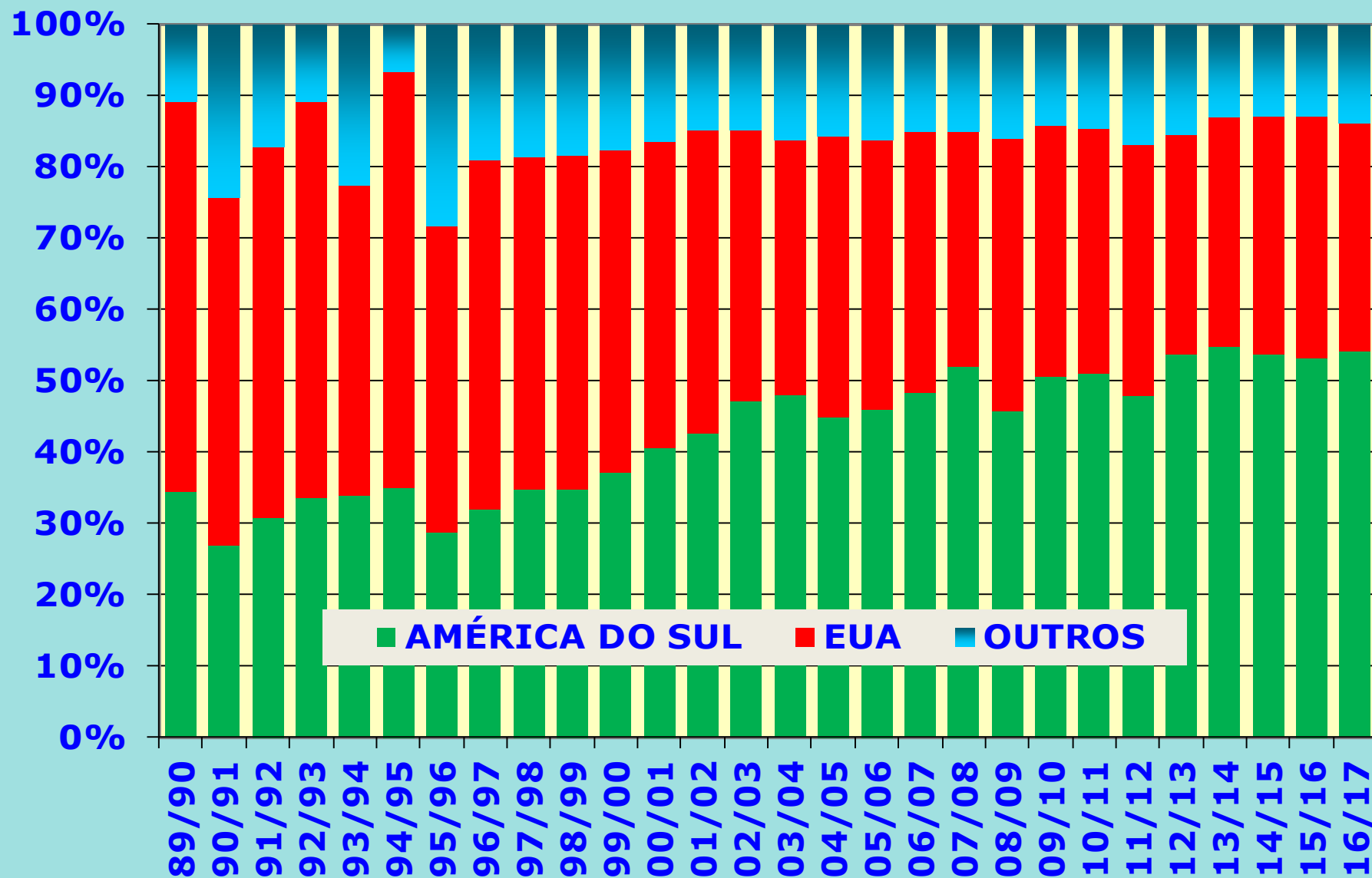
CHINA: IMPORTAÇÕES DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



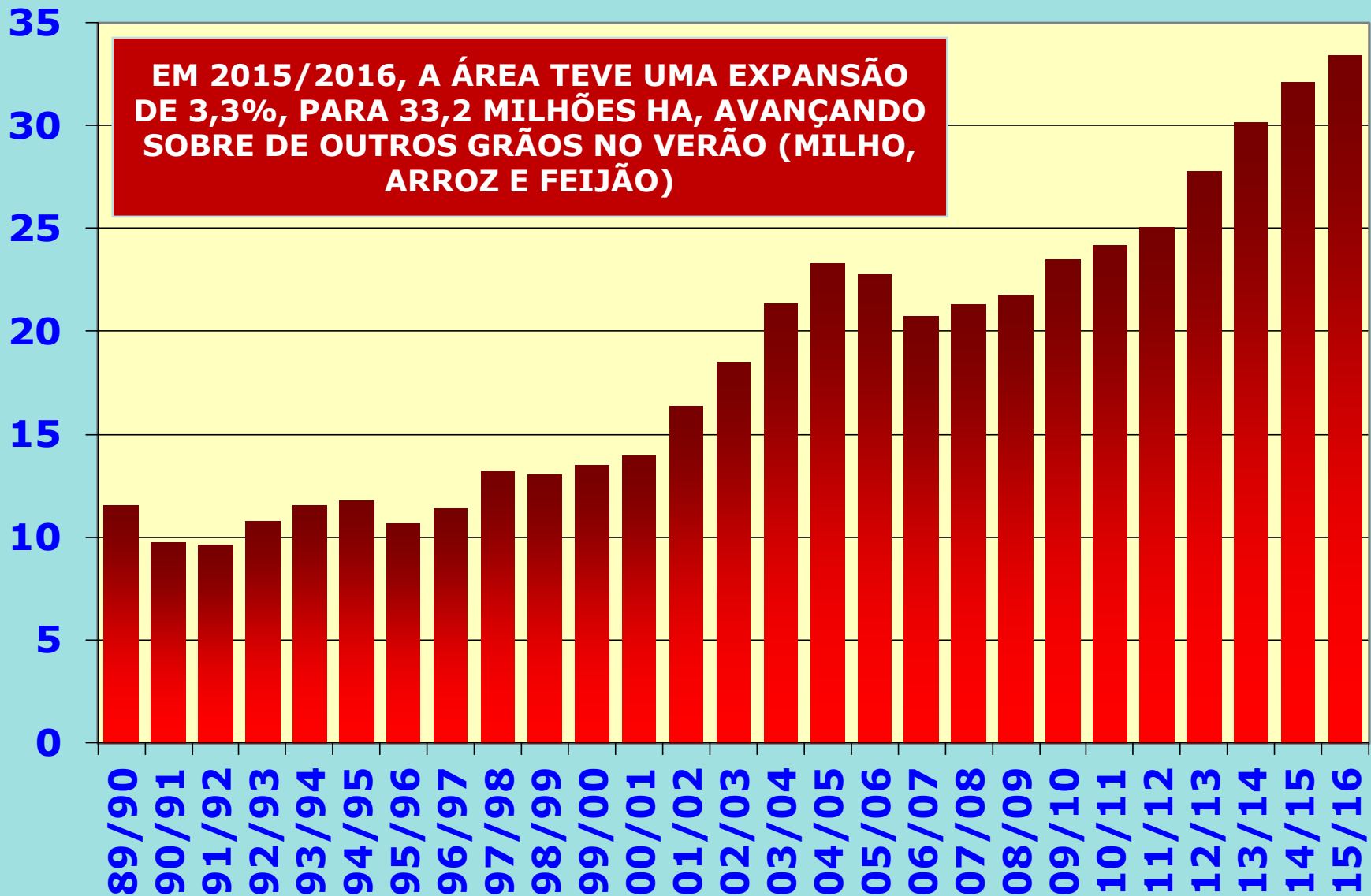
AMÉRICA DO SUL: PRODUÇÃO DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



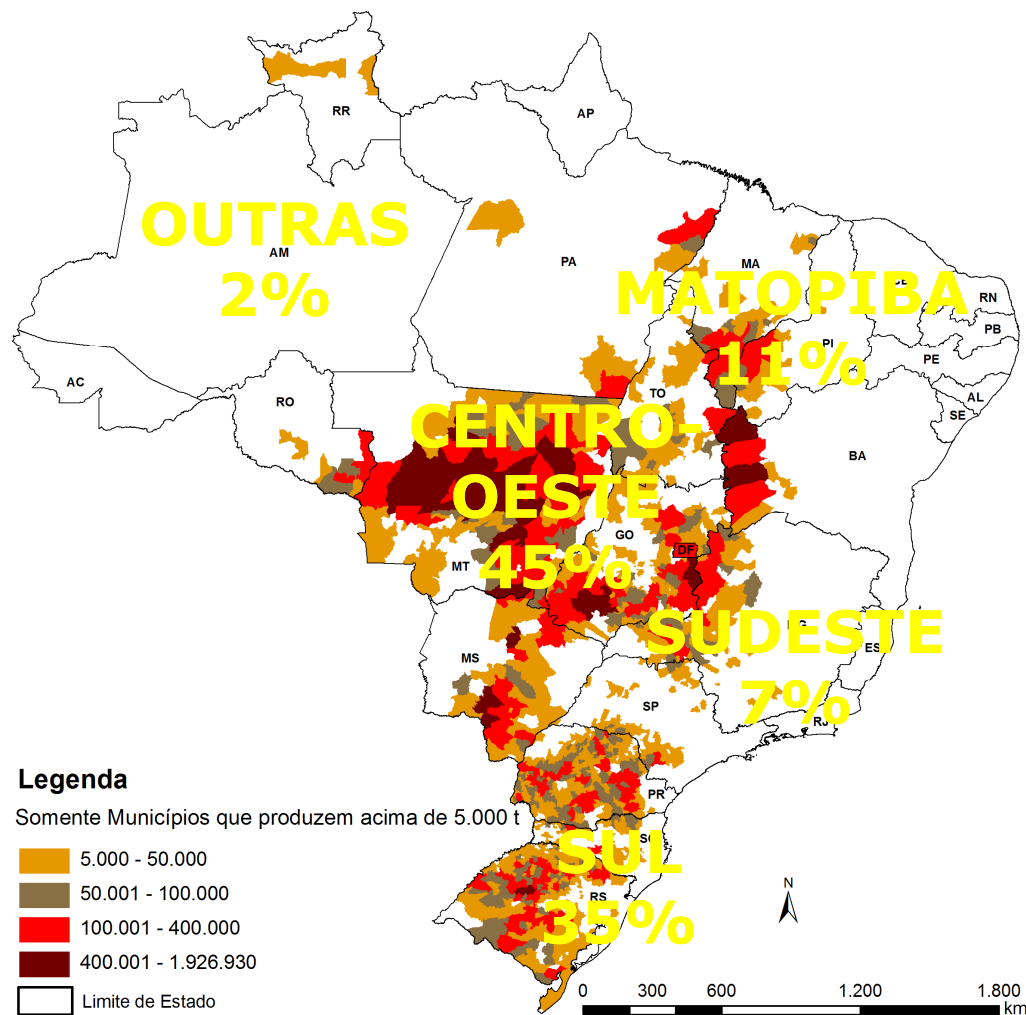
SOJA: COMPOSIÇÃO DA OFERTA MUNDIAL (%)



SOJA: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA



SOJA: PRODUÇÃO NA SAFRA 2015/2016



SOJA: CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
RR	C						P	P	P		C	C
RO	P	P	P	C	C	C	C					
PA		P	P	P		C	C	C	C			
TO	P	P	P		C	C	C	C				
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		
PI		P	P	P		C	C	C	C			
BA	P	P	P		C	C	C	C				
Centro-Oeste												
MT	P	P	P	C	C	C	C					P
MS	P	P	P	C	C	C	C					P
GO	P	P	P	C	C	C	C					
DF	P	P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P	C	C	C	C	C				
SP	P	P	P		C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P	P	C	C	C	C					P
SC	P	P	P	P	P/C	C	C	C				
RS	P	P	P			C	C	C				

SOJA: PRODUÇÃO NO BRASIL

MILHÕES DE TONELADAS

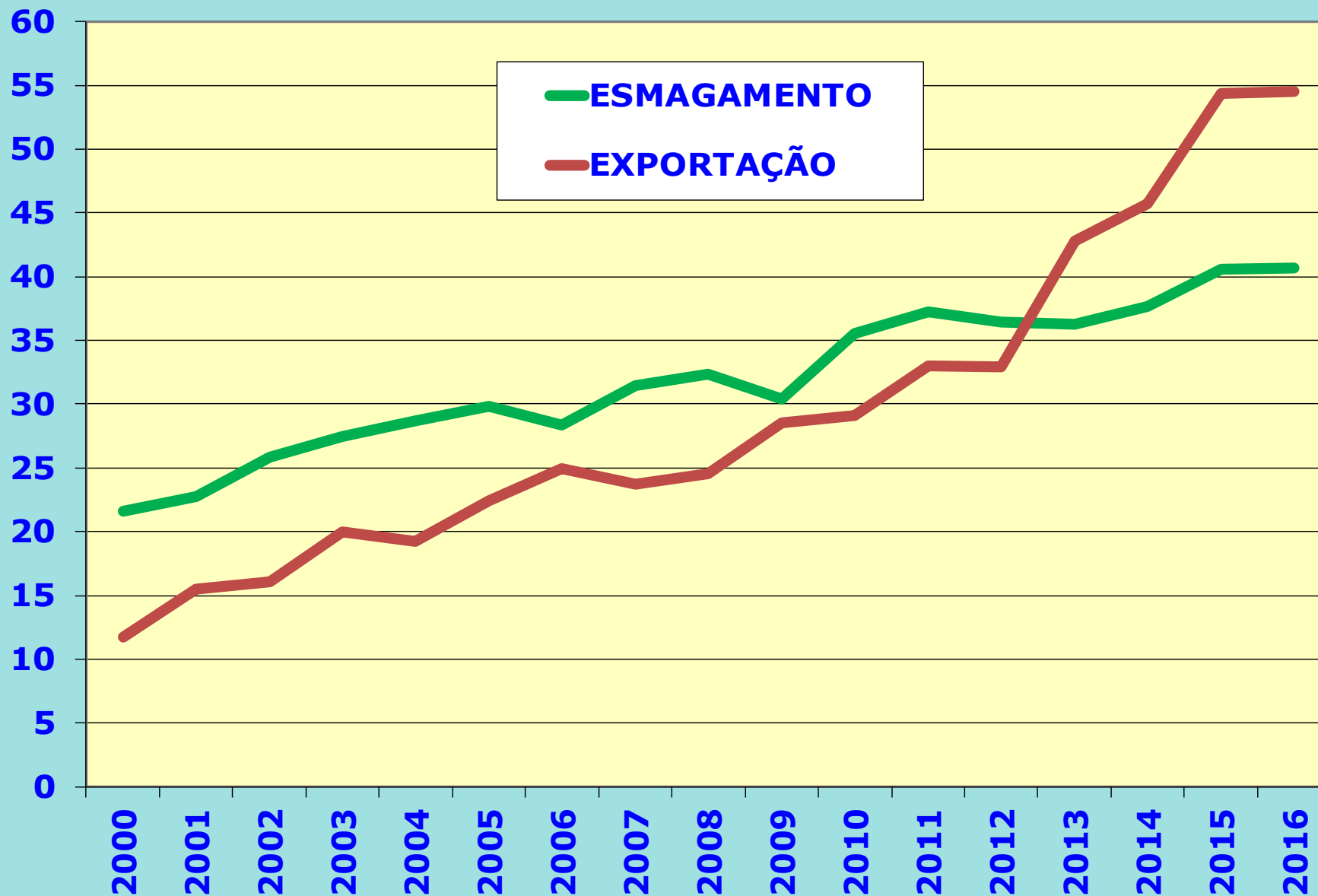


SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

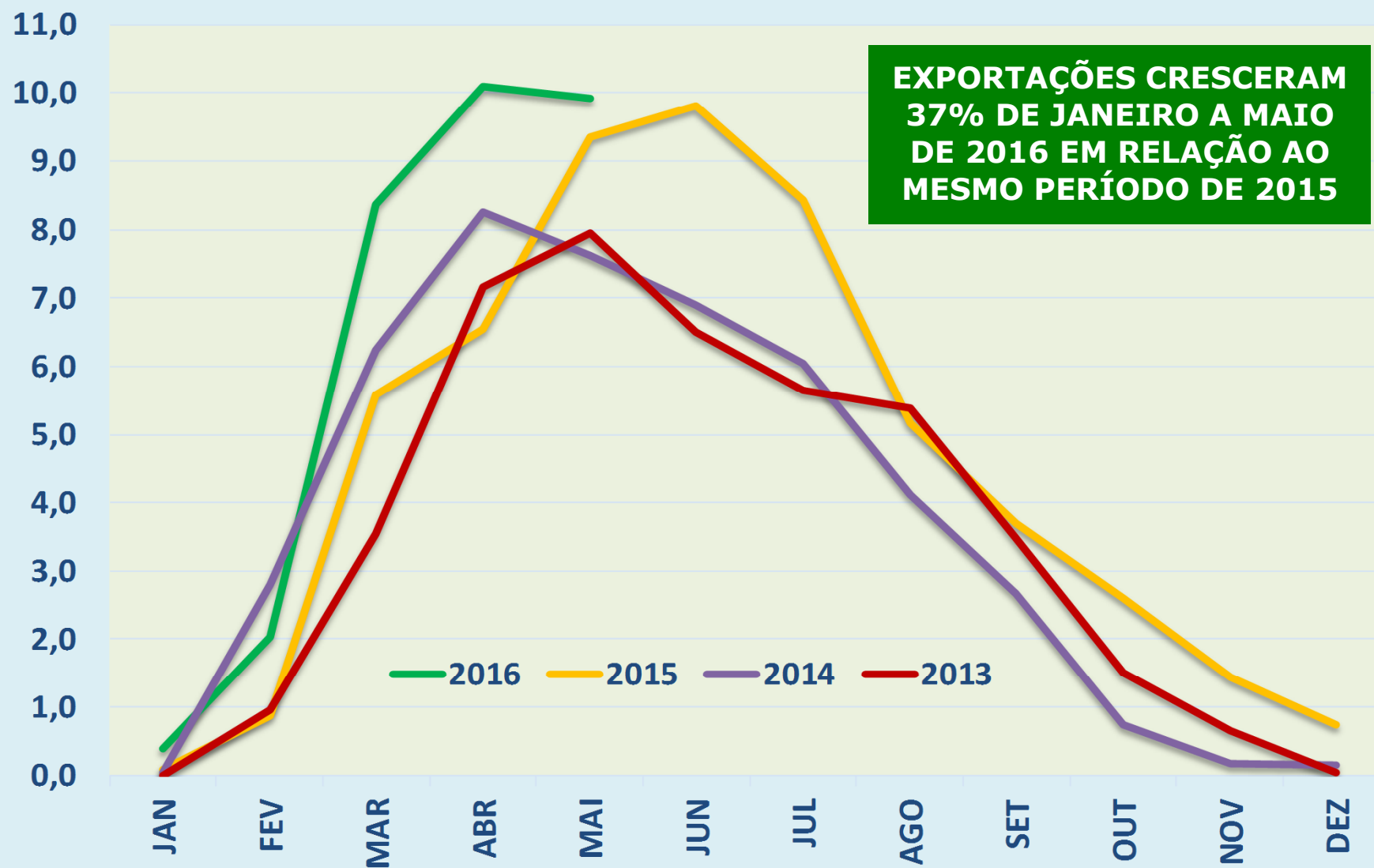
ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO GRÃOS	IMPORTAÇÕES GRÃOS	CONSUMO ESMAGAMENTO	SEMENTES E OUTROS	EXPORTAÇÕES GRÃOS	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	685,0	15.484,0	932,0	13.796,0	1.100,0	1.450,0	755,0
81/82	82/83	755,0	12.891,0	1.251,0	12.728,0	850,0	496,0	823,0
82/83	83/84	823,0	14.533,0	34,0	12.872,0	931,0	1.115,0	472,0
83/84	84/85	472,0	15.340,0	154,0	12.517,0	1.080,0	1.579,0	790,0
84/85	85/86	790,0	18.211,0	378,0	13.774,0	1.069,6	3.486,4	1.049,0
85/86	86/87	1.049,0	13.997,0	340,0	12.332,0	870,9	1.200,1	983,0
86/87	87/88	983,0	17.072,0	450,0	13.820,0	1.015,4	3.027,6	642,0
87/88	88/89	642,0	18.157,0	62,0	13.676,0	1.881,7	2.598,3	705,0
88/89	89/90	705,0	23.579,0	63,0	16.189,0	2.100,0	4.618,0	1.440,0
89/90	90/91	1.440,0	20.444,0	10,0	15.435,0	1.300,0	4.139,0	1.020,0
90/91	91/92	1.020,0	15.757,0	350,0	13.057,0	1.200,0	1.900,0	970,0
91/92	92/93	970,0	19.456,0	507,0	14.756,0	1.427,0	3.900,0	850,0
92/93	93/94	850,0	22.780,0	10,0	16.771,0	1.700,0	4.159,0	1.010,0
93/94	94/95	1.010,0	24.813,0	890,0	18.736,0	1.700,0	5.367,0	910,0
94/95	95/96	910,0	26.068,0	791,0	21.599,0	1.600,0	3.520,0	1.050,0
95/96	96/97	1.050,0	23.872,0	1.044,0	20.083,0	1.600,0	3.633,0	650,0
96/97	97/98	650,0	27.327,0	1.453,0	18.944,0	1.600,0	8.326,0	560,0
97/98	98/99	560,0	32.665,0	355,0	21.832,0	1.600,0	9.324,0	824,0
98/99	99/00	824,0	31.377,0	615,0	21.645,0	1.600,0	8.912,0	659,0
99/00	00/01	659,0	34.127,0	799,0	21.578,0	1.600,0	11.778,0	629,0
00/01	01/02	629,0	39.058,0	849,0	22.773,0	1.700,0	15.522,0	541,0
01/02	02/03	541,0	42.769,0	1.100,0	25.842,0	2.000,0	16.074,0	494,0
02/03	03/04	2.182,0	51.875,0	1.189,0	27.447,0	2.500,0	19.962,0	5.337,0
03/04	04/05	5.337,0	50.085,0	349,0	28.706,0	2.650,0	19.248,0	5.167,0
04/05	05/06	5.167,0	53.053,0	369,0	29.860,0	2.700,0	22.434,0	3.595,0
05/06	06/07	3.595,0	56.942,0	50,0	28.332,0	2.500,0	24.956,0	4.799,0
06/07	07/08	4.799,0	58.726,0	100,0	31.485,0	2.700,0	23.734,0	5.706,0
07/08	08/09	5.706,0	59.936,0	97,0	32.325,0	2.700,0	24.499,0	6.215,0
08/09	09/10	6.215,0	57.383,0	100,0	30.426,0	2.700,0	28.561,0	2.011,0
09/10	10/11	2.011,0	68.919,0	119,0	35.506,0	2.800,0	29.073,0	3.670,0
10/11	11/12	3.670,0	75.248,0	40,0	37.270,0	2.850,0	32.986,0	5.852,0
11/12	12/13	5.852,0	66.383,0	268,0	36.434,0	2.900,0	32.916,0	1.790,0
12/13	13/14	1.790,0	81.499,4	283,0	36.238,0	2.950,0	42.796,4	1.682,0
13/14	14/15	1.682,0	86.120,8	578,0	37.622,0	2.950,0	45.691,9	2.393,0
14/15	15/16	2.393,0	96.228,0	324,1	40.556,0	3.000,0	54.324,0	1.065,1
15/16	16/17	1.065,1	97.055,0	1.000,0	40.700,0	3.000,0	54.500,0	920,1

Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

SOJA: ESMAGAMENTO E EXPORTAÇÕES NO BRASIL - MILHÕES T



SOJA EM GRÃOS: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS/MÊS



Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

SOJA: FLUXO DE SUPRIMENTO NO BRASIL PARA O 2º SEMESTRE DE 2016

SOJA EM GRÃOS

POSIÇÃO ESTIMADA EM 1º/07/2016

ITEM	MIL T
ESTOQUE INICIAL	1.065
SAFRA 2015/2016	97.055
OFERTA TOTAL (A)	98.120
ESMAGAMENTO 1º SEMESTRE	20.350
RESERVA PARA SEMENTES	3.000
EXPORTAÇÕES 1º SEMESTRE	40.614
DEMANDA TOTAL 1º SEMESTRE (B)	63.964
SALDO 1º/07/2016 (A) - (B) = (C)	34.156

PROJEÇÕES PARA O 2º SEMESTRE

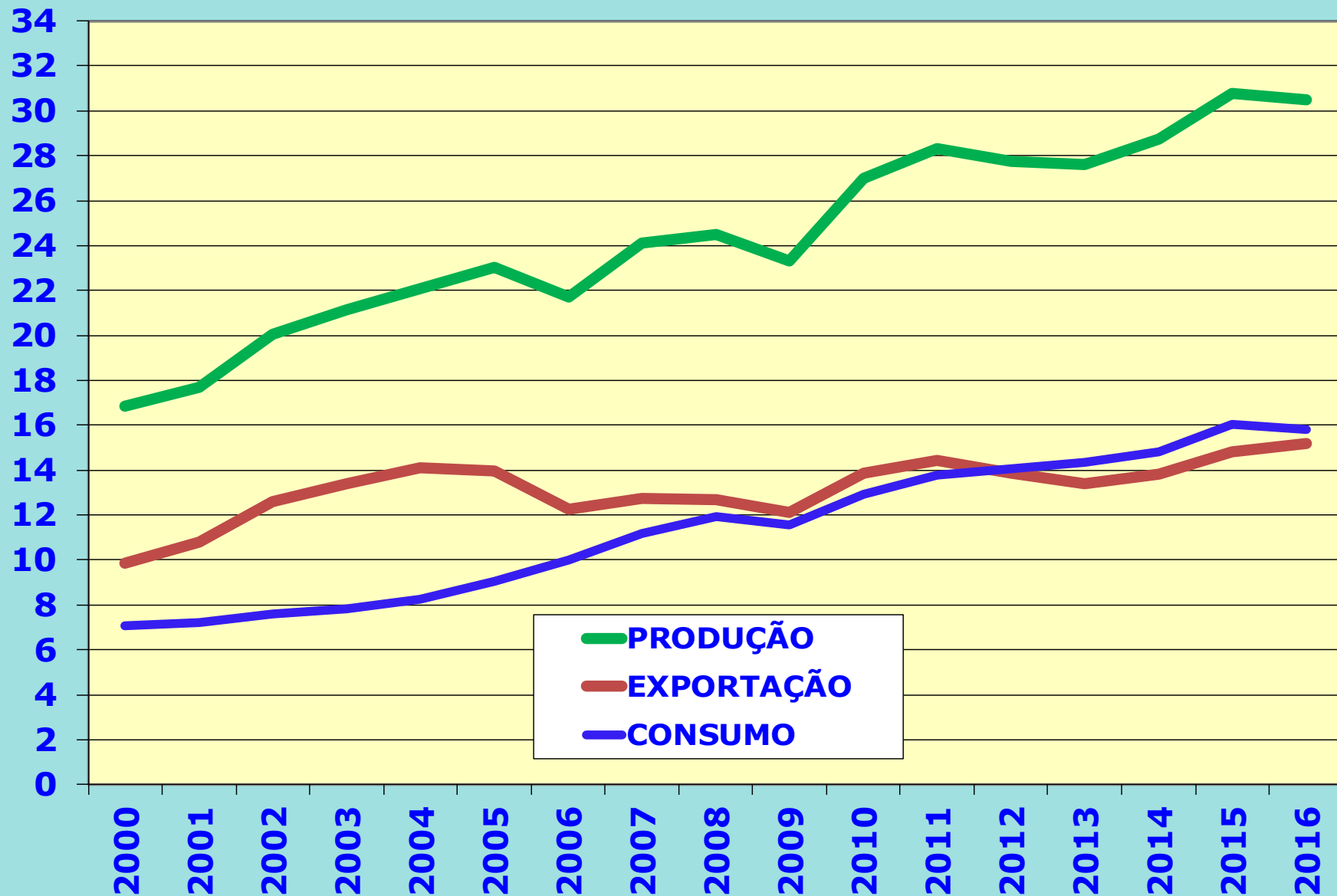
ESMAGAMENTO 2º SEMESTRE	20.350
EXPORTAÇÕES 2º SEMESTRE	13.886
DEMANDA TOTAL 2º SEMESTRE (D)	34.236
SALDO 31/12/2016 (D) - (C)	-80

FARELO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO FARELO	IMPORTAÇÕES FARELO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES FARELO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	537,1	10.898,8	0,0	2.168,8	-	8.828,0	439,1
81/82	82/83	439,1	10.055,1	0,0	2.329,2	7,4%	7.653,0	512,0
82/83	83/84	512,0	10.168,9	0,0	2.377,8	2,1%	7.994,0	309,1
83/84	84/85	309,1	9.888,4	0,0	2.099,5	-11,7%	7.687,0	411,0
84/85	85/86	411,0	10.881,5	0,0	2.285,4	8,9%	8.523,0	484,1
85/86	86/87	484,1	9.742,3	0,0	2.937,3	28,5%	6.932,0	357,1
86/87	87/88	357,1	10.917,8	0,0	2.922,8	-0,5%	8.056,0	296,1
87/88	88/89	296,1	10.804,0	0,0	2.387,1	-18,3%	8.416,0	297,0
88/89	89/90	297,0	12.666,0	0,0	2.779,0	16,4%	9.748,0	436,0
89/90	90/91	436,0	12.109,0	0,0	2.968,0	6,8%	8.892,0	685,0
90/91	91/92	685,0	10.267,0	0,0	3.276,0	10,4%	7.347,0	329,0
91/92	92/93	329,0	11.581,0	0,0	3.406,0	4,0%	8.178,0	326,0
92/93	93/94	326,0	13.150,0	0,0	3.740,0	9,8%	9.286,0	450,0
93/94	94/95	450,0	14.666,0	0,0	4.293,0	14,8%	10.356,0	467,0
94/95	95/96	467,0	16.946,0	0,0	5.329,0	24,1%	11.538,0	546,0
95/96	96/97	546,0	15.790,0	108,0	5.242,0	-1,6%	10.795,0	407,0
96/97	97/98	407,0	14.786,0	308,0	5.387,0	2,8%	9.754,0	360,0
97/98	98/99	360,0	17.135,0	135,0	6.434,0	19,4%	10.780,0	416,0
98/99	99/00	416,0	16.868,0	75,0	6.945,0	7,9%	9.977,0	437,0
99/00	00/01	437,0	16.831,0	119,0	7.066,0	1,7%	9.861,0	460,0
00/01	01/02	460,0	17.699,0	213,0	7.211,0	2,1%	10.803,0	358,0
01/02	02/03	970,0	20.040,0	372,0	7.569,0	5,0%	12.579,0	1.234,0
02/03	03/04	1.234,0	21.140,0	305,4	7.845,8	3,7%	13.386,6	1.447,1
03/04	04/05	1.183,3	22.065,4	187,8	8.228,0	4,9%	14.112,7	1.095,9
04/05	05/06	1.095,9	23.011,3	188,7	9.031,4	9,8%	13.980,3	1.284,1
05/06	06/07	1.284,1	21.695,9	180,9	9.986,8	10,6%	12.274,8	899,3
06/07	07/08	899,3	24.089,5	114,0	11.176,4	11,9%	12.726,6	1.199,7
07/08	08/09	1.199,7	24.501,7	126,8	11.930,3	6,7%	12.698,9	1.199,2
08/09	09/10	1.199,2	23.286,6	43,4	11.533,3	-3,3%	12.124,5	871,4
09/10	10/11	871,4	26.998,3	39,5	12.944,0	12,2%	13.849,2	1.115,9
10/11	11/12	1.115,9	28.321,9	25,3	13.758,4	6,3%	14.450,8	1.253,8
11/12	12/13	1.253,8	27.766,7	4,7	14.051,1	2,1%	13.884,9	1.089,2
12/13	13/14	1.089,2	27.621,0	4,0	14.350,0	2,1%	13.376,0	988,2
13/14	14/15	988,2	28.752,0	1,0	14.799,0	3,1%	13.817,0	1.125,2
14/15	15/16	1.125,2	30.765,0	1,0	16.017,0	8,2%	14.796,0	1.078,2
15/16	16/17	1.078,2	30.500,0	0,0	15.800,0	-1,4%	15.200,0	578,2

Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

FARELO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T

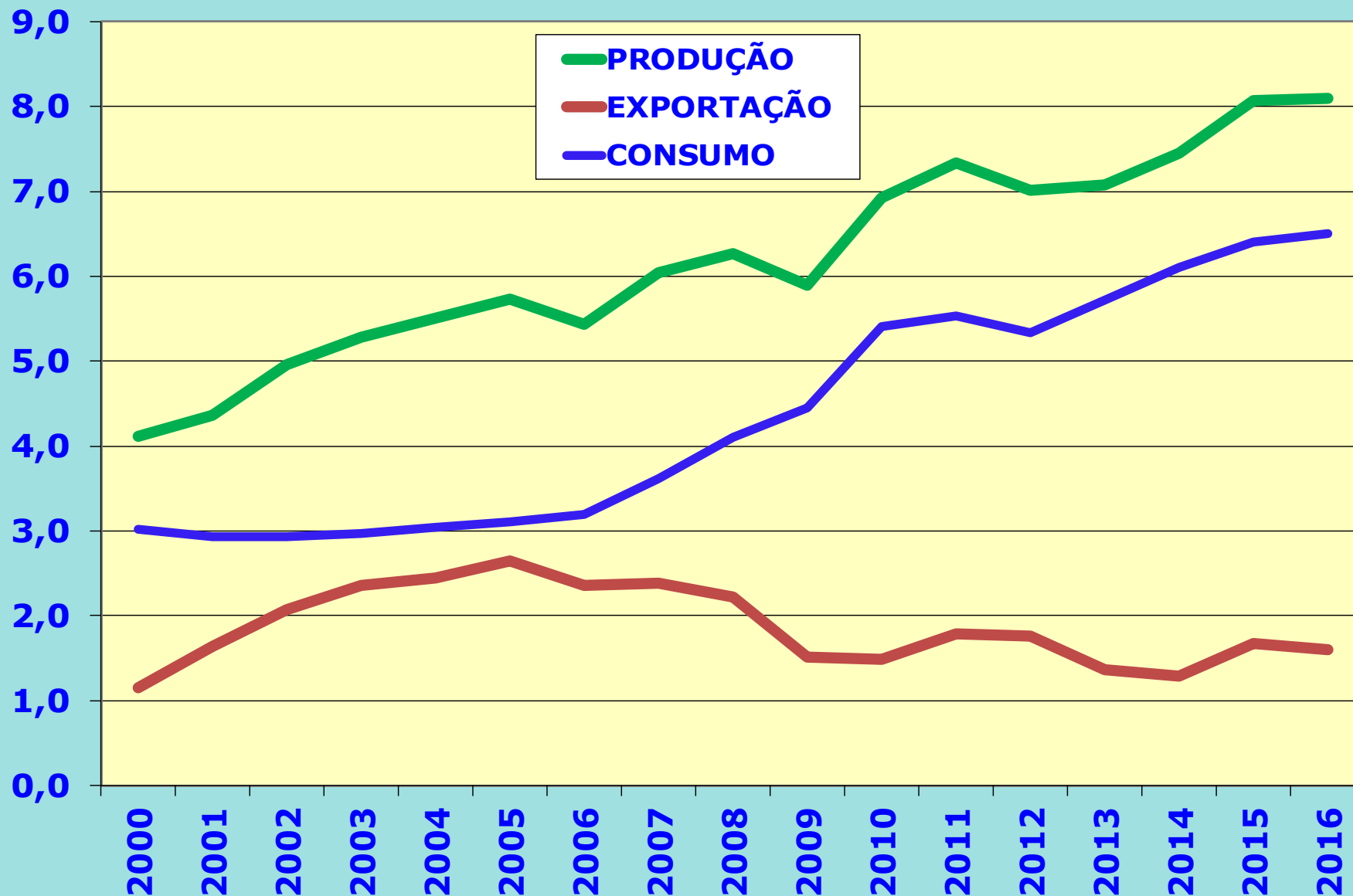


ÓLEO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

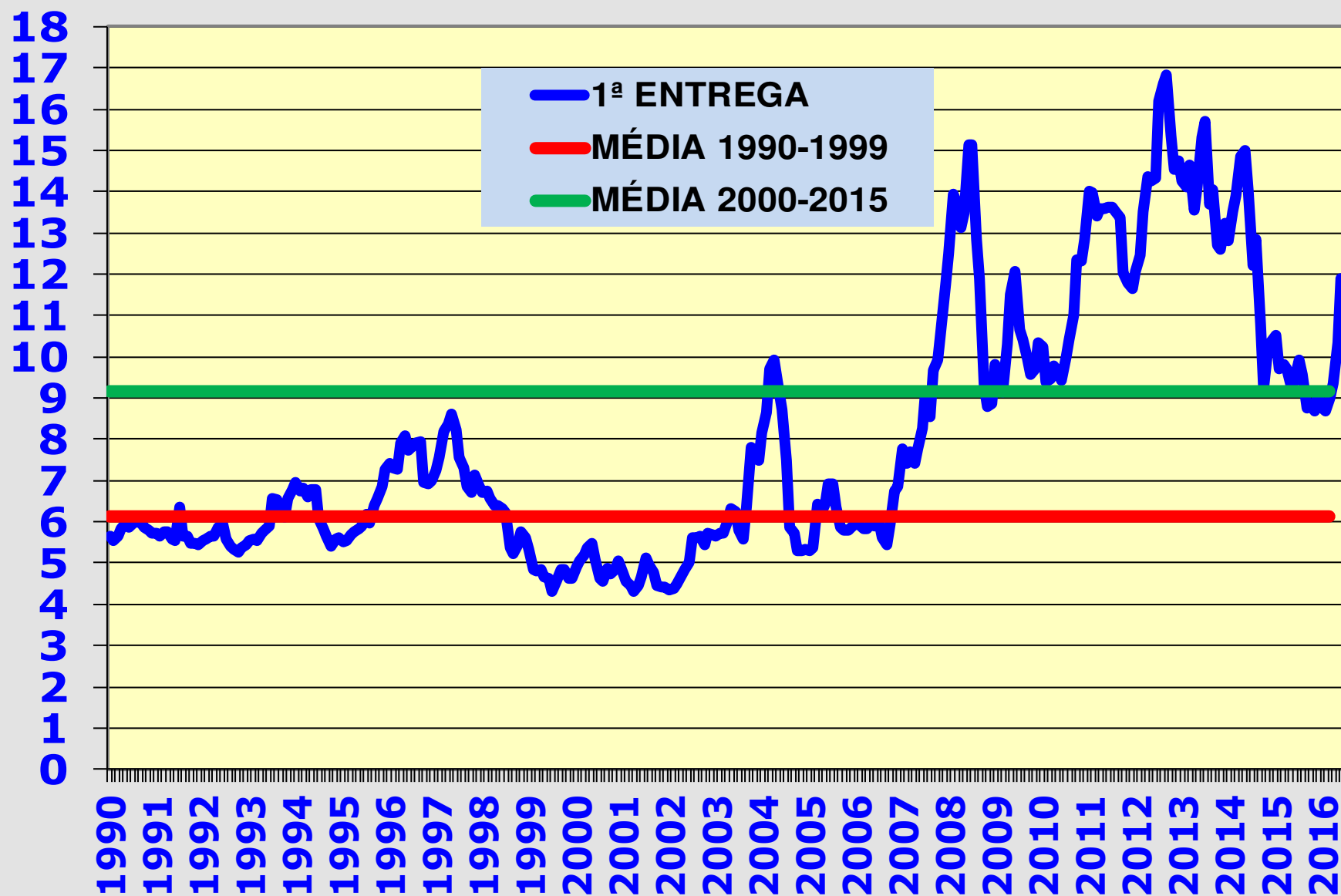
ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO ÓLEO	IMPORTAÇÕES ÓLEO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES ÓLEO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	280,1	2.621,2	0,0	1.428,2		1.274,0	199,1
81/82	82/83	199,1	2.418,3	0,0	1.551,4	8,6%	846,0	220,0
82/83	83/84	220,0	2.446,0	34,0	1.579,9	1,8%	960,0	160,1
83/84	84/85	160,1	2.378,2	141,0	1.608,3	1,8%	914,0	157,0
84/85	85/86	157,0	2.617,1	46,0	1.704,0	6,0%	924,0	192,1
85/86	86/87	192,1	2.343,1	156,0	2.022,1	18,7%	439,0	230,1
86/87	87/88	230,1	2.625,8	59,0	1.839,8	-9,0%	986,0	89,1
87/88	88/89	89,1	2.598,4	55,0	1.955,5	6,3%	653,0	134,0
88/89	89/90	134,0	3.028,0	20,0	2.147,0	9,8%	920,0	115,0
89/90	90/91	115,0	2.917,0	9,0	2.021,0	-5,9%	883,0	137,0
90/91	91/92	137,0	2.464,0	46,0	2.102,0	4,0%	403,0	142,0
91/92	92/93	142,0	2.777,0	80,0	2.158,0	2,7%	703,0	138,0
92/93	93/94	138,0	3.174,0	93,0	2.315,0	7,3%	761,0	329,0
93/94	94/95	329,0	3.530,0	270,0	2.425,0	4,8%	1.538,0	166,0
94/95	95/96	166,0	4.074,0	218,0	2.579,0	6,4%	1.684,0	195,0
95/96	96/97	195,0	3.785,0	185,0	2.664,0	3,3%	1.337,0	164,0
96/97	97/98	164,0	3.559,0	154,0	2.682,0	0,7%	1.064,0	131,0
97/98	98/99	131,0	4.157,0	190,0	2.826,0	5,4%	1.444,0	208,0
98/99	99/00	208,0	4.142,0	133,0	2.820,0	-0,2%	1.468,0	195,0
99/00	00/01	195,0	4.111,0	111,0	3.015,0	6,9%	1.148,0	254,0
00/01	01/02	254,0	4.369,0	66,0	2.935,0	-2,7%	1.639,0	115,0
01/02	02/03	115,0	4.959,0	110,0	2.936,0	0,0%	2.076,0	172,0
02/03	03/04	345,0	5.286,0	36,4	2.971,4	1,2%	2.356,6	339,4
03/04	04/05	339,4	5.507,3	27,2	3.043,7	2,4%	2.448,0	382,2
04/05	05/06	382,2	5.735,6	3,2	3.110,6	2,2%	2.645,4	364,9
05/06	06/07	364,9	5.428,7	25,4	3.198,2	2,8%	2.359,8	261,0
06/07	07/08	261,0	6.044,8	83,5	3.617,0	13,1%	2.384,3	388,0
07/08	08/09	388,0	6.267,3	26,7	4.102,2	13,4%	2.221,7	358,1
08/09	09/10	358,1	5.896,0	27,4	4.454,1	8,6%	1.516,6	310,8
09/10	10/11	310,8	6.927,5	16,3	5.403,6	21,3%	1.490,2	360,8
10/11	11/12	360,8	7.340,5	0,0	5.528,0	2,3%	1.782,1	342,0
11/12	12/13	391,2	7.013,1	1,2	5.327,6	-3,6%	1.763,6	314,4
12/13	13/14	314,4	7.075,0	5,0	5.723,0	7,4%	1.362,5	308,9
13/14	14/15	308,9	7.443,0	0,0	6.109,0	6,7%	1.295,0	347,9
14/15	15/16	347,9	8.074,0	25,2	6.400,0	4,8%	1.669,9	377,2
15/16	16/17	377,2	8.100,0	40,0	6.500,0	1,6%	1.600,0	417,2

Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

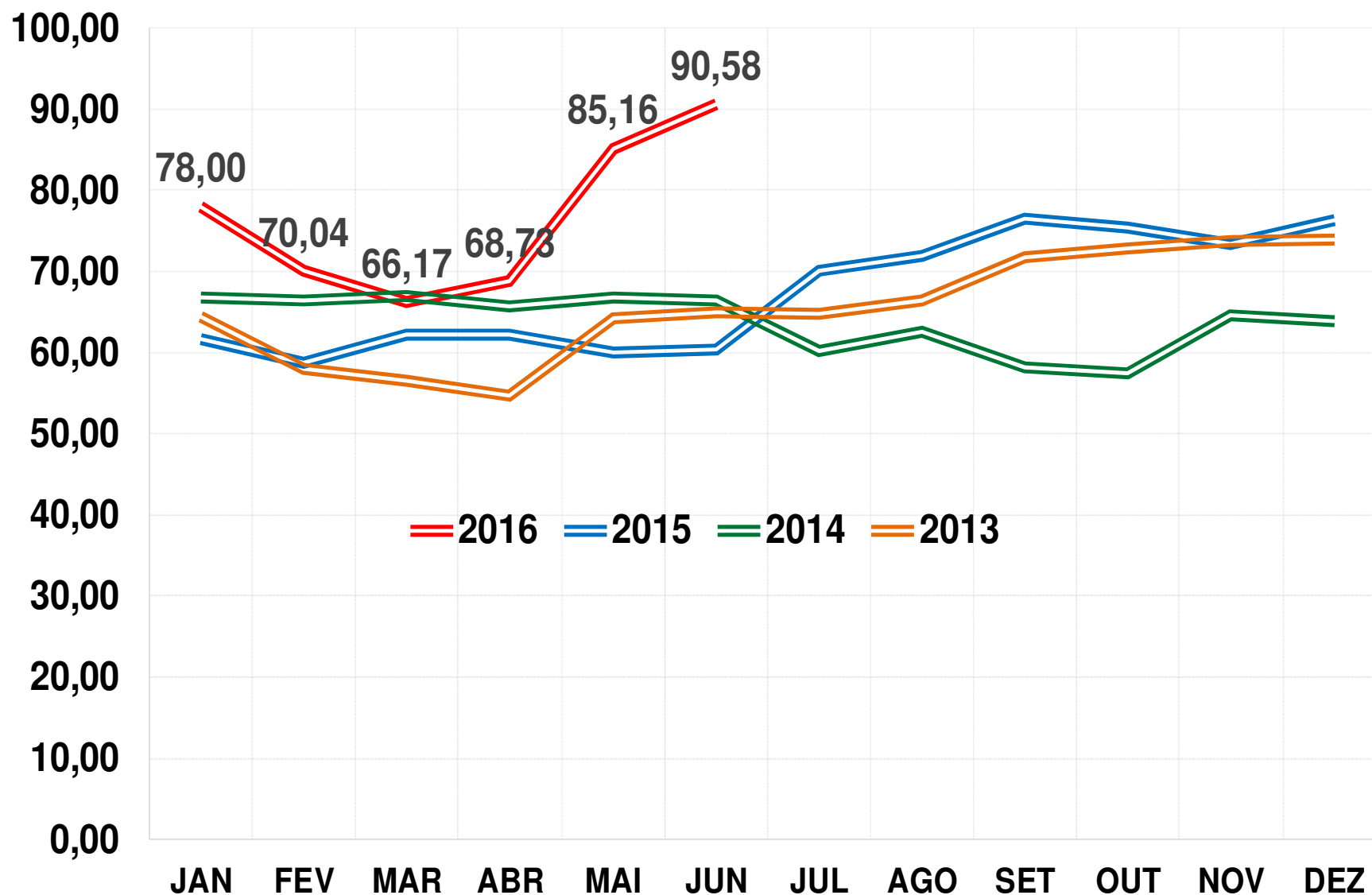
ÓLEO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



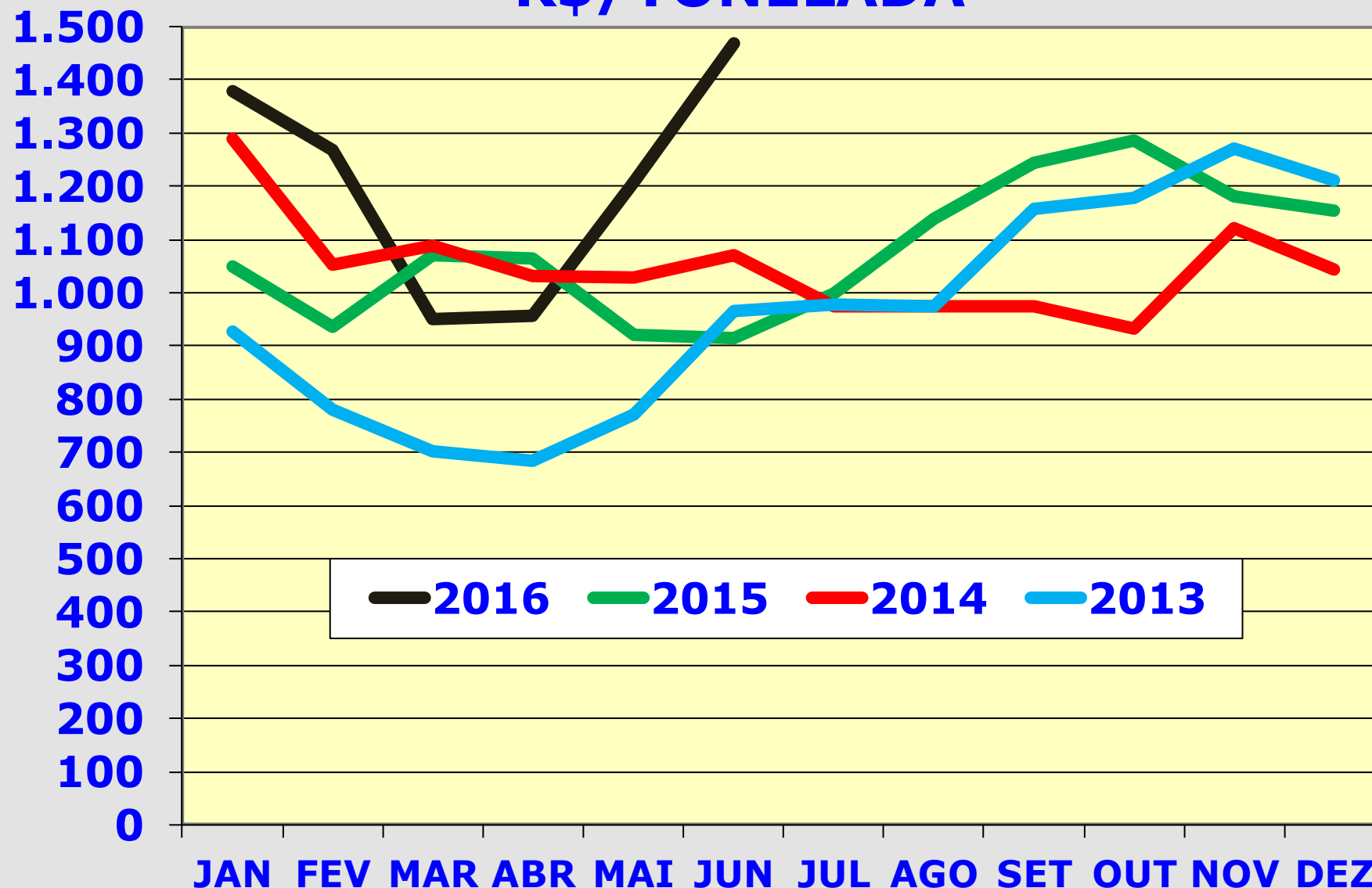
SOJA GRÃO: COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO - 1990 A 2016 - US\$/BUSHEL



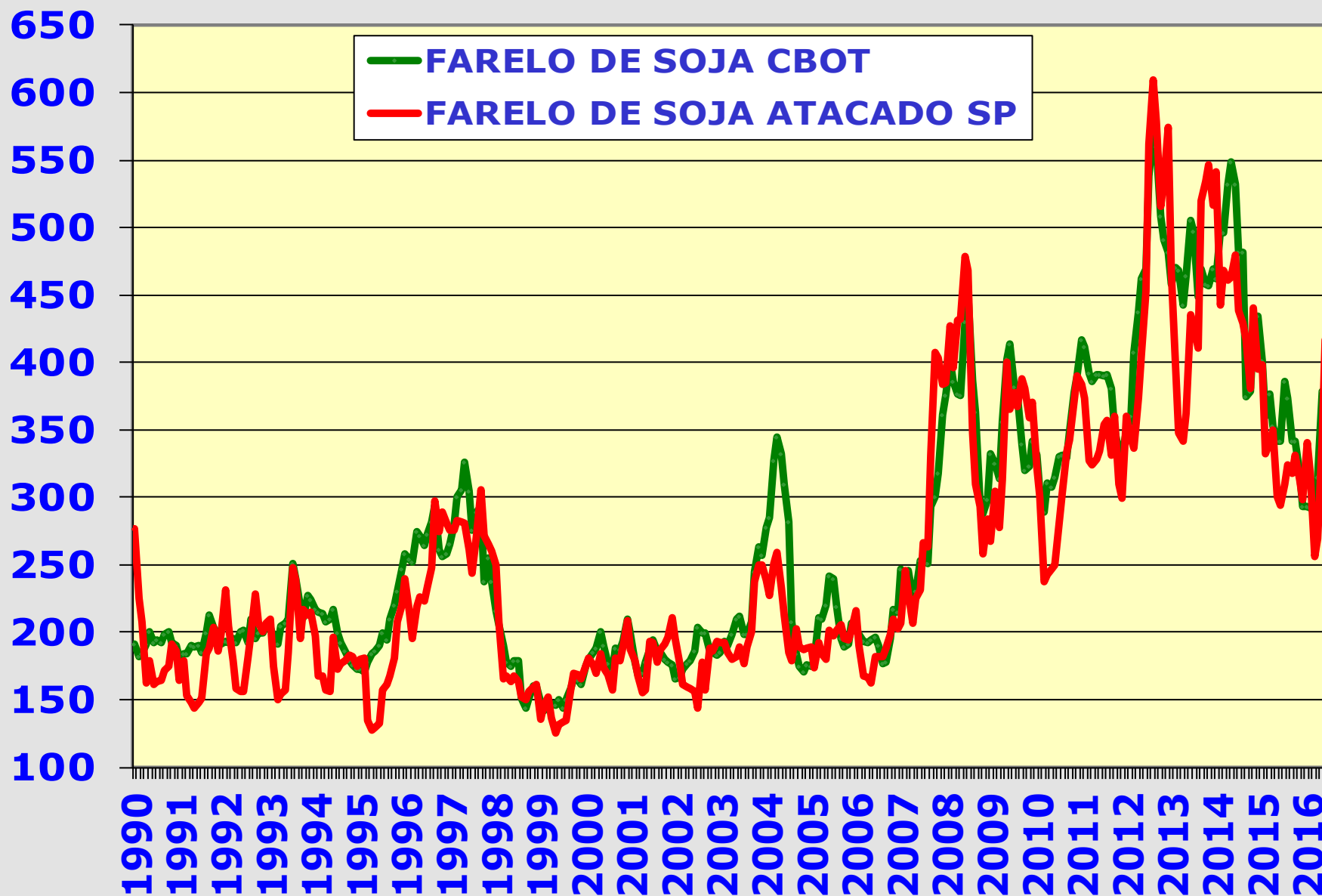
SOJA GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



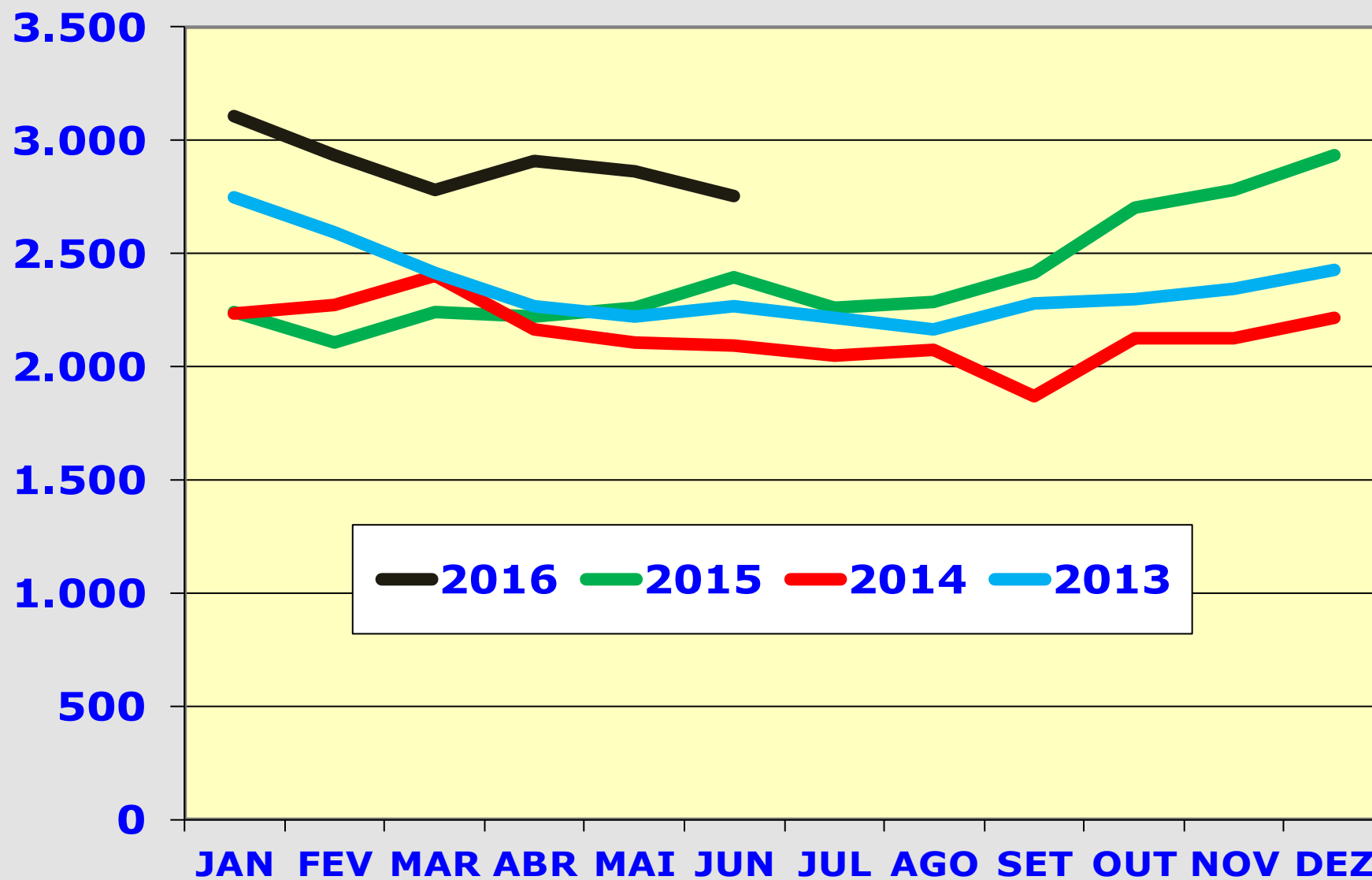
FARELO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA



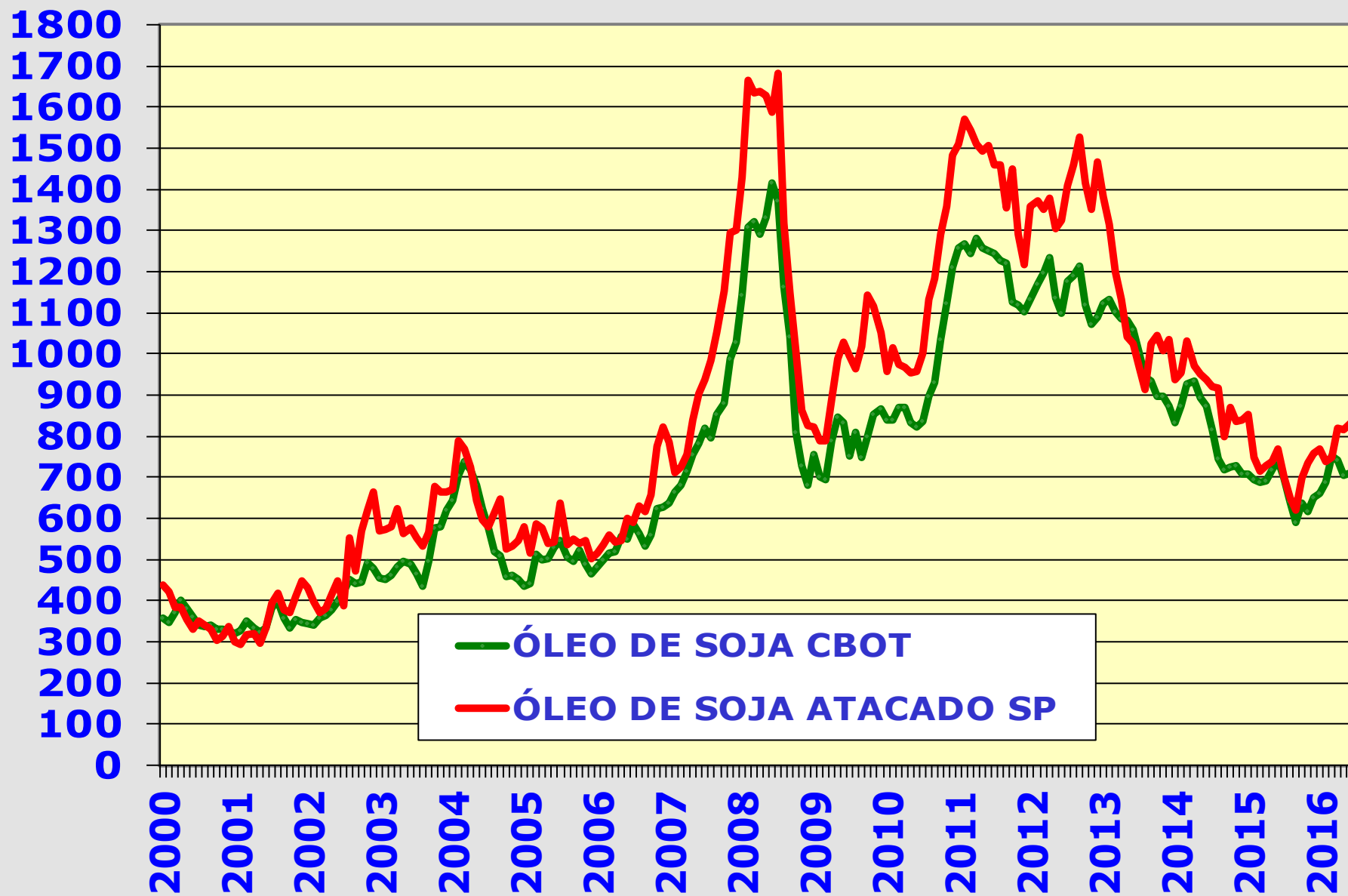
FARELO DE SOJA CBOT x FARELO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA



ÓLEO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA



ÓLEO DE SOJA CBOT x ÓLEO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA



SOJA: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS	SU/SE	CERRADOS
ITEM	UNIDADE	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA	PR/RS/MG	MT/GO/BA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES GM + ROYALTIES	USD/HA	113,44	101,30	107,70	96,17	76,22	59,06
FERTILIZANTES	USD/HA	126,52	282,85	95,19	212,80	80,74	195,99
DEFENSIVOS	USD/HA	123,47	271,90	112,65	248,06	111,76	252,64
OUTROS	USD/HA	153,96	78,73	100,30	33,53	52,75	50,74
CUSTEIO DA LAVOURA	USD/HA	517,39	734,78	415,84	590,56	321,47	558,43
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	151,30	202,60	136,68	183,97	229,62	162,30
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	USD/HA	668,69	937,38	552,52	774,53	551,09	720,73
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	R\$/HA	1.524,61	2.137,23	1.779,11	2.493,99	2.000,46	2.616,25
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	106,96	32,44	88,98	27,56	97,50	22,70
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	775,65	969,82	641,50	802,09	648,59	743,43
RENDIA DE FATORES	USD/HA	103,48	117,56	95,20	109,12	89,56	100,47
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)	USD/HA	879,13	1.087,38	736,70	911,21	738,15	843,90
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	51,1	52,9	50,8	49,9	52,0	52,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	3.067	3.173	3.050	2.994	3.120	3.120
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	USD/60 KG	17,20	20,56	14,49	18,26	14,20	16,23
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	R\$/HA	2.004,42	2.479,23	2.372,17	2.934,10	2.679,48	3.063,36
PONTO DE EQUILÍBRIO	USD/BUSHEL	7,80	9,33	6,57	8,28	6,44	7,36
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	22,45	19,33	19,64	16,61	22,30	20,99
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	5,25	-1,23	5,15	-1,65	8,10	4,76
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	10,00	10,00	9,00	9,00	11,00	11,00
PROJEÇÃO PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	22,05	22,05	19,84	19,84	24,25	24,25
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	1.147,57	1.022,36	998,37	828,84	1.159,60	1.091,48
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	3.442,71	3.067,09	3.823,74	3.174,45	4.418,08	4.158,54
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	USD/HA	268,44	-65,02	261,67	-82,37	421,45	247,58
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	R\$/HA	1.438,29	587,86	1.451,57	240,36	1.738,59	1.095,18
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	71,8%	23,7%	61,2%	8,2%	64,9%	35,8%
MARGEM SOBRE O CUSTO	SACAS/HA	36,7	12,5	31,1	4,1	33,7	18,6
RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)	USD/HA	478,88	84,98	445,85	54,31	600,51	370,75
EBITDA	R\$/HA	1.918,09	929,86	2.044,63	680,47	2.417,62	1.542,29
MARGEM EBITDA	%	55,7%	30,3%	53,5%	21,4%	54,7%	37,1%



MILHO

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- A tendência de baixa deve se acentuar sobre os preços do milho no mercado brasileiro, com o avanço da colheita da 2ª safra, aumento da oferta interna para fábricas e granjas, fraco ritmo de exportações nas últimas semanas e retração das indicações dos compradores.
- Os preços do milho registram quedas em muitas regiões, pressionados pela colheita da 2ª safra.
- As novas estimativas indicando menor produção brasileira na 2ª safra, no entanto, limitam as baixas internas.
- Por enquanto, o produtor vem ofertando o cereal, no intuito de aproveitar os elevados patamares, enquanto os compradores resistem em aumentar ainda mais os valores de aquisição.
- No mercado spot, considerando-se o preço médio das regiões, houve queda de 0,6% no mercado de balcão (preço recebido pelo produtor) e de 0,8% no de lotes (negociação entre empresas) nos últimos sete dias.
- O Indicador ESALQ/BM&F, região de Campinas (SP), caiu para R\$ 53,56 por saca de 60 Kg, leve queda de 0,7% em sete dias.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Apesar de a colheita da 2ª safra de milho ainda estar no início, as cotações vêm caindo no mercado atacadista de várias regiões.
- As quedas mais intensas foram verificadas no Paraná e em Mato Grosso.
- Caso o clima favoreça, os trabalhos de campo devem ser intensificados.
- Alguns produtores seguem colhendo o milho com umidade acima do ideal, visando aproveitar o atual patamar de preços para comercializar a parcela da produção ainda não vendida antecipadamente.
- O Brasil deve colher 50,8 milhões de toneladas na 2ª safra, 7% abaixo da temporada anterior – a estimativa inicial era de uma produção recorde de 58,8 milhões de toneladas.
- A queda na produção nacional só não é maior porque a oferta do Paraná deve superar em 15,6% a da safra passada.
- Já o Centro-Oeste deve registrar diminuição de 13% na produção, pressionada especialmente por Goiás, onde a queda deve ser de 25%.
- No Sudeste, a diminuição na produção deve ser de 23,8%; no Nordeste, de 15,7%; e, no Norte, de expressivos 35,1%.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- A safra de verão (1ª safra) está estimada em 26,2 milhões de toneladas, a menor em 18 anos.
- No agregado das duas safras (verão + inverno), a produção nacional será a menor em quatro anos, somando 77 milhões de toneladas.
- Além da queda na produção da 2ª safra, a menor oferta agregada está atrelada à diminuição na área da temporada de verão.
- Diante do elevado patamar de preço interno, o consumo interno deve crescer apenas 0,7%, para 56,5 milhões de toneladas.
- Além disso, como os preços domésticos estão bem mais atrativos para vendedores frente às exportações, a estimativa é de queda dos embarques para o período de fevereiro/2016 a janeiro/2017.
- As exportações devem totalizar, no máximo, 28 milhões de toneladas, abaixo das 30,172 milhões de toneladas da safra passada.
- Para atender a demanda interna, havia expectativa de crescimento das importações, mas, apesar da redução de impostos para compras de fora do Mercosul, o Brasil segue adquirindo apenas pequenas quantidades, especialmente da Argentina e do Paraguai.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Segundo a Secex, 134,6 mil toneladas foram importadas em maio, quantidade 27% superior à do mês anterior.
- De qualquer forma, o Brasil importou de janeiro a maio mais milho do que nos 12 meses de 2015, em um total de 378,2 mil toneladas.
- Em todo ao de 2015, o volume havia sido de 369,5 mil toneladas.
- A Argentina é o principal fornecedor do grão neste ano, com 202 mil toneladas, seguida do Paraguai, com 176,2 mil toneladas.
- Os Estados Unidos praticamente não enviaram milho para o Brasil, com apenas toneladas em janeiro.
- De lá para cá nada veio do país, apesar de o governo brasileiro ter isentado, em abril, as compras de milho de fora do Mercosul da Tarifa Externa Comum (TEC) de 8%.
- O valor médio pago pelos brasileiros pela tonelada de milho estrangeiro vem aumentando nos últimos meses.
- Em maio, o cereal chegou ao Brasil ao preço médio de US\$ 166,70 por tonelada, ante US\$ 155,42 em abril e US\$ 152,12 em março.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Há dificuldade da Argentina de atender à demanda brasileira no período necessário, pois um contrato de entrega do produto nos portos brasileiros tem um prazo mínimo de dois meses, o que não resolve o problema de abastecimento, mesmo que a paridade de importação dê suporte a esta operação.
- Na BM&F, o contrato Julho/2016 se valorizou 0,8% em sete dias, para R\$ 46,92 por saca de 60 Kg.
- Entre os demais contratos do segundo semestre, Setembro/2016 e Novembro/2016 estão cotados a R\$ 43,25 e R\$ 44,40 por saca de 60 Kg, respectivamente, com valorizações de 1,1% e 0,3%, respectivamente, no mesmo período.
- Na Bolsa de Chicago, os contratos de milho seguem em alta, influenciados pela expectativa de clima adverso na região do Meio Oeste dos Estados Unidos, o que poderia reduzir a produção do cereal norte americano.
- O contrato Julho/2016 teve valorização de 2,7% em sete dias, para US\$ 4,34/bushel, com alta acumulada de 22,9% em 2016.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Com o consumo interno enfraquecido pela forte alta dos preços neste primeiro semestre de 2016, a projeção é de uma expansão de apenas 0,7% na demanda doméstica, para 56,524 milhões de toneladas.
- Com as quebras acentuadas na 2ª safra e a redução do ritmo de embarques esperada para os próximos meses, as exportações brasileiras devem recuar em 2015/2016.
- A estimativa da nossa Consultoria é de exportações de 28,0 milhões de toneladas, 7,2% abaixo do recorde de 30,172 milhões de toneladas embarcadas na safra passada.
- Os estoques iniciais de 10,506 milhões de toneladas somados à produção estimada em 77,040 milhões de toneladas, mais importações de 1,5 milhão de tonelada, somariam uma oferta total de 89,047 milhões de toneladas, 8% abaixo da safra passada.
- Portanto, se as exportações brasileiras atingirem o volume estimado pela nossa Consultoria, os estoques finais no Brasil em 2015/2016 cairiam para 4,522 milhões de toneladas, o menor volume dos últimos cinco anos, sendo equivalente a 29 dias de consumo doméstico.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- O volume de importações poderá crescer no final do segundo semestre deste ano, especialmente de produto oriundo da Argentina, que lidera as vendas ao Brasil entre janeiro e maio deste ano.
- O Conselho Interministerial de Estoques Públicos de Alimentos (Ciep) autorizou a venda de 500 mil toneladas de milho, com o objetivo de abastecer agroindústrias de suínos e aves e produtores de leite.
- O grão está armazenado principalmente em Mato Grosso, e deve ser enviado para regiões que registram escassez, no Sul e Nordeste.
- No início do ano, o Ciep havia autorizado a venda de 500 mil toneladas do cereal, que foram vendidas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) em leilões realizados desde fevereiro.
- Os estoques de milho atualmente somam 895,5 mil toneladas.
- De janeiro e maio, as exportações atingiram 12,251 milhões de toneladas, com incremento de 137% sobre o mesmo período de 2015.
- Considerando o ano-safra 2015/2016 (fevereiro/16 a janeiro/17), as exportações atingiram 7,792 milhões de toneladas de fevereiro a maio, com incremento de 234% sobre o mesmo período de 2015.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- De acordo com dados do relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foi reduzida a estimativa de estoque final da safra de milho 2016/2017 dos Estados Unidos para 51,0 milhões de toneladas, 6,7% abaixo do volume projetado no mês anterior.
- O USDA elevou a projeção de exportações em 2016/2017 para 49,53 milhões de toneladas, contra 48,26 milhões de toneladas em maio.
- A projeção de safra 2016/2017, em fase de plantio foi mantida em um recorde de 366,5 milhões de toneladas.
- O USDA manteve a previsão de uso de milho para etanol em 2015/2016 em 133,35 milhões de toneladas e estima demanda de 134,62 milhões de toneladas em 2016/2017.
- De acordo com o relatório, a safra global de milho 2016/2017 está estimada em 1,011 bilhão de toneladas, abaixo do consumo mundial, projetado em 1,013 bilhão de toneladas.
- Os estoques finais mundiais de 2016/2017 devem recuar 0,6%, para 205,1 milhões de toneladas, contra 206,4 milhões em 2015/2016.

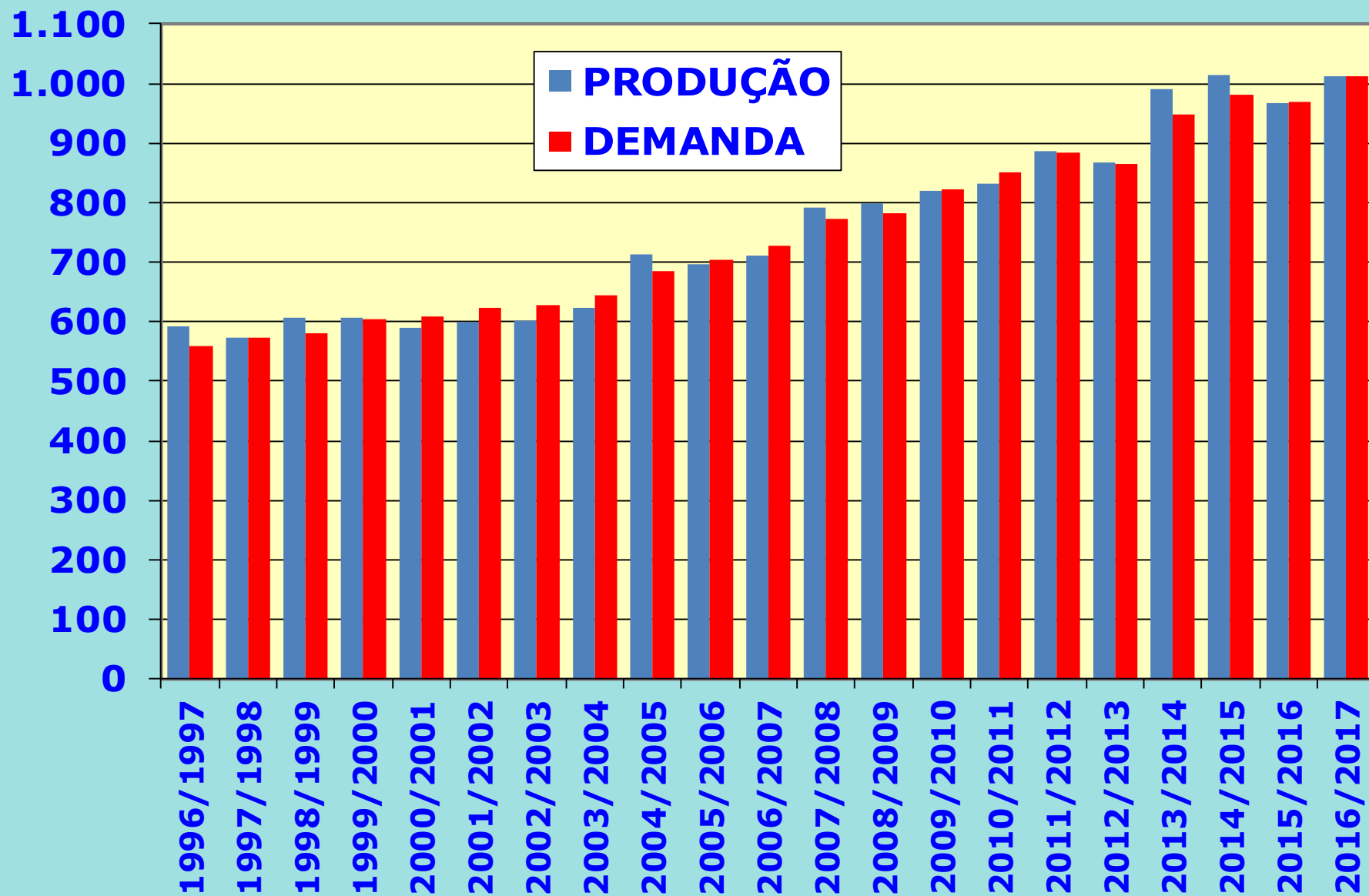
MILHO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - EM MILHÕES DE TONELADAS

ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO MUNDIAL	COMÉRCIO MUNDIAL	OFERTA TOTAL	DEMANDA MUNDIAL	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ CONSUMO
1989/1990	151,5	459,1	74,4	610,6	475,8	134,8	28,3%
1990/1991	134,8	476,4	58,8	611,2	468,7	142,5	30,4%
1991/1992	142,5	487,5	63,5	630,0	486,5	143,5	29,5%
1992/1993	143,5	538,8	62,2	682,3	513,1	169,2	33,0%
1993/1994	169,2	476,1	58,8	645,3	509,6	135,7	26,6%
1994/1995	135,7	559,0	66,1	694,7	535,5	159,2	29,7%
1995/1996	159,2	515,9	70,3	675,0	536,3	138,7	25,9%
1996/1997	138,7	592,7	65,5	731,4	560,1	171,3	30,6%
1997/1998	171,3	574,1	63,3	745,4	573,7	171,7	29,9%
1998/1999	171,7	605,4	66,9	777,1	581,5	195,7	33,6%
1999/2000	195,7	606,8	76,9	802,5	604,6	197,9	32,7%
2000/2001	197,9	589,5	77,2	787,4	609,3	178,1	29,2%
2001/2002	178,1	598,9	76,3	777,0	622,4	154,6	24,8%
2002/2003	154,6	601,9	78,2	756,5	627,4	129,1	20,6%
2003/2004	129,1	623,0	77,3	752,2	645,0	107,2	16,6%
2004/2005	107,2	712,2	78,2	819,4	685,1	134,3	19,6%
2005/2006	134,3	696,9	80,9	831,2	703,9	127,3	18,1%
2006/2007	127,3	711,1	93,8	838,3	727,0	111,4	15,3%
2007/2008	111,4	792,4	98,6	903,8	772,0	131,9	17,1%
2008/2009	131,9	798,8	84,5	930,7	782,0	148,6	19,0%
2009/2010	148,6	819,4	96,8	968,0	822,8	145,2	17,6%
2010/2011	145,2	832,5	91,5	977,7	850,3	127,4	15,0%
2011/2012	127,4	886,6	117,0	1.014,0	883,2	130,8	14,8%
2012/2013	130,8	868,0	95,2	998,8	864,7	134,1	15,5%
2013/2014	134,1	990,5	131,1	1.124,5	948,9	175,7	18,5%
2014/2015	175,7	1.013,5	141,7	1.189,1	980,8	208,4	21,2%
2015/2016	208,4	966,4	120,6	1.174,7	968,3	206,4	21,3%
2016/2017	206,4	1.011,8	133,1	1.218,2	1.013,1	205,1	20,2%
VAR. 2015-2016/2014-2015	18,6%	-4,6%	-14,9%	-1,2%	-1,3%	-0,9%	
VAR. 2016-2017/2015-2016	-0,9%	4,7%	10,4%	3,7%	4,6%	-0,6%	

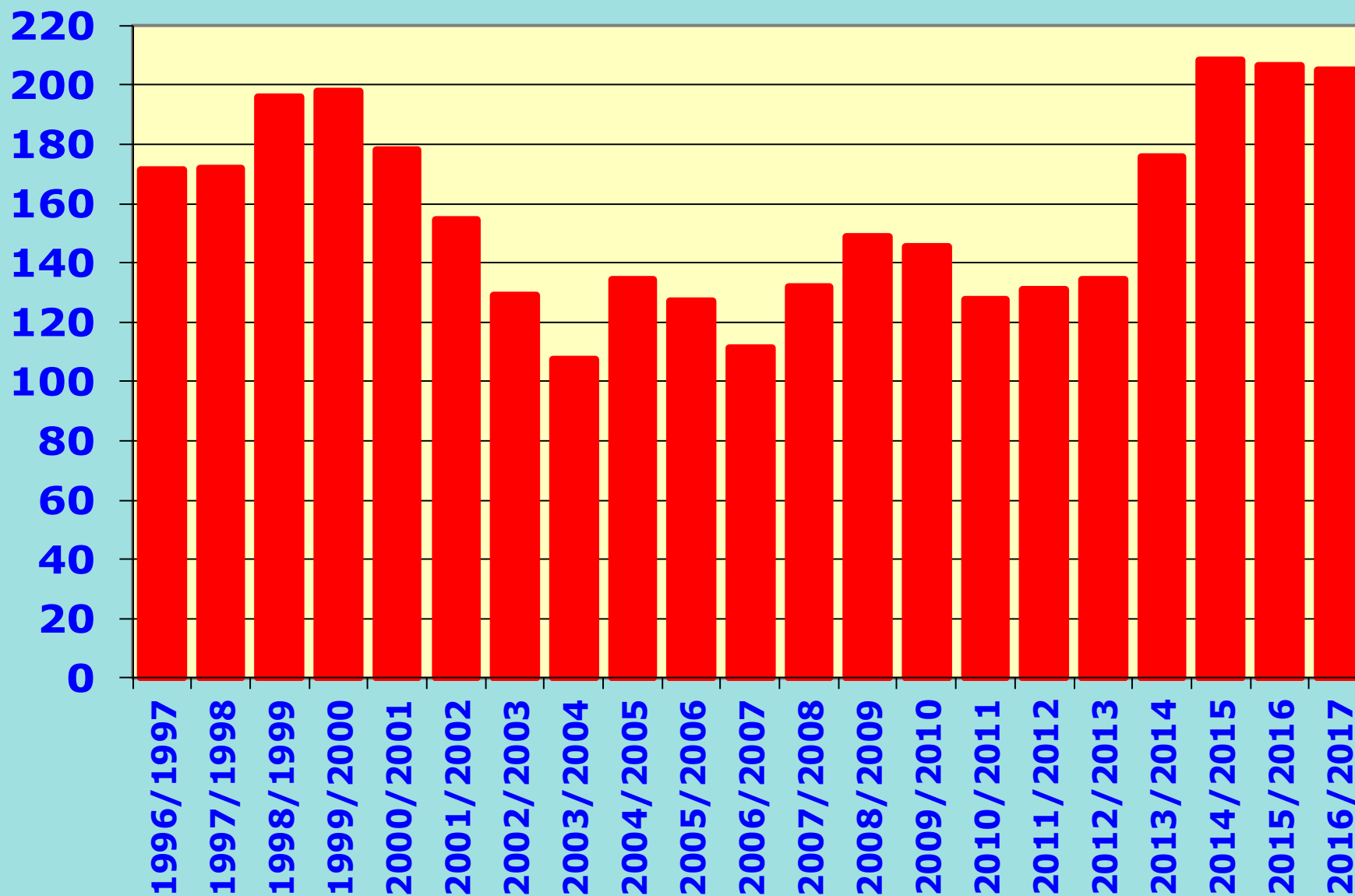
Fonte: USDA JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

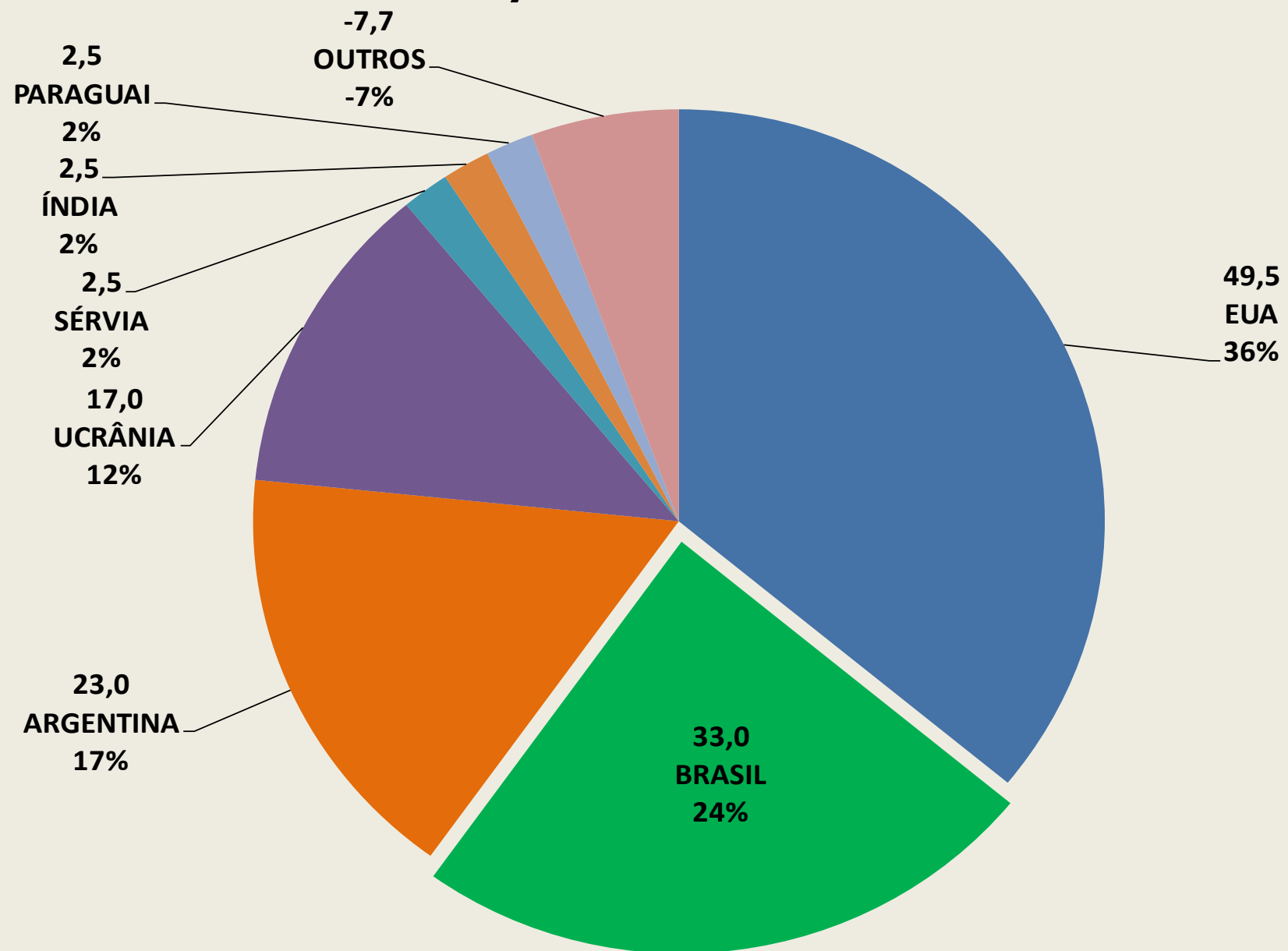
MILHO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS



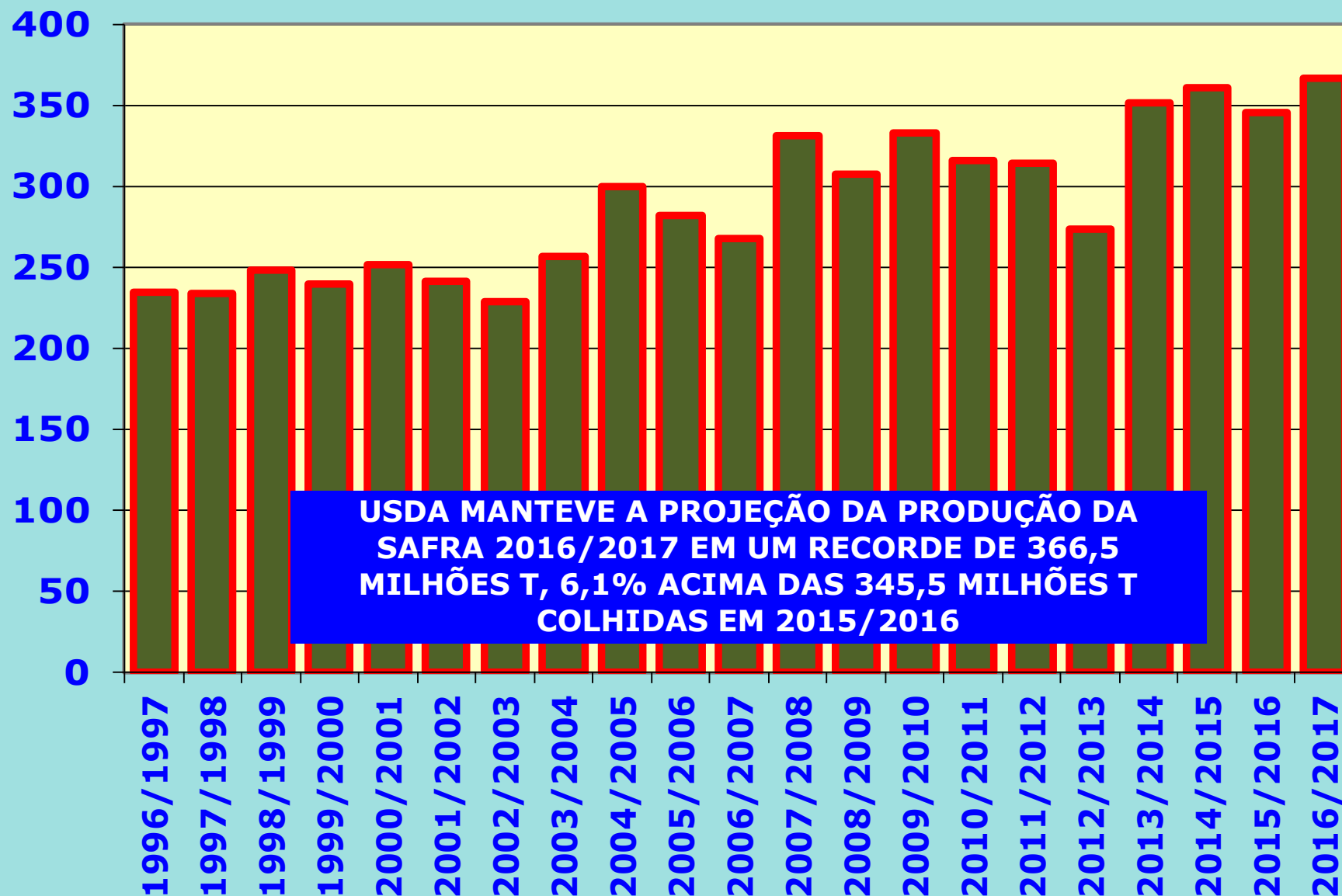
MILHO: ESTOQUES DE PASSAGEM MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



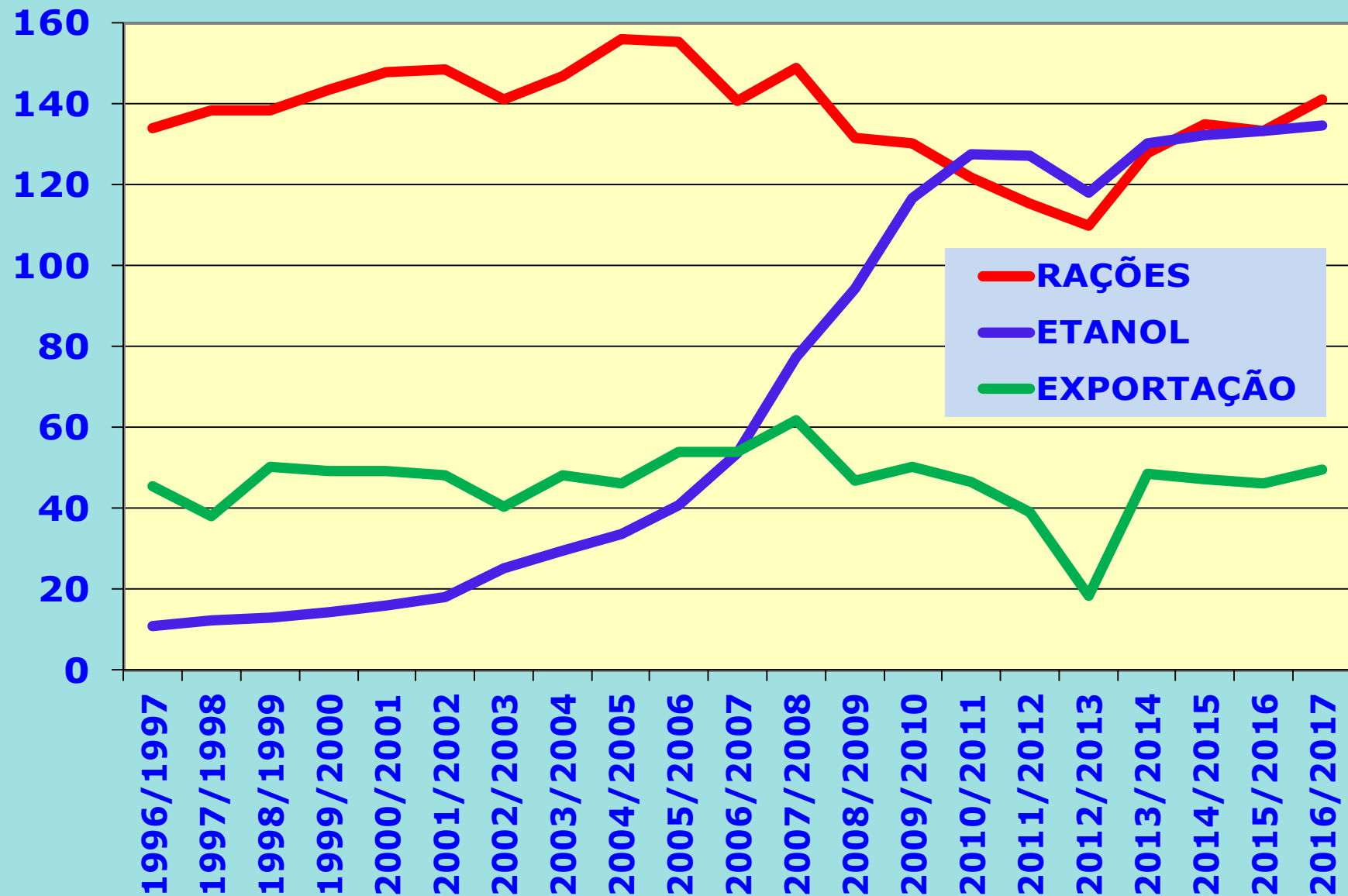
MILHO: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS 2016/2017 - MILHÕES T E %



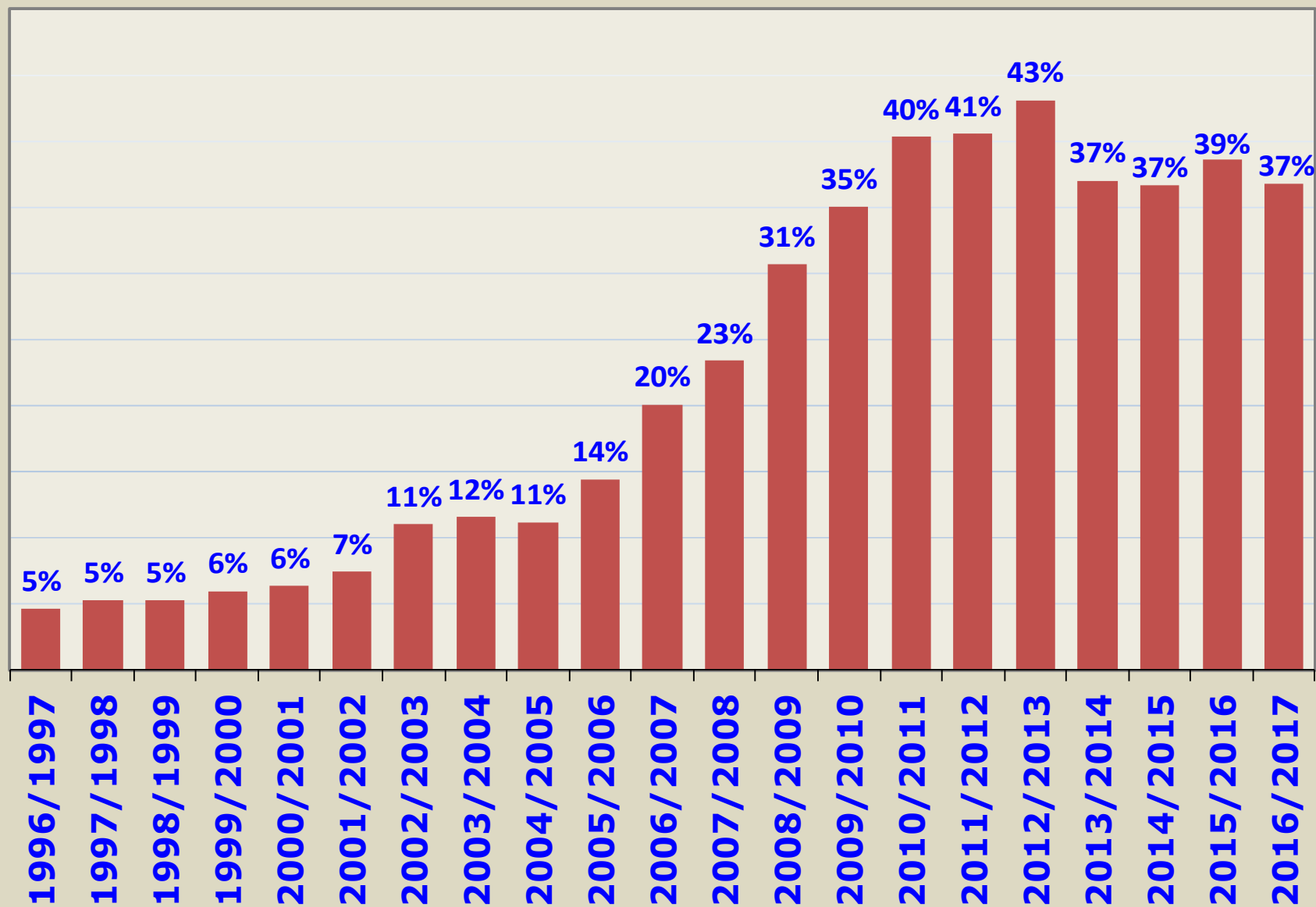
EUA: PRODUÇÃO DE MILHO EM MILHÕES DE TONELADAS



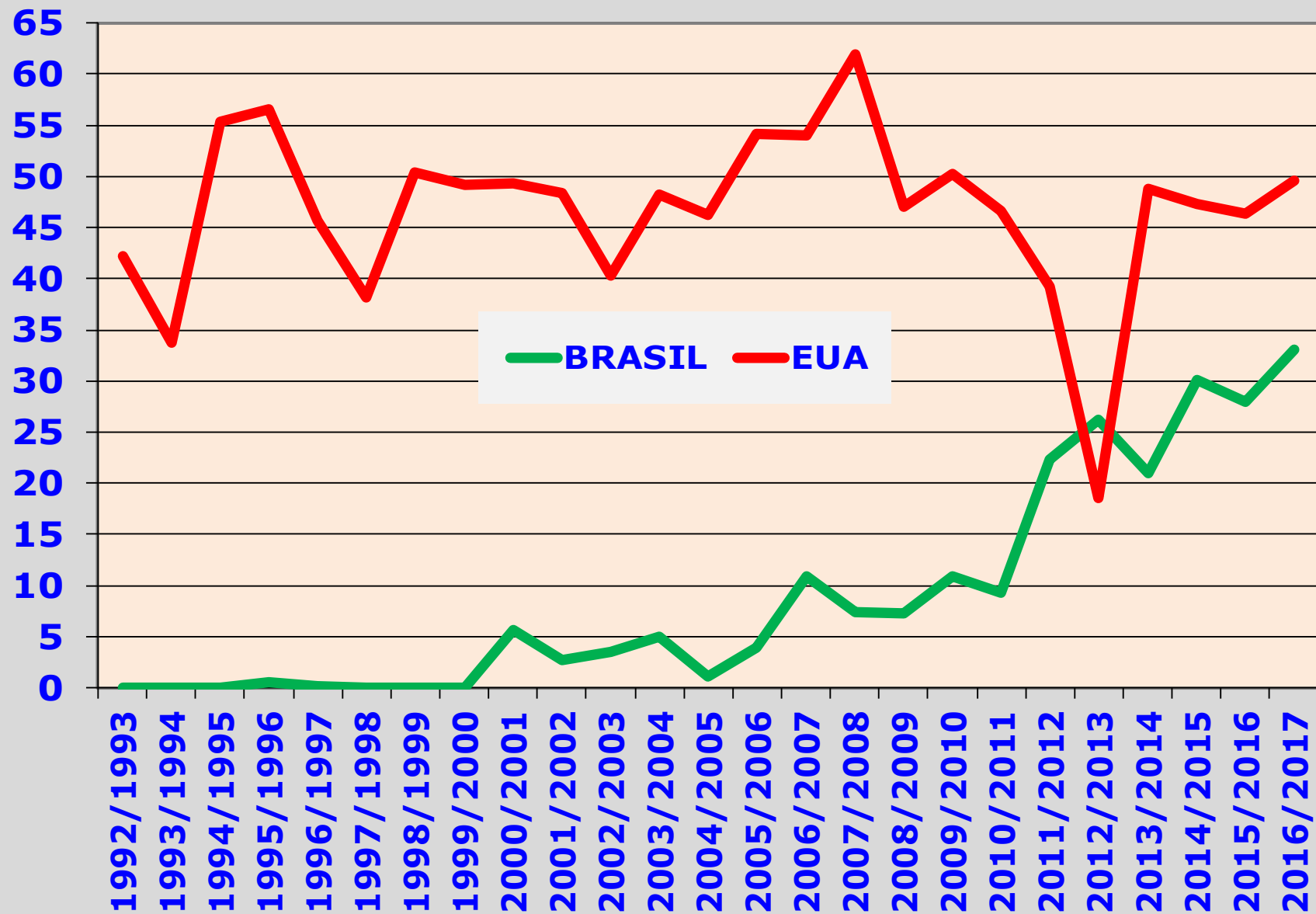
EUA: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO DE MILHO - MILHÕES DE TONELADAS



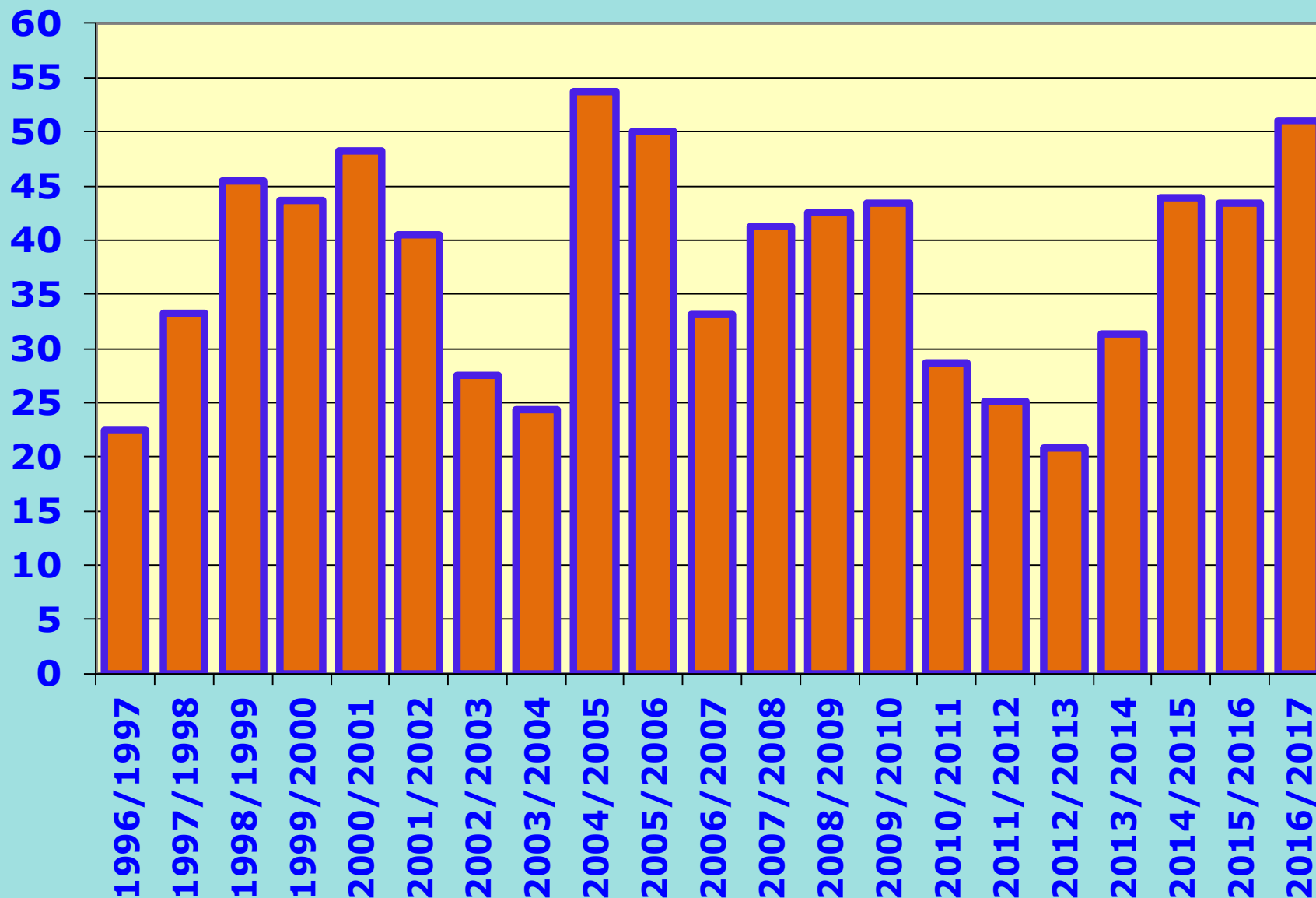
EUA: PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA DE ETANOL NA PRODUÇÃO DE MILHO (%)



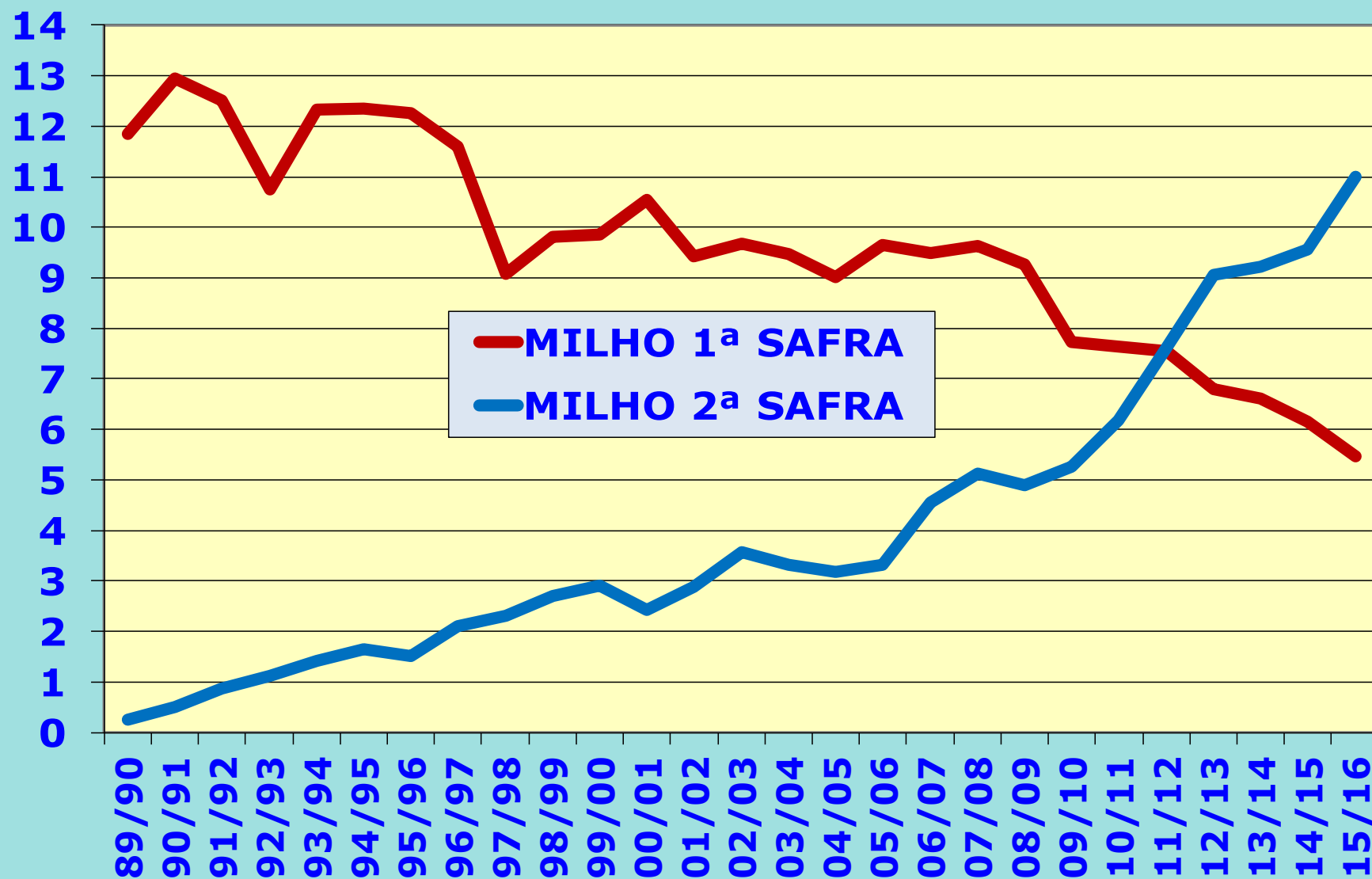
EXPORTAÇÕES DE MILHO EUA x BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS



EUA: ESTOQUES FINAIS DE MILHO MILHÕES DE DE TONELADAS



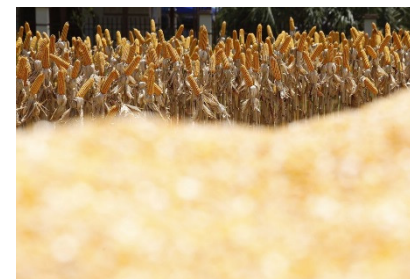
MILHO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL NA 1ª SAFRA (VERÃO) x 2ª SAFRA (INVERNO) - MILHÕES DE HA



MILHO 1ª SAFRA

CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	C	C	C				P	P	P		C	C
RO	P	P	P		C	C	C	C				
AC	P	P	P		C	C	C	C				
AM	P	P	P		C	C	C	C	C			
AP			P	P	P	P	C	C	C	C	C	
PA	P	P	P		C	C	C	C	C			
TO		P	P	P	C	C	C	C	C			
Nordeste												
MA	P	P	P	P	P		C	C	C	C	C	C
PI		P	P	P	P		C	C	C	C	C	
CE	C			P	P	P	P	C	C	C	C	C
RN						P	P	P	P/C	C	C	C
PB	C	C		P	P	P	P	P	P	P/C	C	C
PE				P	P	P	P/C	PC	C	C	C	
BA	P	P	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C	
Centro-Oeste												
MT	P	P	P		C	C	C	C	C			
MS	P	P	P		C	C	C					P
GO	P	P	P			C	C	C	C			
DF		P	P		C	C	C					
Sudeste												
MG	P	P	P		C	C	C	C	C			
ES	P	P	P		C	C	C	C				
RJ	P	P	P		C	C	C	C				
SP	P	P	P	C	C	C	C	C				P
Sul												
PR	P	P		C	C	C	C	C			P	P
SC	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P
RS	P	P	P	P/C	C	C	C	C	C		P	P

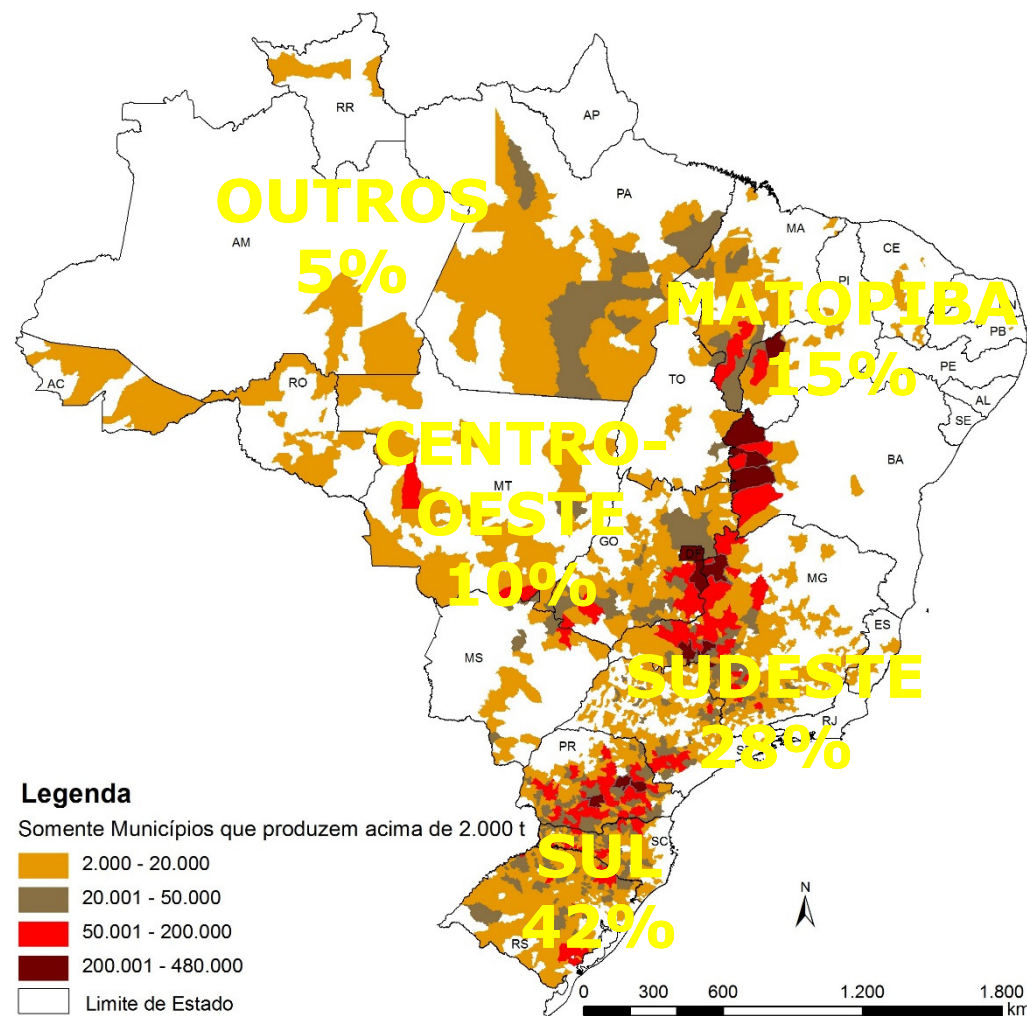


P = PLANTIO

C = COLHEITA

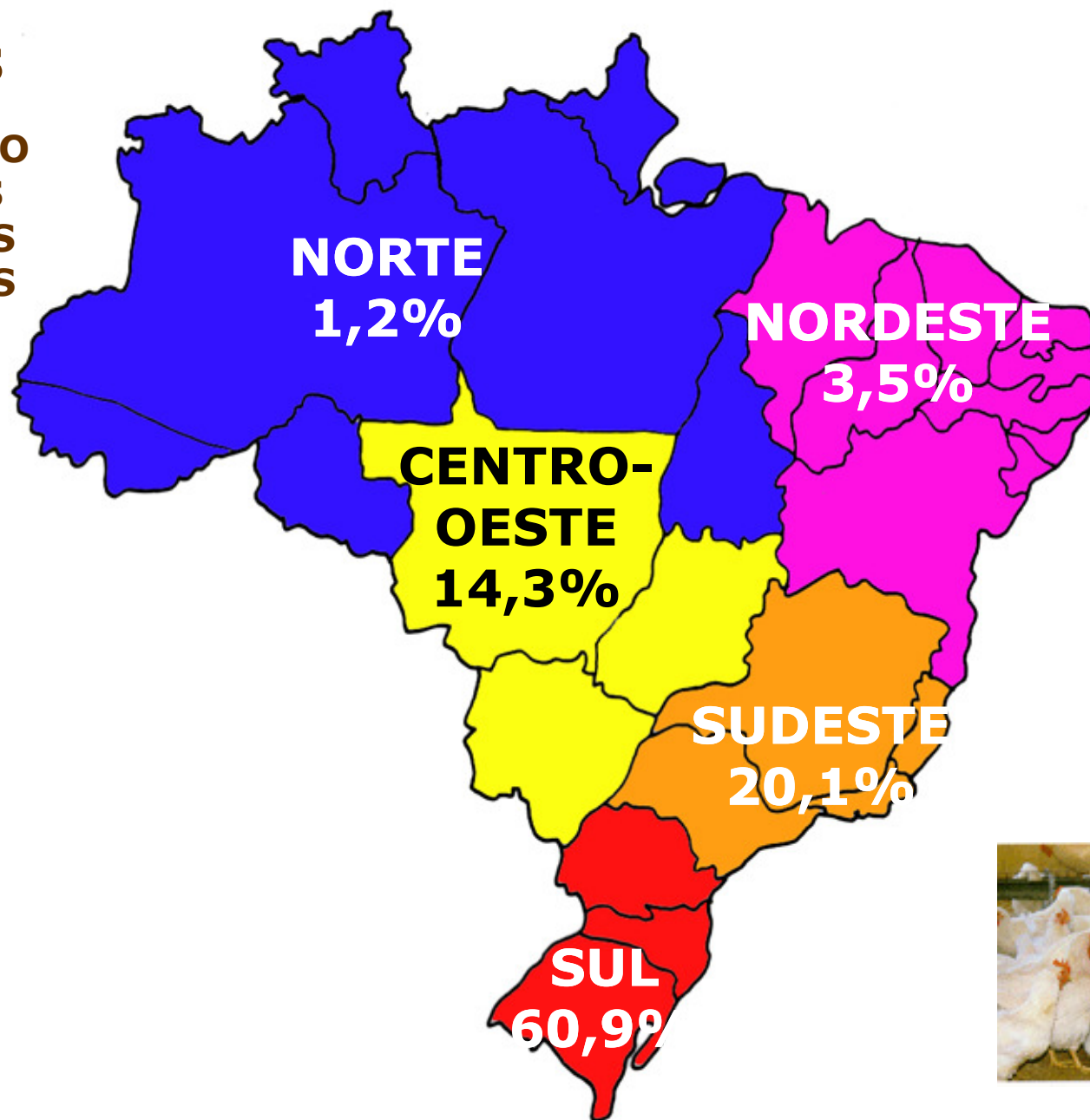
P/C = PLANTIO E COLHEITA

MILHO: PRODUÇÃO 1ª SAFRA 2015/2016

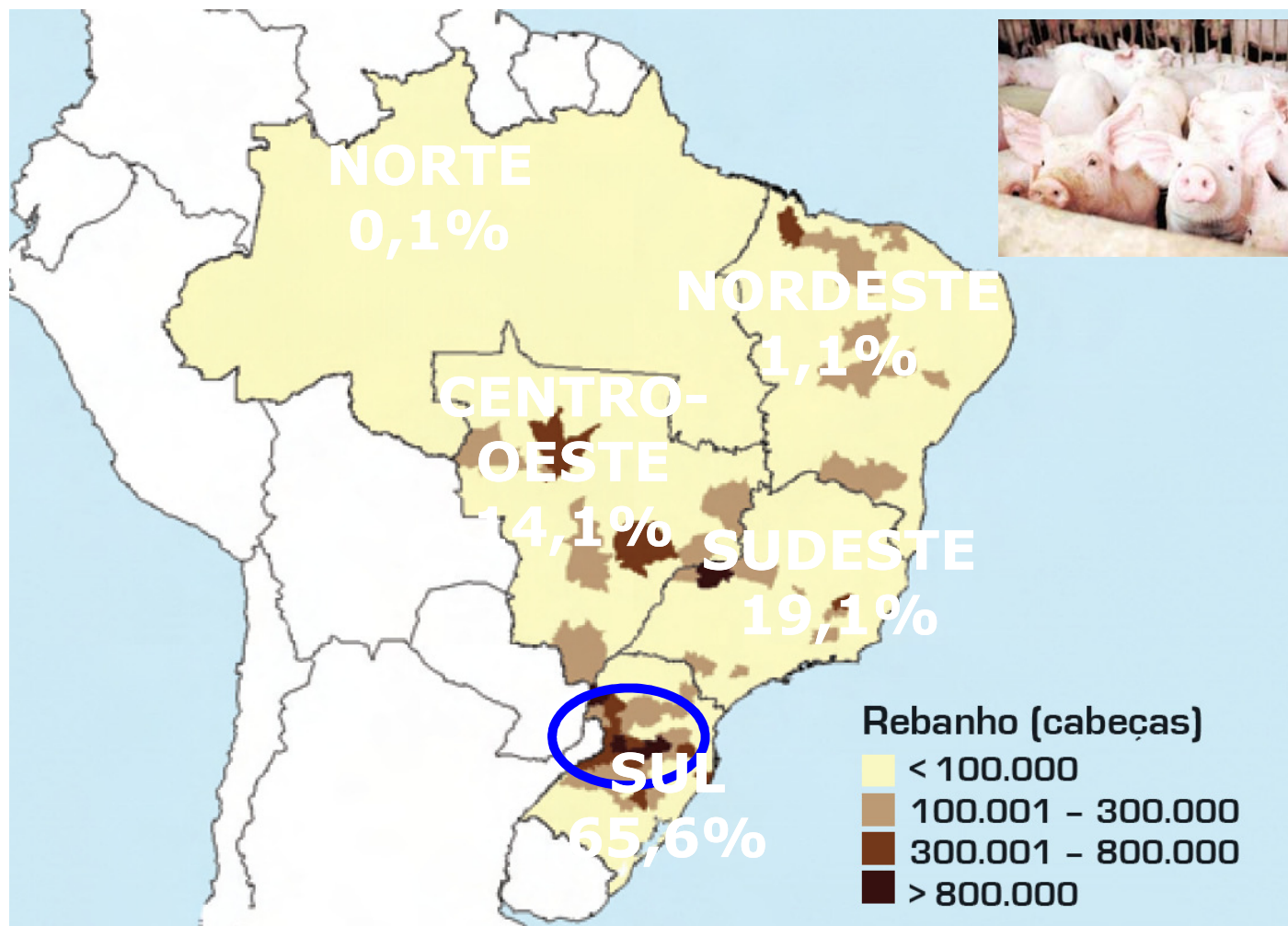


FRANGOS

DISTRIBUIÇÃO
DOS ABATES
POR REGIÕES
PRODUTORAS
(%)

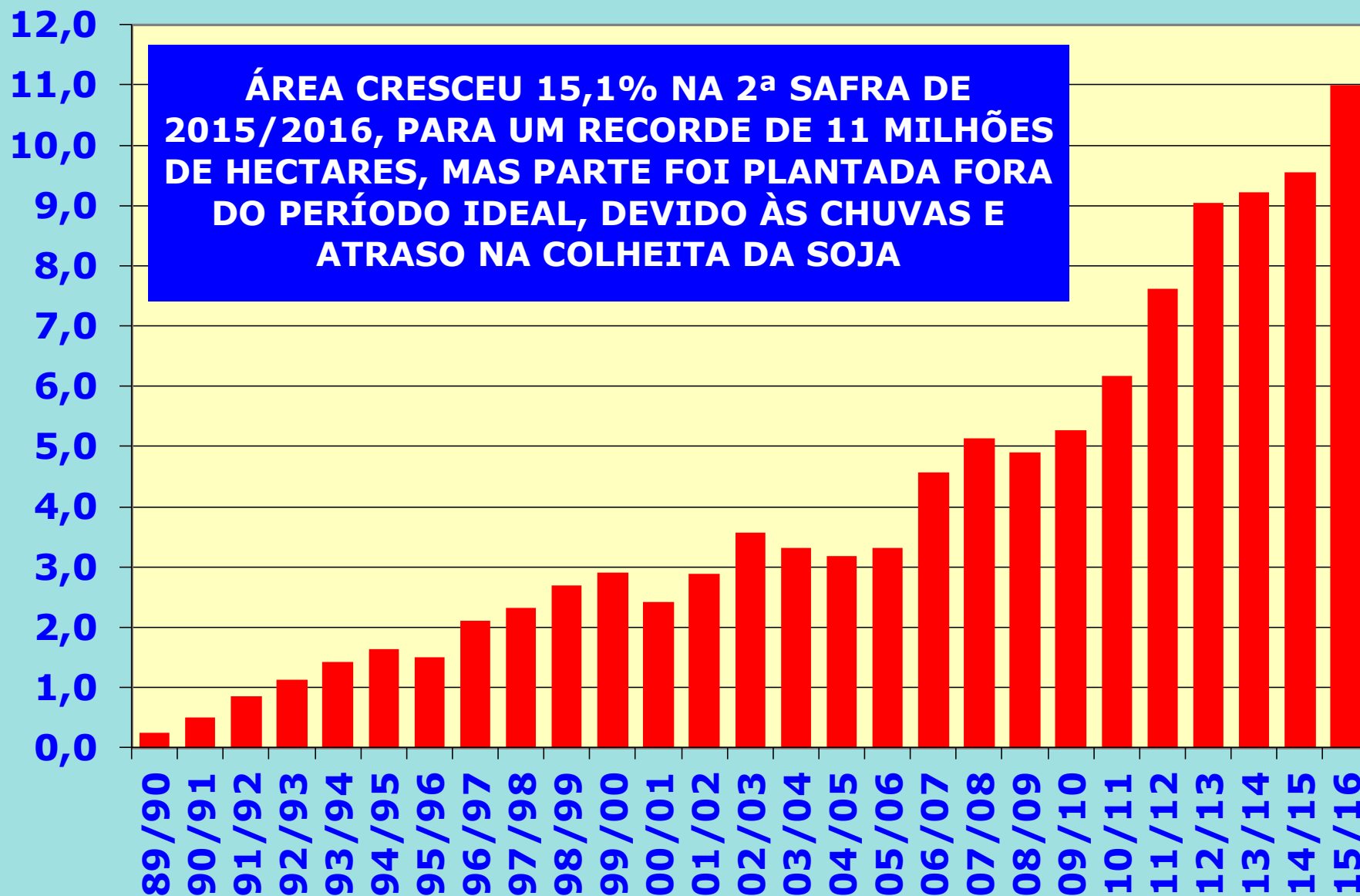


DISTRIBUIÇÃO DO REBANHO DE SUÍNOS NO BRASIL



MILHO 2ª SAFRA

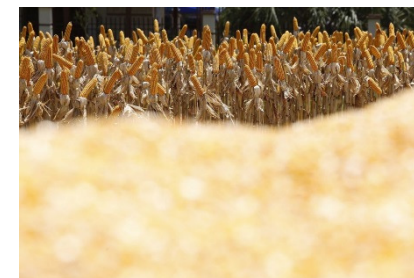
ÁREA DE CULTIVO - MILHÕES HA



MILHO 2ª SAFRA

CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO					P	P	P	P	C	C	C	
TO					P	P	P	P	C	C	C	
Nordeste												
MA					P	P	P		C	C		
PI	C					P	P	P	P/C	C	C	C
AL	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SE	C	C	C	C				P	P			C
BA	C	C	C				C	P	P			C
Centro-Oeste												
MT				P	P	P		C	C	C	C	
MS				P	P	P			C	C	C	C
GO				P	P	P			C	C	C	
DF				P	P	P			C	C	C	
Sudeste												
MG	C			P	P	P	P	P	C	C	C	C
SP					P	P	P	P	C	C	C	C
Sul												
PR				P	P	P		C	C	C	C	C

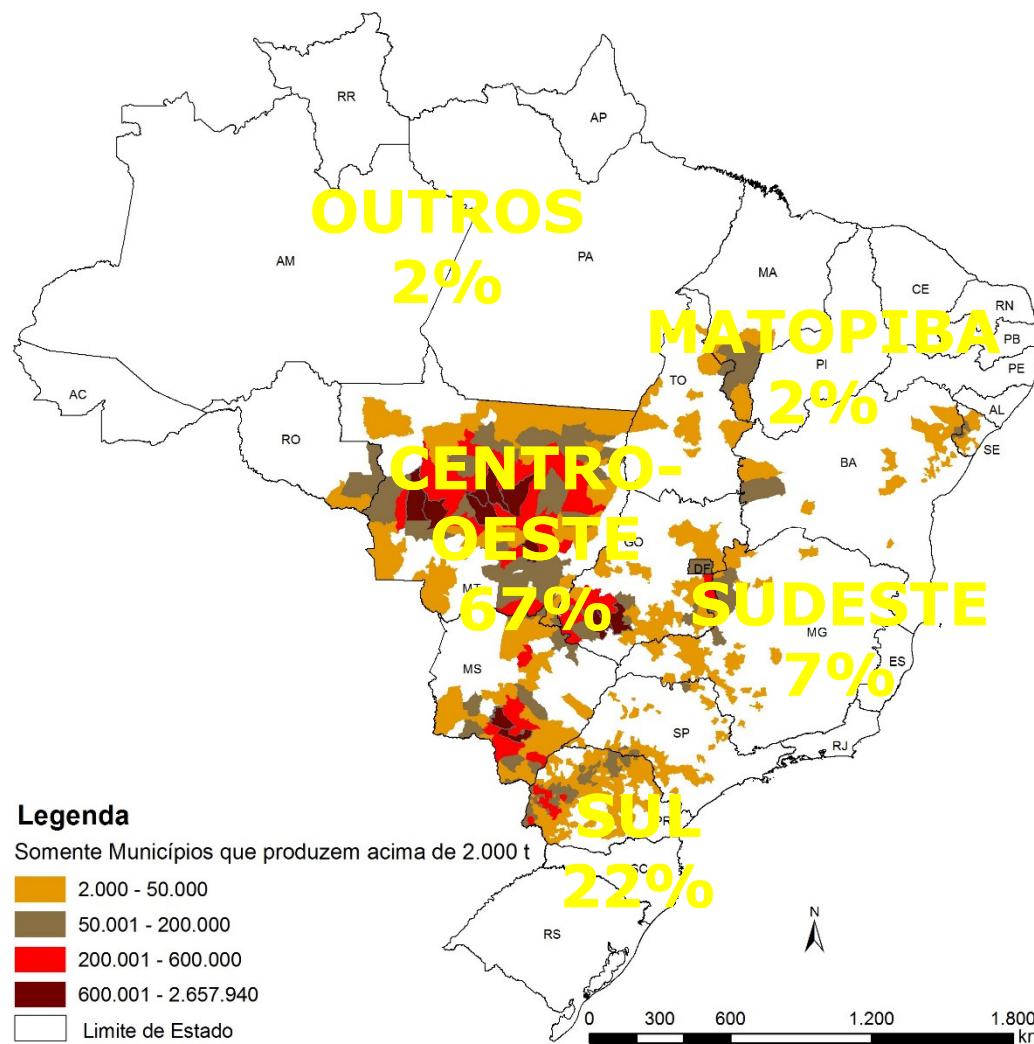


P = PLANTIO

C = COLHEITA

P/C = PLANTIO E COLHEITA

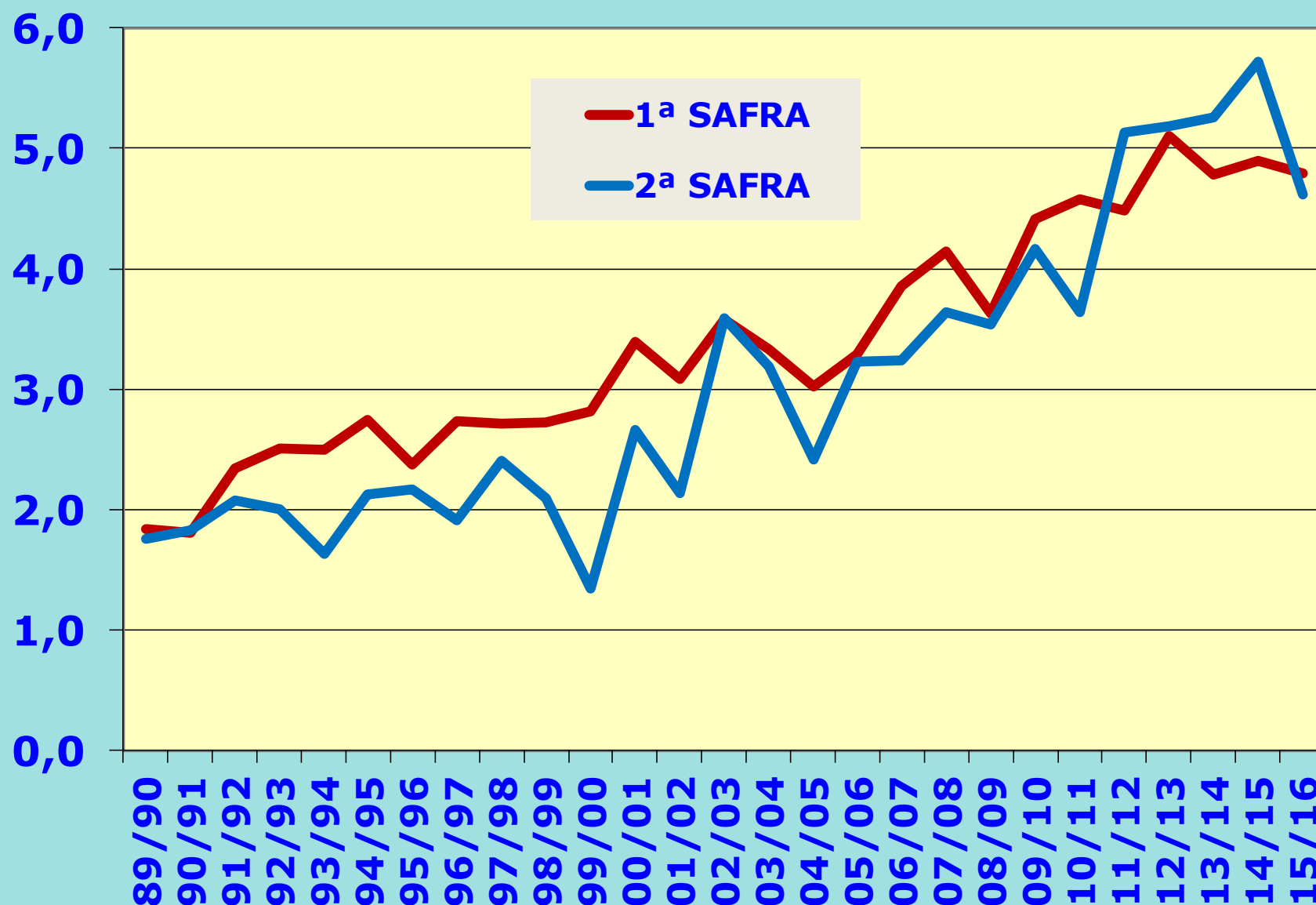
MILHO: PRODUÇÃO 2ª SAFRA 2015/2016



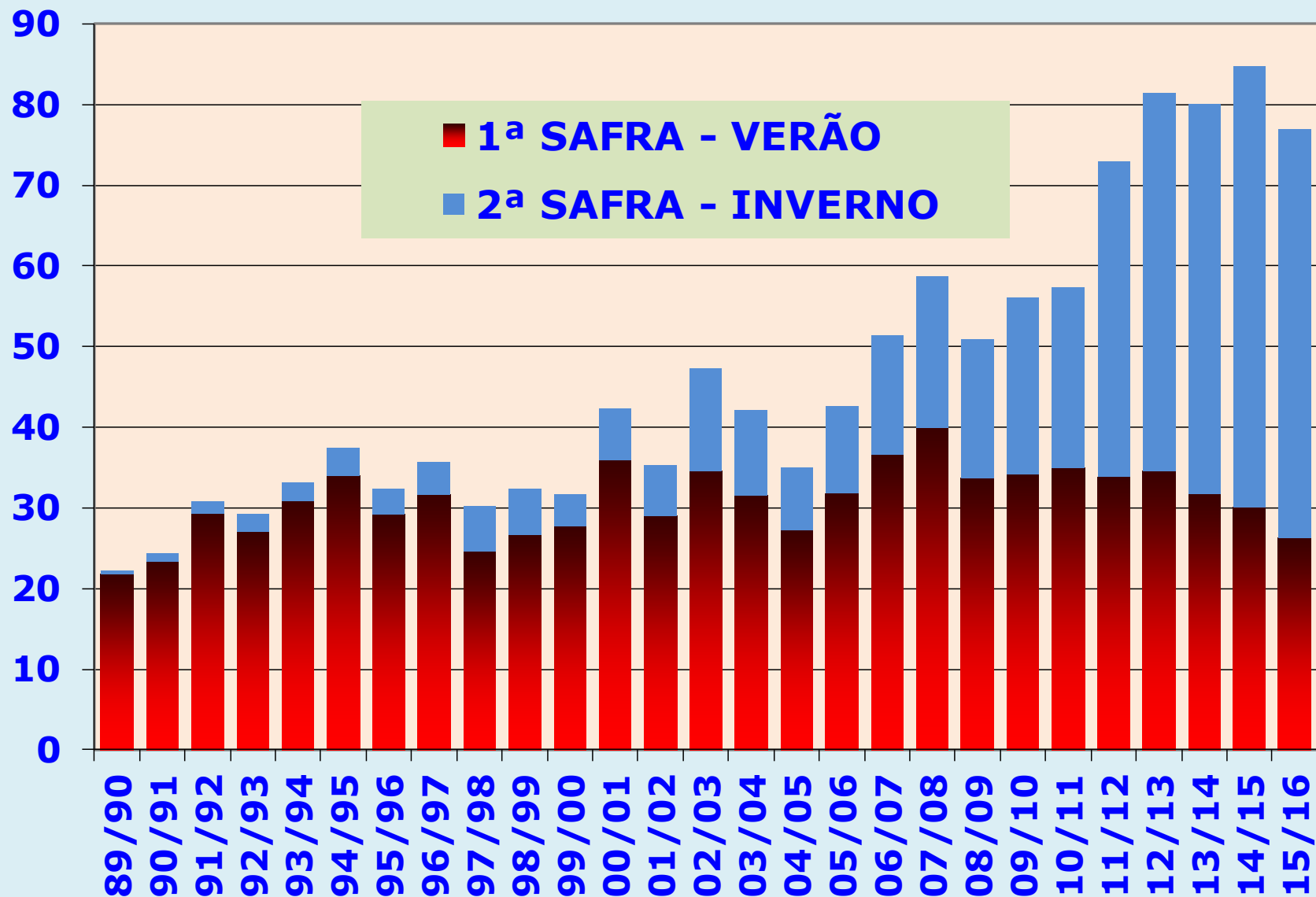
MILHO 2ª SAFRA: PRODUÇÃO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



MILHO: PRODUTIVIDADE MÉDIA NA 1ª E NA 2ª SAFRA - BRASIL - T/HA



MILHO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS



MILHO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

SAFRAS 2009/2010 A 2015/2016

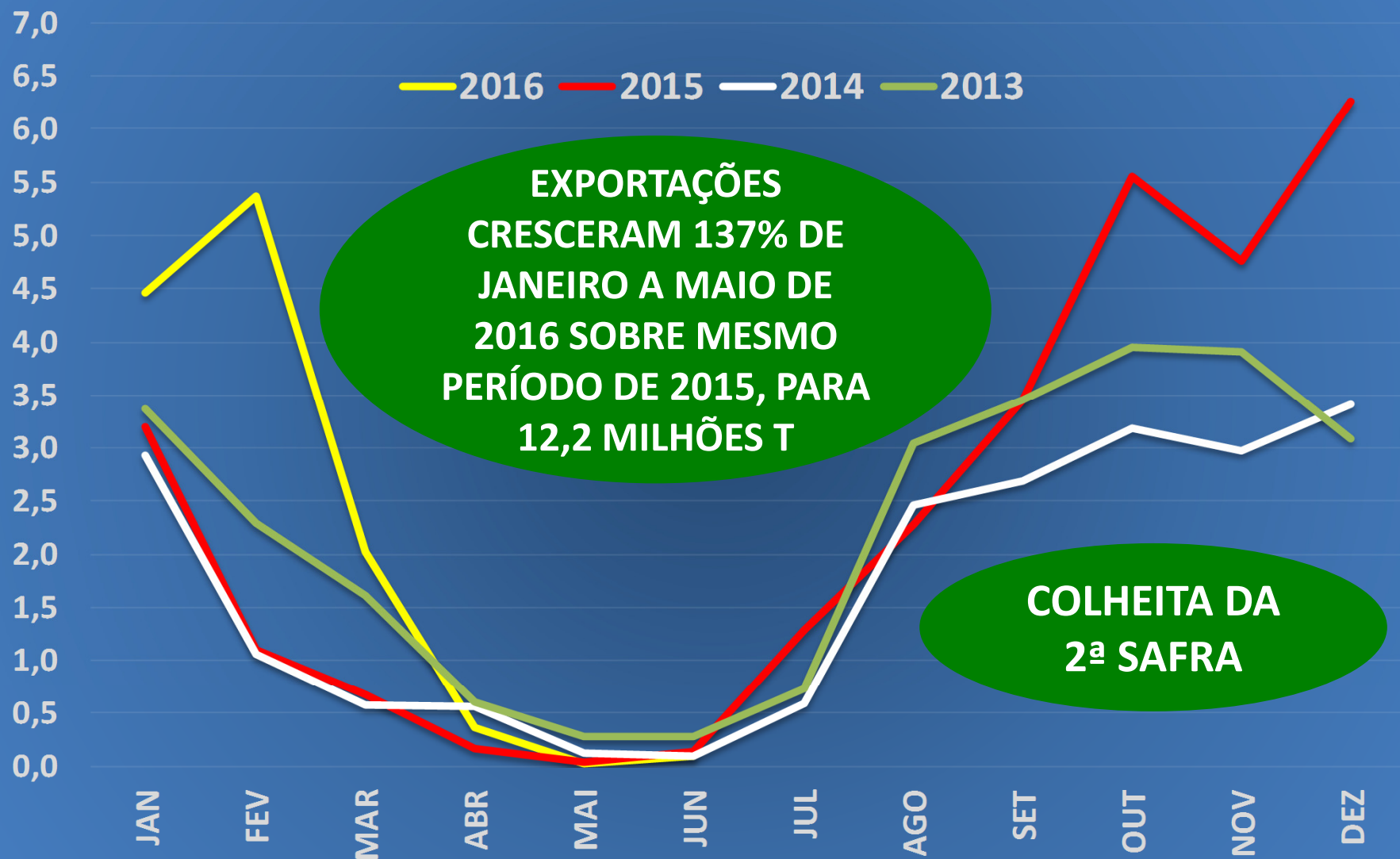
EM MIL TONELADAS

ANO-SAFRA (FEVEREIRO-JANEIRO)

ITEM	2009/2010	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016*	VAR. 2015-2016/ 2014-2015 (%)
ESTOQUE INICIAL	7.112,7	5.589,0	5.419,2	4.433,8	6.563,0	11.835,5	10.506,8	-11,2%
PRODUÇÃO	56.018,1	57.407,0	72.979,5	81.505,7	80.051,7	84.672,5	77.040,2	-9,0%
PRIMEIRA SAFRA	34.079,3	34.946,7	33.867,1	34.576,8	31.652,6	30.082,0	26.224,9	-12,8%
SEGUNDA SAFRA	21.938,8	22.460,3	39.112,4	46.928,9	48.399,1	54.590,5	50.815,3	-6,9%
IMPORTAÇÕES	391,9	764,4	774,0	911,4	790,7	316,1	1.500,0	374,5%
OFERTA TOTAL	63.522,7	63.760,4	79.172,7	86.850,9	87.405,4	96.824,1	89.047,0	-8,0%
EXPORTAÇÕES	10.966,1	9.311,9	22.313,7	26.174,1	20.924,8	30.172,3	28.000,0	-7,2%
CONSUMO INTERNO	46.967,6	49.029,3	52.425,2	54.113,8	54.645,1	56.145,0	56.524,2	0,7%
DEMANDA TOTAL	57.933,7	58.341,2	74.738,9	80.287,9	75.569,9	86.317,3	84.524,2	-2,1%
ESTOQUE FINAL	5.589,0	5.419,2	4.433,8	6.563,0	11.835,5	10.506,8	4.522,8	-57,0%
DIAS DE CONSUMO	43	40	31	44	79	68	29	

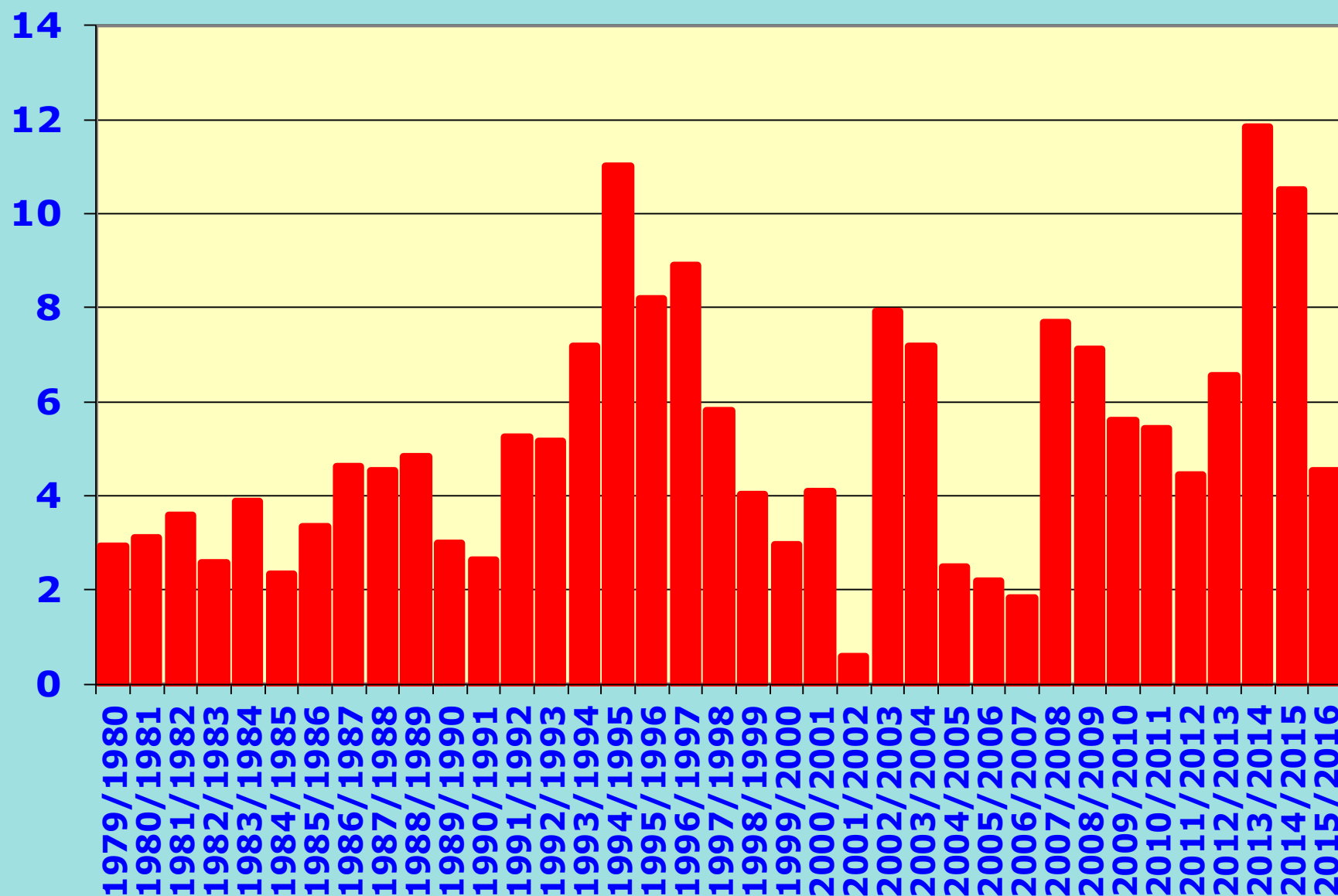
Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA *Projeções

MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 2013 A 2016 MILHÕES T/MÊS

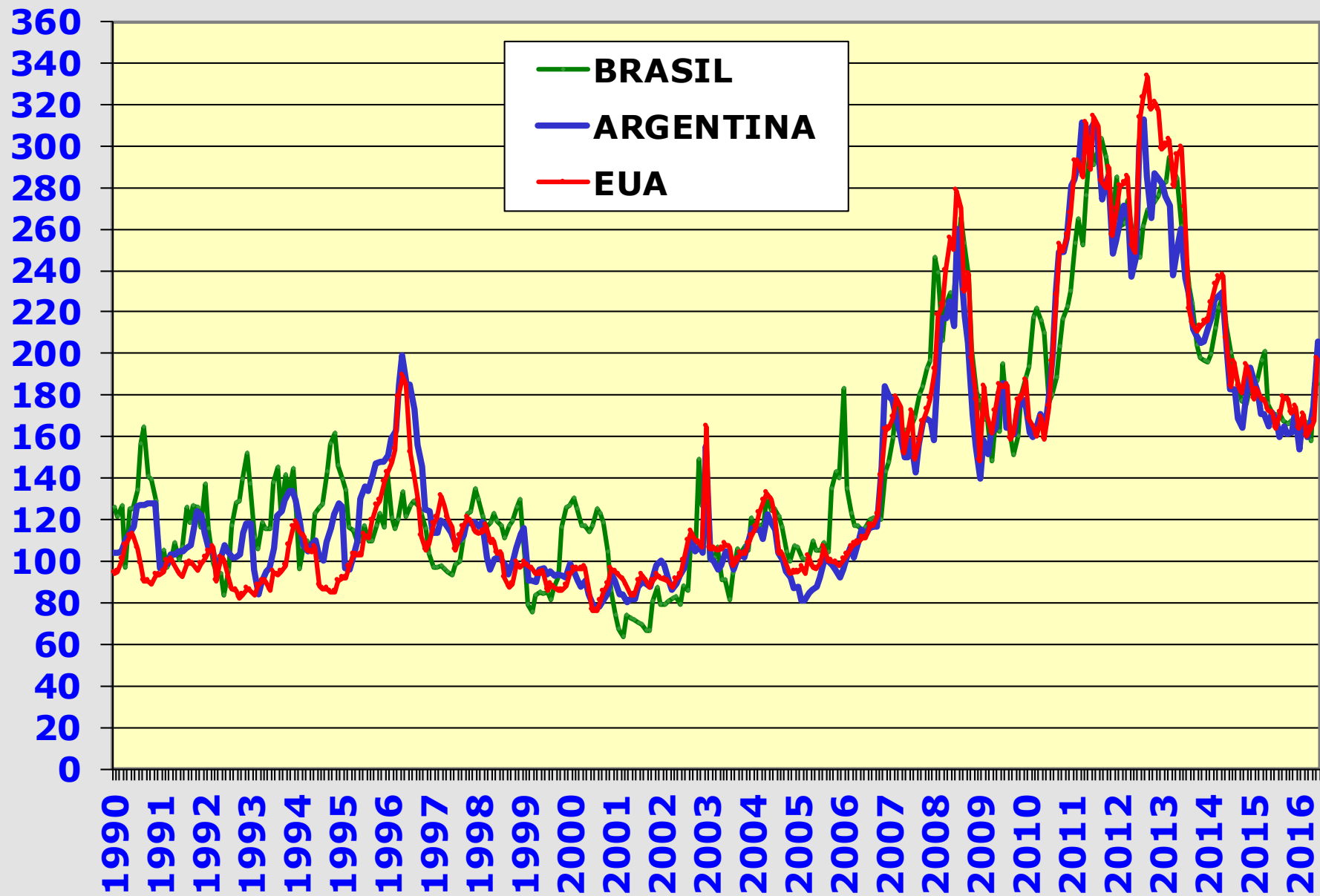


ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

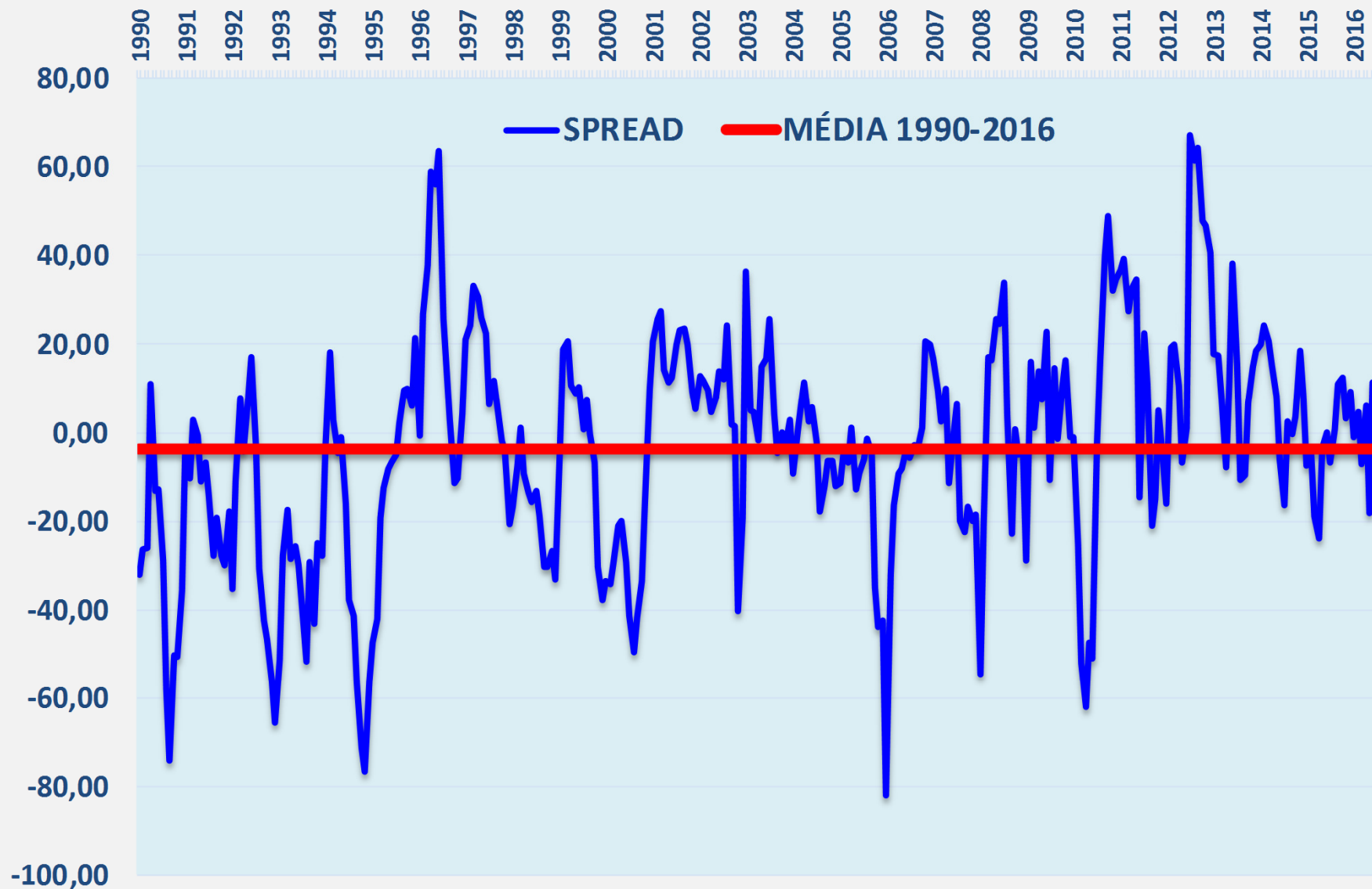
MILHO: ESTOQUES FINAIS NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



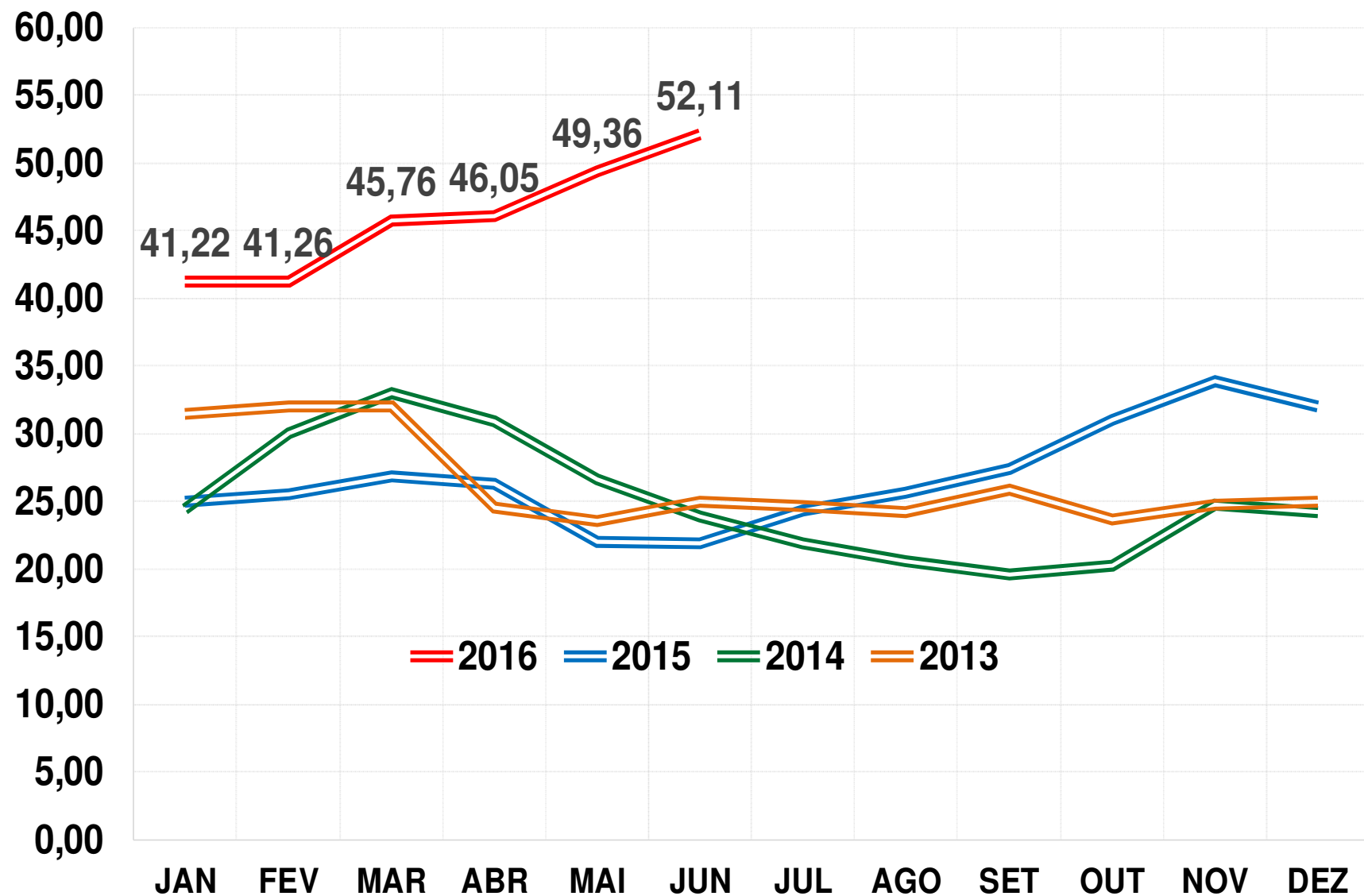
MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS FOB PORTOS BRASIL x ARGENTINA x EUA - US\$/T FOB



MILHO: SPREAD EXPORTAÇÃO FOB GOLFO (EUA)/ (PARANAGUÁ)/BRASIL - US\$/TONELADA

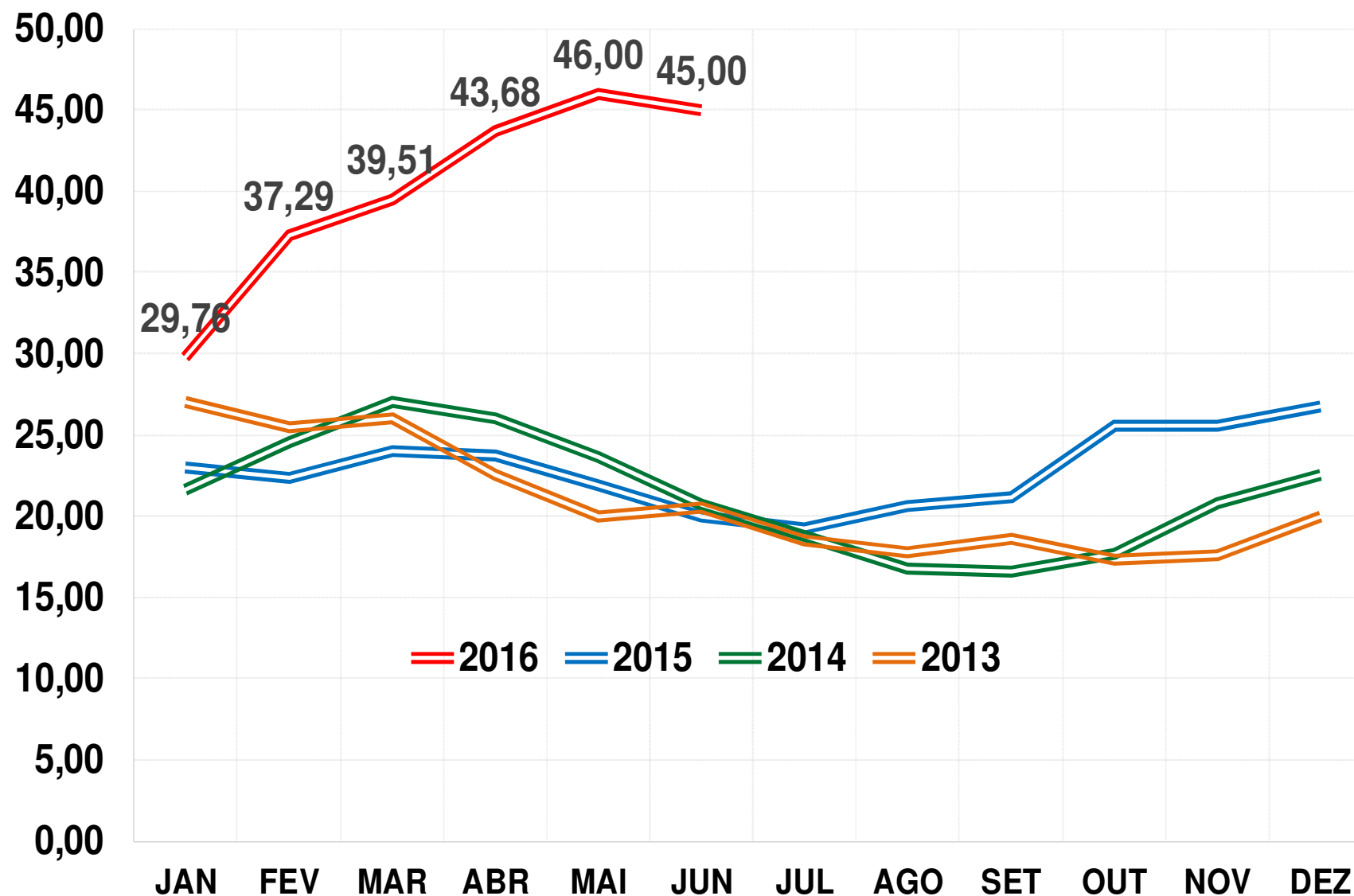


MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB SP R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES

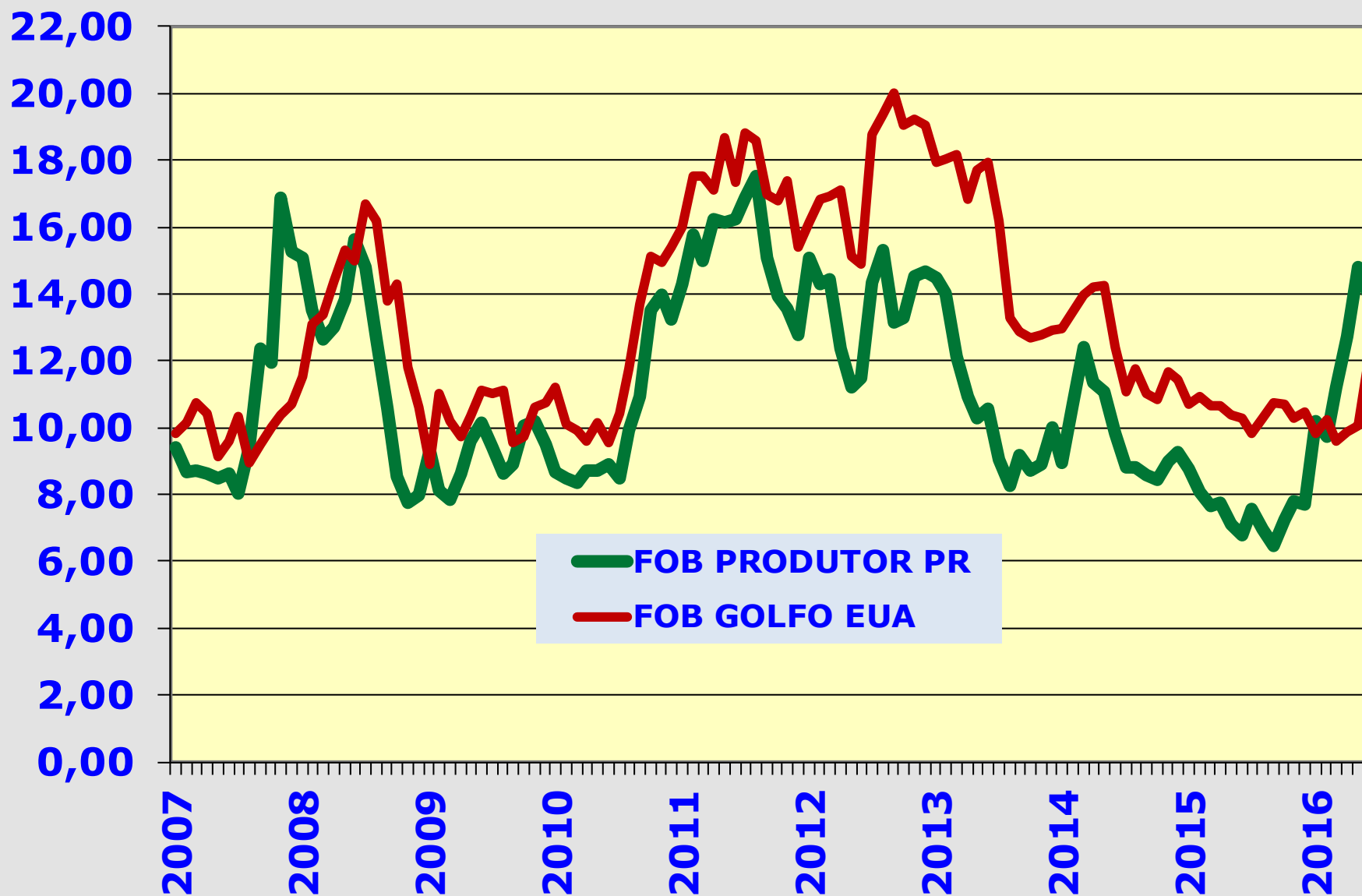


MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB GO

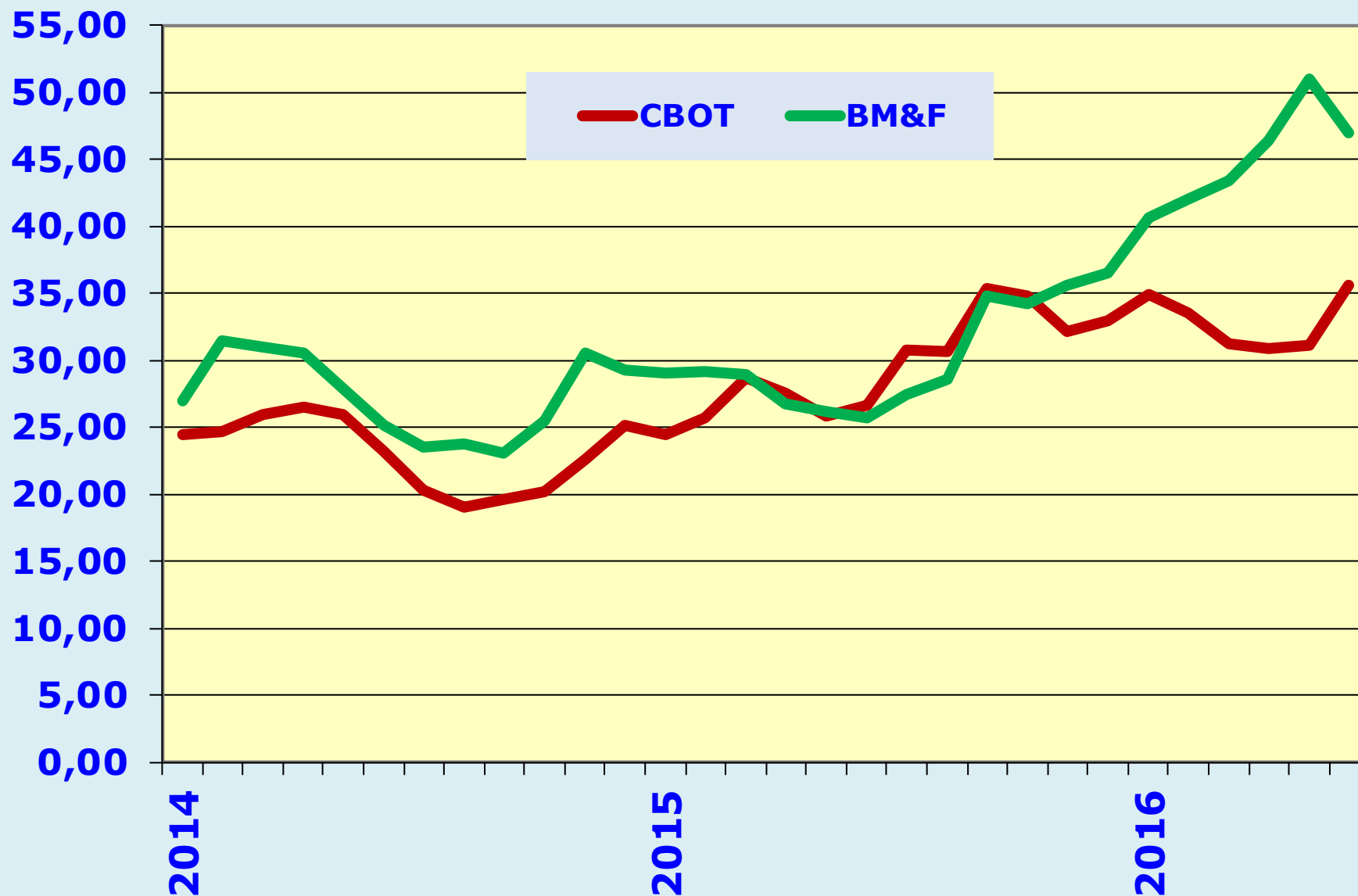
R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS
PRODUTOR PR x FOB GOLFO EUA
US\$/60 KG - 2007 A 2016

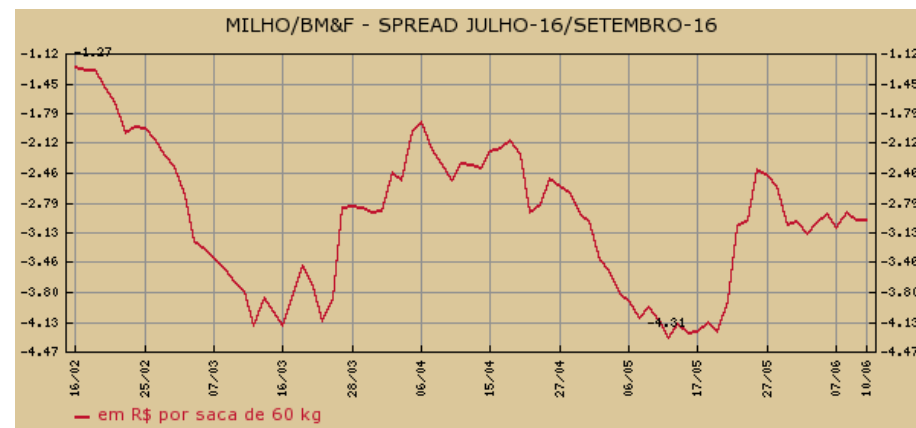
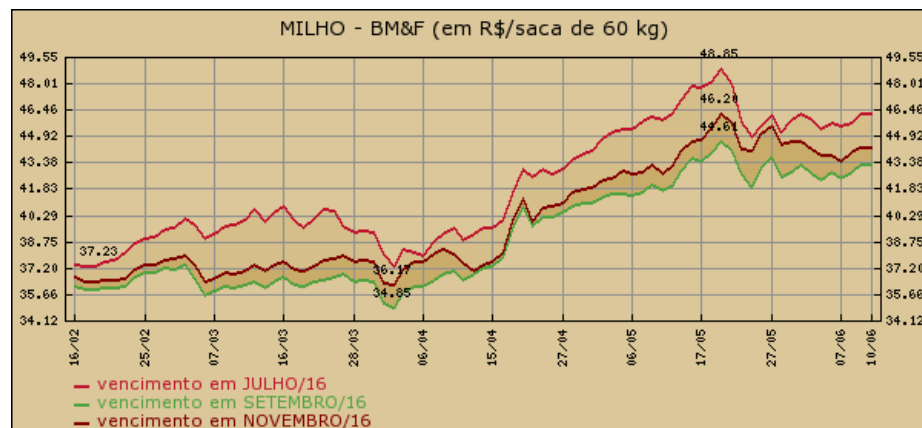


MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS CBOT x BM&F - 1ª ENTREGA - R\$/60 KG



MILHO: COTAÇÕES NA BM&F

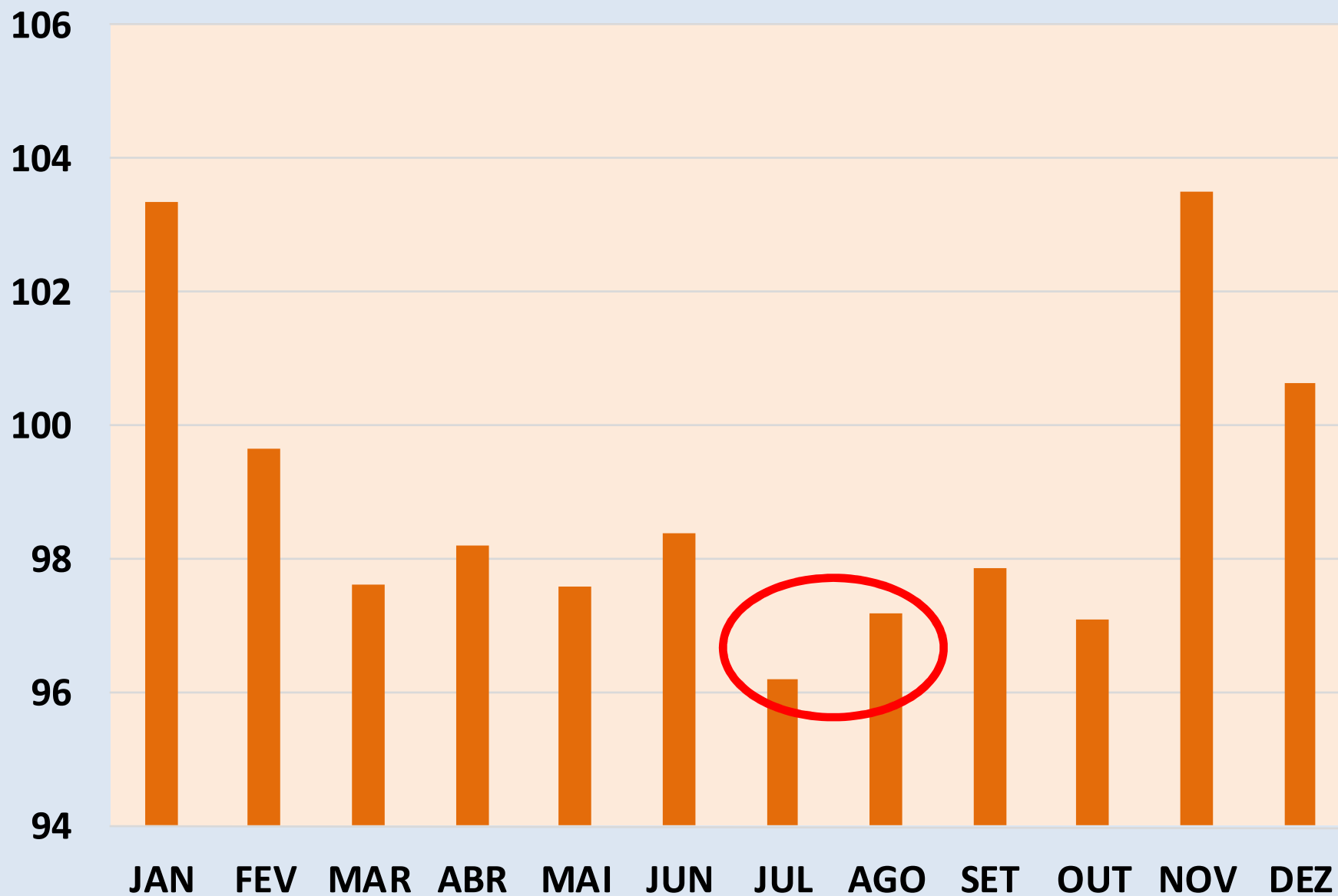
MILHO - BM&F (em R\$/saca de 60 kg)							
Data: 10/06/2016 JUL_16 SET_16 NOV_16 JAN_17 MAR_17 MAI_17 SET_17							
Ajuste	46,92	43,25	44,40	45,34	44,80	42,81	39,40
Máxima	47,66	43,77	44,70	45,60	45,00	43,00	-
Mínima	46,27	43,12	44,40	45,34	44,50	42,81	-
Contr Abertos	3.339	25.102	600	1.556	1.069	960	128
Contr Negociados	736	4.185	267	322	31	54	0
Fec Anterior	46,21	43,21	44,25	45,40	44,50	42,60	39,20
Variação	0,71	0,04	0,15	-0,06	0,30	0,21	0,20
Var. Semana	1,57	0,93	0,60	0,54	0,10	0,13	0,01



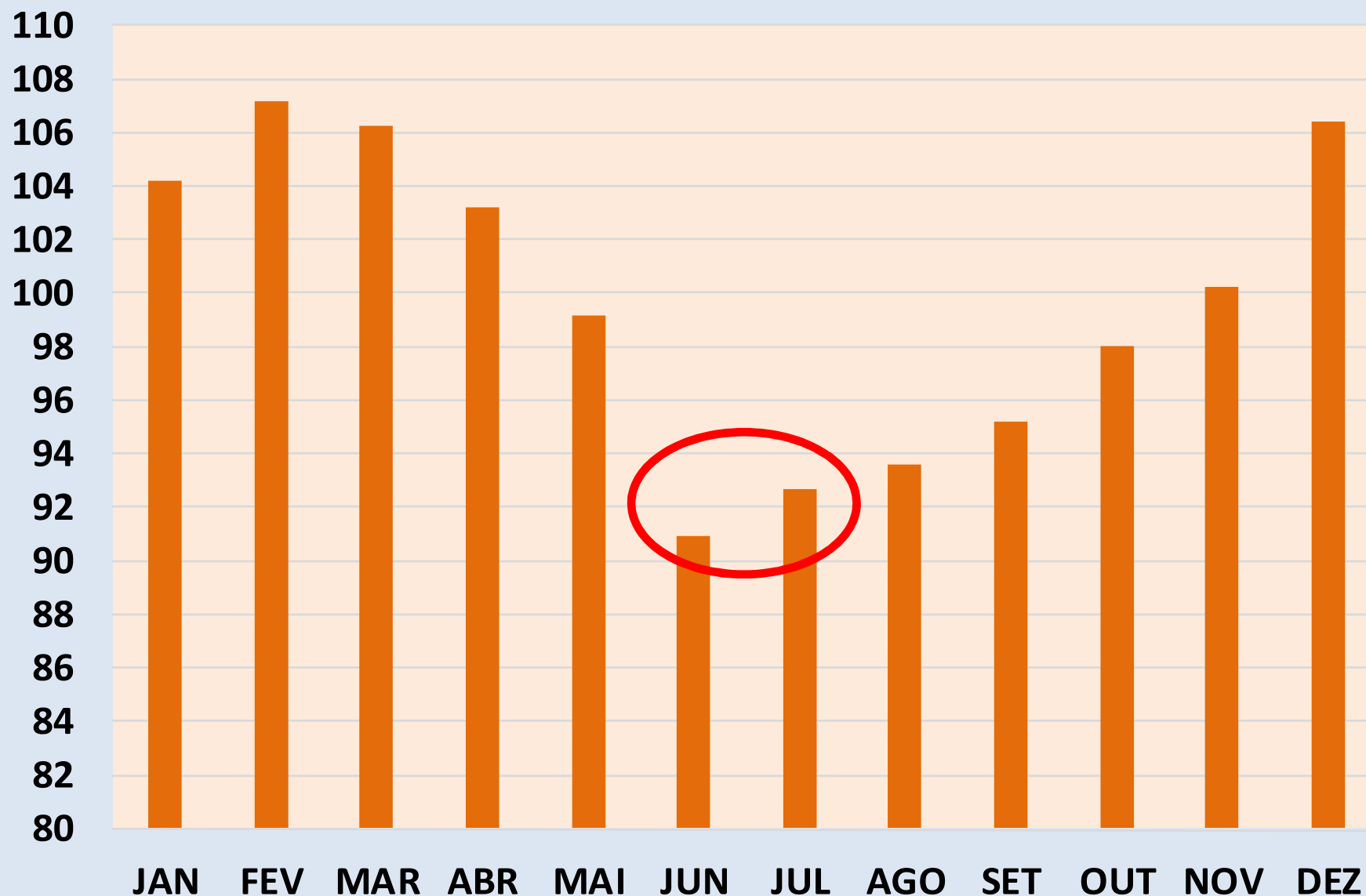
**MILHO: PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES
PARANÁ - MERCADO DE LOTES
PERÍODO ANALISADO: 2006 A 2015
PREÇOS EM REAIS POR SACA DE 60 KG
DEFLACIONADOS PELO IGP-DI DEZEMBRO/2015
ANÁLISE DE SAZONALIDADE**

	MÉDIAS ÍNDICES ESTACIONAIS	MÉDIAS DOS ÍNDICES SAZONAIS
JAN	103,34	104,45
FEV	99,65	100,72
MAR	97,60	98,65
ABR	98,19	99,25
MAI	97,59	98,63
JUN	98,38	99,44
JUL	96,19	97,23
AGO	97,20	98,24
SET	97,87	98,92
OUT	97,10	98,14
NOV	103,51	104,62
DEZ	100,64	101,72
MÉDIA	98,94	100,00

MILHO: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS NO PARANÁ - 2006 A 2015



MILHO: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS EM MATO GROSSO - 2006 A 2015



MILHO: PARIDADE DE IMPORTAÇÃO COM ISENÇÃO DA TEC DE 8%

MILHO: CUSTO DE IMPORTAÇÃO E PARIDADE DE PREÇOS NO BRASIL

ORIGEM	ARGENTINA	PARAGUAI	EUA
ESPECIFICAÇÃO	FOB B. AIRES	FOB FOZ IGUAÇU	FOB GOLFO
VIA	MARÍTIMA	TERRESTRE	MARÍTIMA
DESTINO	SUL/SUDESTE	SUL/SUDESTE	NORDESTE
	US\$/T	US\$/T	US\$/T
01. COTAÇÃO FOB	206,00	138,00	197,30
02. FRETE ORIGEM-PORTO BRASILEIRO	16,00	60,00	14,00
03. CUSTO E FRETE PORTO BRASIL	222,00	198,00	211,30
04. SEGURO INTERNACIONAL (0,6% S/ITEM 03)	1,33	1,19	1,27
05. CUSTO CIF	223,33	199,19	212,57
06. IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO (TEC DE 8%) ← - - - - -	0,00	0,00	0,00
07. DESPACHANTE	2,00	2,00	2,00
08. ICMS NO INGRESSO	0,00	0,00	0,00
09. TAXA DECEX (180 UFIR S/GUIA 15 MIL T)	0,02	0,02	0,02
10. CORRETAGEM CÂMBIO (0,1875% S/ITEM 05)	0,42	0,37	0,40
11. CARTA DE CRÉDITO (1,5% S/ITEM 03)	3,33	2,97	3,17
12. AFRMM (25% S/ITEM 02)	4,00	0,00	3,50
13. DESPESAS PORTUÁRIAS TOTAIS	6,96	6,96	6,96
14. SUB-TOTAL EM US\$/t	240,06	211,51	228,62
15. TAXA CAMBIAL	3,48	3,48	3,48
16. SUB-TOTAL R\$/TONELADA	835,41	736,06	795,58
17. ICMS	0,00	0,00	0,00
18. PIS/COFINS (9,25%)	77,28	68,09	73,59
19. SUB-TOTAL R\$/T COM TRIBUTOS	912,69	804,15	869,17
20. FRETE PORTO-INTERIOR SP	23,50	0,00	25,00
21. CUSTO R\$/TONELADA CIF INDÚSTRIA	936,19	804,15	894,17
22. CUSTO DE IMPORTAÇÃO R\$/60 KG CIF INDÚSTRIA SP/NE	56,17	48,25	53,65
23. PREÇO MÉDIO MERCADO INTERNO R\$/60 KG CIF SP/NE	52,00	52,00	58,00
24. PARIDADE IMPORTADO/NACIONAL EM R\$/60 kg	4,17	-3,75	-4,35

Fonte: www.carlocogo.com.br

MILHO: PARIDADE DE IMPORTAÇÃO COM ISENÇÃO DA TEC DE 8% E DO PIS/COFINS DE 9,25%

MILHO: CUSTO DE IMPORTAÇÃO E PARIDADE DE PREÇOS NO BRASIL

ORIGEM	ARGENTINA	PARAGUAI	EUA
ESPECIFICAÇÃO	FOB B. AIRES	FOB FOZ IGUAÇU	FOB GOLFO
VIA	MARÍTIMA	TERRESTRE	MARÍTIMA
DESTINO	SUL/SUDESTE	SUL/SUDESTE	NORDESTE
	US\$/T	US\$/T	US\$/T
01. COTAÇÃO FOB	206,00	138,00	197,30
02. FRETE ORIGEM-PORTO BRASILEIRO	16,00	60,00	14,00
03. CUSTO E FRETE PORTO BRASIL	222,00	198,00	211,30
04. SEGURO INTERNACIONAL (0,6% S/ITEM 03)	1,33	1,19	1,27
05. CUSTO CIF	223,33	199,19	212,57
06. IMPOSTO DE IMPORTAÇÃO (TEC DE 8%) ← - - - - -	0,00	0,00	0,00
07. DESPACHANTE	2,00	2,00	2,00
08. ICMS NO INGRESSO	0,00	0,00	0,00
09. TAXA DECEX (180 UFIR S/GUIA 15 MIL T)	0,02	0,02	0,02
10. CORRETAGEM CÂMBIO (0,1875% S/ITEM 05)	0,42	0,37	0,40
11. CARTA DE CRÉDITO (1,5% S/ITEM 03)	3,33	2,97	3,17
12. AFRMM (25% S/ITEM 02)	4,00	0,00	3,50
13. DESPESAS PORTUÁRIAS TOTAIS	6,96	6,96	6,96
14. SUB-TOTAL EM US\$/t	240,06	211,51	228,62
15. TAXA CAMBIAL	3,48	3,48	3,48
16. SUB-TOTAL R\$/TONELADA	835,41	736,06	795,58
17. ICMS	0,00	0,00	0,00
18. PIS/COFINS (9,25%) ← - - - - -	0,00	0,00	0,00
19. SUB-TOTAL R\$/T COM TRIBUTOS	835,41	736,06	795,58
20. FRETE PORTO-INTERIOR SP	23,50	0,00	25,00
21. CUSTO R\$/TONELADA CIF INDÚSTRIA	858,91	736,06	820,58
22. CUSTO DE IMPORTAÇÃO R\$/60 KG CIF INDÚSTRIA SP/NE	51,53	44,16	49,23
23. PREÇO MÉDIO MERCADO INTERNO R\$/60 KG CIF SP/NE	52,00	52,00	58,00
24. PARIDADE IMPORTADO/NACIONAL EM R\$/60 kg	-0,47	-7,84	-8,77

Fonte: www.carlocogo.com.br

MILHO EM GRÃO
Importações Brasileiras por Países de Origem

Países de Origem	2013			2014			2015			Jan-Mai/2016		
	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t	Toneladas	Valor FOB US\$ 1000	US\$/t
Argentina	56.026	34.480	615,44	2.828	1.215	429,62	1.976	442	223,85	202.005	33.748	167,07
Estados Unidos				305	124	406,26	245	191	776,98	20	7	360,56
Paraguai	827.298	113.436	137,12	768.142	102.436	133,36				176.244	24.258	137,64
Uruguai	27.499	7.743	281,59				367.316	40.679	110,75			
Outros												
TOTAL	910.823	155.660	170,90	771.276	103.775	134,55	369.538	41.312	111,79	378.268	58.013	153,36

Fonte: SECEX

MILHO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016/2017

ANO-SAFRA		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO	SUL/SUDESTE	CERRADO
ESTADOS		PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA	PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA	PR/RS/SP/MG	MT/MS/GO/BA
ITEM	UNIDADE	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA	1ª SAFRA	2ª SAFRA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES	USD/HA	165,11	118,06	130,31	117,93	128,96	101,27
FERTILIZANTES	USD/HA	316,30	192,65	225,95	188,24	215,84	159,23
DEFENSIVOS	USD/HA	104,13	123,57	94,19	107,45	109,83	95,13
OUTROS	USD/HA	237,50	56,26	197,22	47,87	81,98	41,03
CUSTEIO DA LAVOURA	USD/HA	823,04	490,54	647,67	461,49	536,61	396,66
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	201,31	195,04	182,46	238,82	166,12	205,13
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	USD/HA	1.024,35	685,58	830,13	700,31	702,73	601,79
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	R\$/HA	2.335,52	1.563,12	2.673,02	2.255,00	2.550,91	2.184,50
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	113,05	24,78	94,27	23,60	40,98	20,00
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	1.137,40	710,36	924,40	723,91	743,71	621,79
RENDIA DE FATORES	USD/HA	129,99	71,17	118,61	68,94	204,65	64,36
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)	USD/HA	1.267,39	781,53	1.043,01	792,85	948,36	686,15
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SACAS/HA	144,1	108,6	134,2	90,7	143,3	107,0
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	8.645	6.516	8.050	5.442	8.600	6.420
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	USD/60 KG	8,80	7,20	7,77	8,74	6,62	6,41
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	R\$/HA	2.889,65	1.781,89	3.358,49	2.552,98	3.442,55	2.490,72
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,19	6,61	9,92	7,83	11,02	9,08
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	0,39	-0,59	2,15	-0,91	4,40	2,67
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/BUSHEL	3,65	3,65	3,60	3,60	4,10	4,10
PREÇO MÉDIO CBOT	USD/60 KG	8,62	8,62	8,50	8,50	9,68	9,68
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	1.324,13	717,85	1.330,93	710,18	1.579,53	971,56
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇÃO	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	3.972,38	2.153,54	5.097,47	2.719,99	6.018,02	3.701,64
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	USD/HA	1.194,14	646,68	1.212,32	641,24	1.374,88	907,20
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	R\$/HA	1.082,73	371,65	1.738,98	167,02	2.575,48	1.210,92
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	37,5%	20,9%	51,8%	6,5%	74,8%	48,6%
MARGEM SOBRE O CUSTO	SACAS/HA	54,0	22,7	69,5	5,9	107,2	52,0
RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)	USD/HA	299,78	32,27	500,80	9,87	876,80	268,77
EBITDA	R\$/HA	1.636,86	590,42	2.424,46	465,00	3.467,11	1.517,15
MARGEM EBITDA	%	41,2%	27,4%	47,6%	17,1%	57,6%	41,0%

CARLOS COGO
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



TRIGO

WWW.CARLOSCOGO.COM.BR

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Os preços internos do trigo são sustentados pela demanda da indústria de carnes e de ração e continuarão atrelados ao milho no 2º semestre.
- As cotações tendem a se manter em patamar acima do ano passado se a oferta de milho 2ª safra, em fase de colheita, for menor do que a esperada, e podem ceder caso o volume do principal insumo da ração animal for suficiente para atender a indústria.
- O produtor paranaense recebe, em média, R\$ 45,51 por saca de 60 Kg do tipo pão com PH 78, cotação 9% mais que em maio e 18% acima do obtido em maio do ano passado.
- Já o milho é negociado no mercado de balcão do Estado a R\$ 41,95 por saca de 60 Kg, em média, 5% acima da média de maio e 116% mais que em maio do ano passado.
- O cenário de curto prazo mais remunerador para o trigo tem estimulado alguns produtores a rever a área a ser plantada no Rio Grande do Sul, mas a disponibilidade de sementes limita aumento significativo de área.
- No Paraná, o tamanho da lavoura já está definido no norte e no oeste, mas até pode crescer no centro-sul.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- Os produtores sabem que as condições favoráveis de comercialização podem não se sustentar na entrada da safra, a partir de setembro.
- As cotações internas do trigo vão depender do câmbio, dos preços internacionais e da disponibilidade exportadora da Argentina.
- Quando o plantio foi iniciado no Brasil, os preços eram 25% superiores aos do ano anterior, acompanhando o custo de produção, e mesmo assim a lavoura não foi ampliada.
- A área de cultivo de trigo deve recuar 13,6% em 2016, com quedas previstas em 14,7% no Paraná e 11,2% no Rio Grande do Sul.
- A área de cultivo de trigo no Brasil em 2016 está estimada em 2,120 milhões de hectares, contra 2,455 milhões de hectares em 2015.
- As duas últimas safras de trigo foram afetadas por adversidades climáticas e o retorno da Argentina como grande produtor e exportador global também pesa sobre a decisão dos produtores brasileiros.
- Entretanto, com projeção de clima mais favorável em 2016, a projeção é de que a produção brasileira atinja 6,248 milhões de toneladas, 14,4% acima de 2015, que foi de 5,461 milhões de toneladas.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- O preço médio do trigo no mercado de balcão do Paraná, no mês de maio/2016, apresentou valorização de 1,1% sobre o mês de abril e 10,7% em relação a janeiro/2016.
- No Rio Grande do Sul, a variação no mês de abril foi de 8,2% e de 10,6% desde janeiro/2016.
- A forte demanda por trigo ração no Rio Grande do Sul explica a significativa diferença entre os meses de abril e maio.
- O preço no mercado de lotes no Paraná está entre R\$ 880,00 e R\$ 900,00 a tonelada, enquanto no Rio Grande do Sul gira entre R\$ 790,00 e R\$ 810,00 a tonelada
- A redução na demanda de farinhas industriais e a forte procura por trigo para ração retraíram as vendas aos moinhos.
- Praticamente não há mais lotes significativos de trigo nacional à disposição dos moageiros no Brasil, devendo, daqui para a frente, devendo ocorrer aumento considerável de importações.
- As cotações FOB Golfo do México caíram de US\$ 356 a tonelada em junho/2014 para US\$ 197 a tonelada em maio/2016 – recuo de 44,6%.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- O nível de preços globais atual é o mais baixo desde 2006.
- Em junho, os preços FOB Golfo estão em US\$ 212,80 a tonelada e o preço de referência na Argentina é de US\$ 210,00 a tonelada.
- Os preços atuais na Argentina e Estados Unidos se mantêm em patamares próximos dos constatados em 2006, 2007 e 2009, sinalizando para uma maior competitividade do produto norte-americano em relação a alguns concorrentes internacionais.
- Não há vendedores de trigo de boa qualidade na Argentina atualmente, por falta de produto.
- O trigo do Paraguai no mercado doméstico é de US\$ 230 a tonelada e de US\$ 240 a tonelada posto em Cascavel (PR).
- As estimativas de preços de exportação dos Estados Unidos, para o mês de novembro de 2016, são de US\$ 223 e US\$ 231 a tonelada para os trigos com 11,0% e 12,5% de proteína, respectivamente.
- Assim, há sinais de mercado com preços globais mais sustentados para o trigo no final de 2016, ante a escassez mundial de milho.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- De acordo com o relatório mensal de oferta e demanda de Junho/2016, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foi elevada a projeção para a produção mundial de trigo na safra 2016/2017, para 730,8 milhões de toneladas, ante 727,0 milhões de toneladas previstas em maio.
- A previsão de estoques mundiais de trigo no ciclo 2016/2017 foi elevada para 257,8 milhões de toneladas, acima das 257,3 milhões de toneladas no mês passado.
- O USDA também aumentou ligeiramente a expectativa para estoques globais de trigo em 2015/2016, de 242,9 milhões de toneladas, para 243,0 milhões de toneladas.
- A projeção para a safra norte-americana 2016/2017 de trigo também foi elevada, de 54,38 milhões de toneladas estimados em maio, para 56,532 milhões de toneladas, um aumento de 4%.
- Com isto, a estimativa para os estoques finais dos Estados Unidos em 2016/2017 também foi elevada, de 28,01 milhões de toneladas, para 28,58 milhões de toneladas.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- A produção brasileira de trigo na safra 2016 – ano comercial entre agosto de 2015 e julho de 2016 - atingiu 5,53 milhões de toneladas, todavia, tendo sido previstas, inicialmente, 7,0 milhões de toneladas.
- Para complementar o abastecimento nacional, foram importadas 4,37 milhões de toneladas entre agosto/2015 e maio/2016.
- No mesmo período, as exportações atingiram 1,05 milhão de toneladas.
- Apesar da oferta de trigo também limitada nesta entressafra, os números de importação em maio ainda não são expressivos.
- Em maio, a importação atingiu 383 mil toneladas de trigo, volume 11% menor que as 431 mil toneladas trazidas em maio de 2015.
- No acumulado dos cinco meses, porém, as compras são superiores em 8,4%, somando 2,226 milhões de toneladas, contra 2,054 milhões de toneladas de janeiro a maio do ano passado.
- A indústria está pagando menos pelo trigo importado.
- O preço médio da tonelada desembarcada em maio foi de US\$ 193,00, 21,2% abaixo dos US\$ 245,00 a tonelada, em média, desembolsados no mesmo mês de 2015 – o recuo reflete a maior oferta global.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2016/2017

- No mercado de derivados, nos últimos sete dias, nas regiões acompanhadas – PR, RS, SP, SC –, os preços das farinhas subiram.
- Os moinhos relatam que os aumentos mais significativos ocorrem nas vendas às indústrias alimentícias.
- A farinha para bolacha doce se valorizou 1,99%; a para panificação, 1,46%; a para massas em geral, 1,15%; a para bolacha salgada, 0,61% e para massas frescas e pré-mistura (sacas de 25 kg), 0,25%.
- No segmento do farelo, os valores são impulsionados pela maior demanda por parte das indústrias de ração.
- Essa valorização tende a continuar enquanto não houver quantidade de milho suficiente para atender indústrias de ração.
- Nos últimos sete dias, nas regiões acompanhadas – PR, RS, SP, SC –, o preço do farelo a granel teve alta de 5,26% e o ensacado, de 4,61%.
- Em maio, o volume de farinha importada praticamente manteve-se estável em comparação com o mês anterior, somando 27 mil toneladas.
- A maior parte das farinhas (25,2 mil toneladas) continua vindo da Argentina.

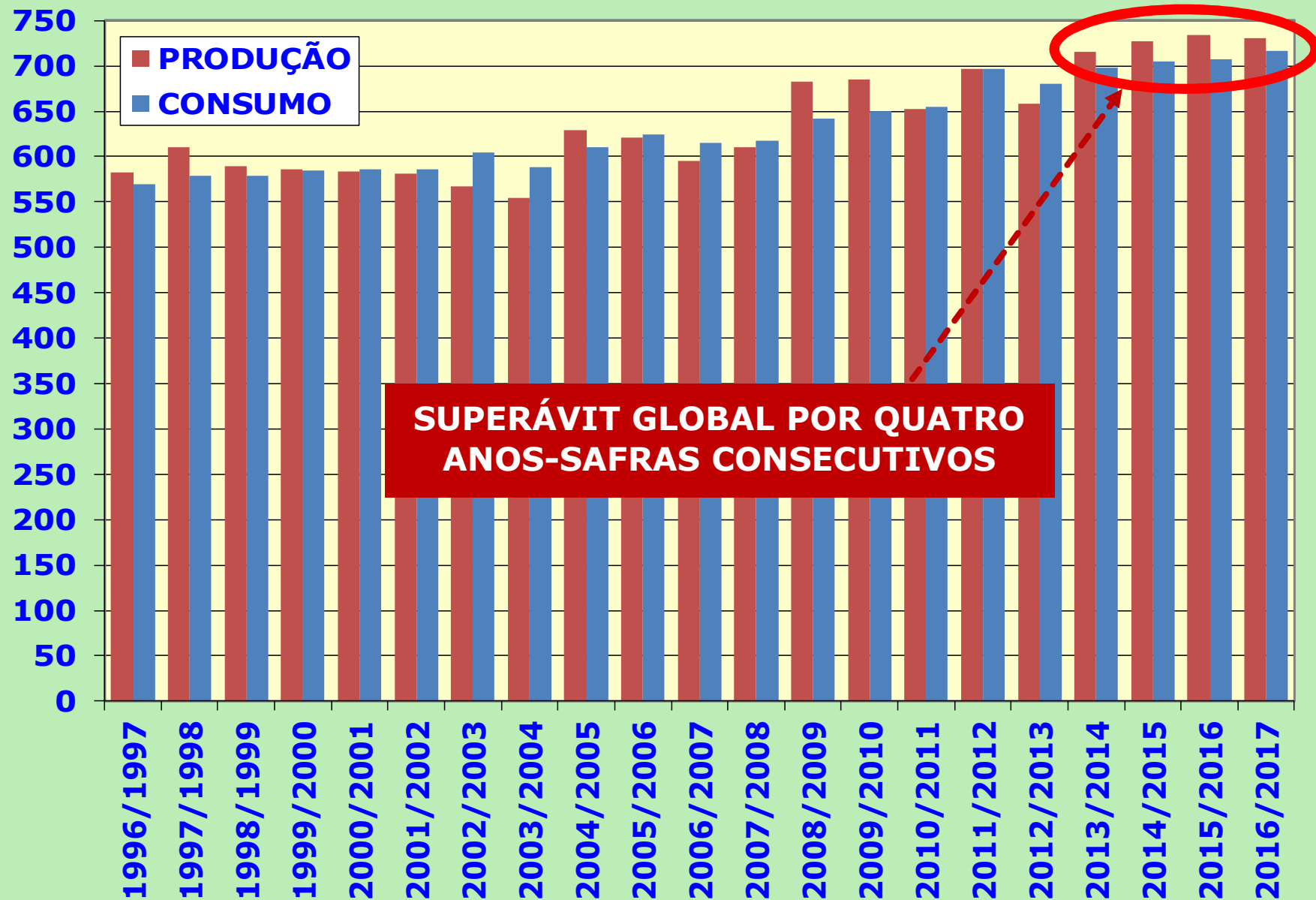
TRIGO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

SAFRA	ÁREA DE CULTIVO milhões ha	PRODUTIVIDADE MÉDIA Kg/hectare	PRODUÇÃO MUNDIAL milhões t	COMÉRCIO GLOBAL milhões t	CONSUMO RAÇÕES milhões t	CONSUMO TOTAL milhões t	ESTOQUES FINAIS milhões t	ESTOQUES/ CONSUMO %
1980/1981	237,1	1.840	436,3	93,2	91,2	444,1	113,8	25,6%
1981/1982	239,0	1.862	445,1	100,5	90,6	445,1	113,7	25,5%
1982/1983	237,7	1.989	472,8	97,7	92,8	455,6	131,1	28,8%
1983/1984	229,3	2.113	484,4	101,2	95,6	469,0	146,4	31,2%
1984/1985	231,7	2.196	509,0	104,7	99,9	486,3	169,1	34,8%
1985/1986	229,9	2.153	494,9	83,6	97,2	485,0	179,0	36,9%
1986/1987	227,9	2.299	524,1	89,7	113,2	511,4	191,7	37,5%
1987/1988	219,7	2.257	496,0	114,1	113,6	530,1	157,6	29,7%
1988/1989	217,4	2.277	495,0	104,3	104,0	518,6	134,0	25,8%
1989/1990	225,8	2.361	533,2	103,8	103,7	531,0	136,1	25,6%
1990/1991	231,4	2.542	588,1	101,1	130,1	553,7	170,5	30,8%
1991/1992	222,5	2.440	542,9	111,2	113,8	550,9	162,5	29,5%
1992/1993	222,9	2.522	562,1	113,1	110,9	549,2	175,6	32,0%
1993/1994	221,9	2.517	558,6	101,7	108,3	553,8	180,5	32,6%
1994/1995	214,5	2.443	524,0	101,5	99,6	544,3	160,2	29,4%
1995/1996	218,7	2.462	538,4	99,1	90,7	545,5	153,0	28,1%
1996/1997	230,0	2.530	582,0	100,2	97,7	570,2	164,8	28,9%
1997/1998	228,1	2.675	610,1	104,3	101,8	579,4	195,5	33,7%
1998/1999	225,2	2.618	589,7	102,0	103,5	579,1	206,1	35,6%
1999/2000	216,6	2.706	586,0	112,8	99,3	585,2	207,0	35,4%
2000/2001	219,4	2.660	583,7	102,8	106,4	585,7	205,0	35,0%
2001/2002	215,6	2.697	581,6	108,1	107,9	586,3	201,0	34,3%
2002/2003	213,7	2.656	567,7	110,1	112,6	604,1	166,1	27,5%
2003/2004	210,6	2.633	554,6	104,5	96,7	588,8	132,7	22,5%
2004/2005	218,9	2.872	628,6	111,1	106,6	610,0	151,2	24,8%
2005/2006	218,8	2.840	621,5	116,2	111,3	624,4	147,7	23,6%
2006/2007	215,3	2.767	595,6	111,6	106,2	615,2	128,2	20,8%
2007/2008	217,2	2.810	610,4	117,2	96,3	616,9	123,3	20,0%
2008/2009	225,6	3.024	682,2	143,7	117,9	641,5	166,7	26,0%
2009/2010	225,6	3,039	685,6	135,8	117,7	650,2	200,8	30,9%
2010/2011	218,3	3,192	652,2	132,9	116,1	654,7	198,9	28,5%
2011/2012	221,7	2,942	697,0	157,8	146,9	697,1	198,9	30,4%
2012/2013	221,3	2,977	658,7	137,4	137,0	680,0	175,6	25,8%
2013/2014	219,6	3,255	714,9	165,9	126,5	697,9	193,9	27,8%
2014/2015	220,5	3,297	726,9	164,1	130,8	704,6	216,5	30,7%
2015/2016	223,8	3,281	734,2	168,3	134,1	707,8	243,0	34,3%
2016/2017	222,5	3,285	730,8	165,6	133,5	716,0	257,8	36,0%
% 16/15	1,5%	-0,5%	1,0%	2,5%	2,5%	0,5%	12,2%	11,7%
% 17/16	-0,6%	0,1%	-0,5%	-1,6%	-0,5%	1,2%	6,1%	4,9%

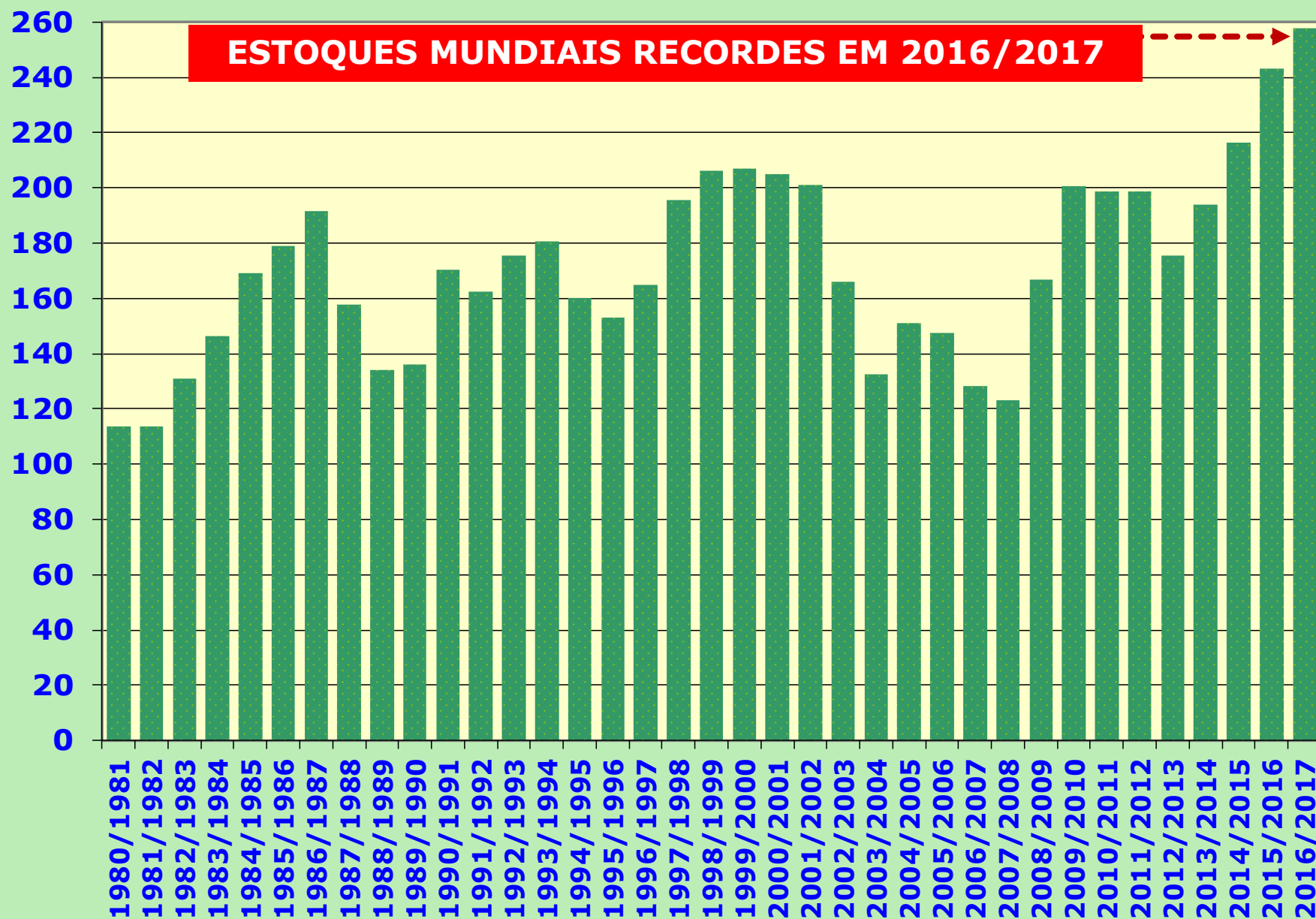
Fonte: USDA JUNHO/2016

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

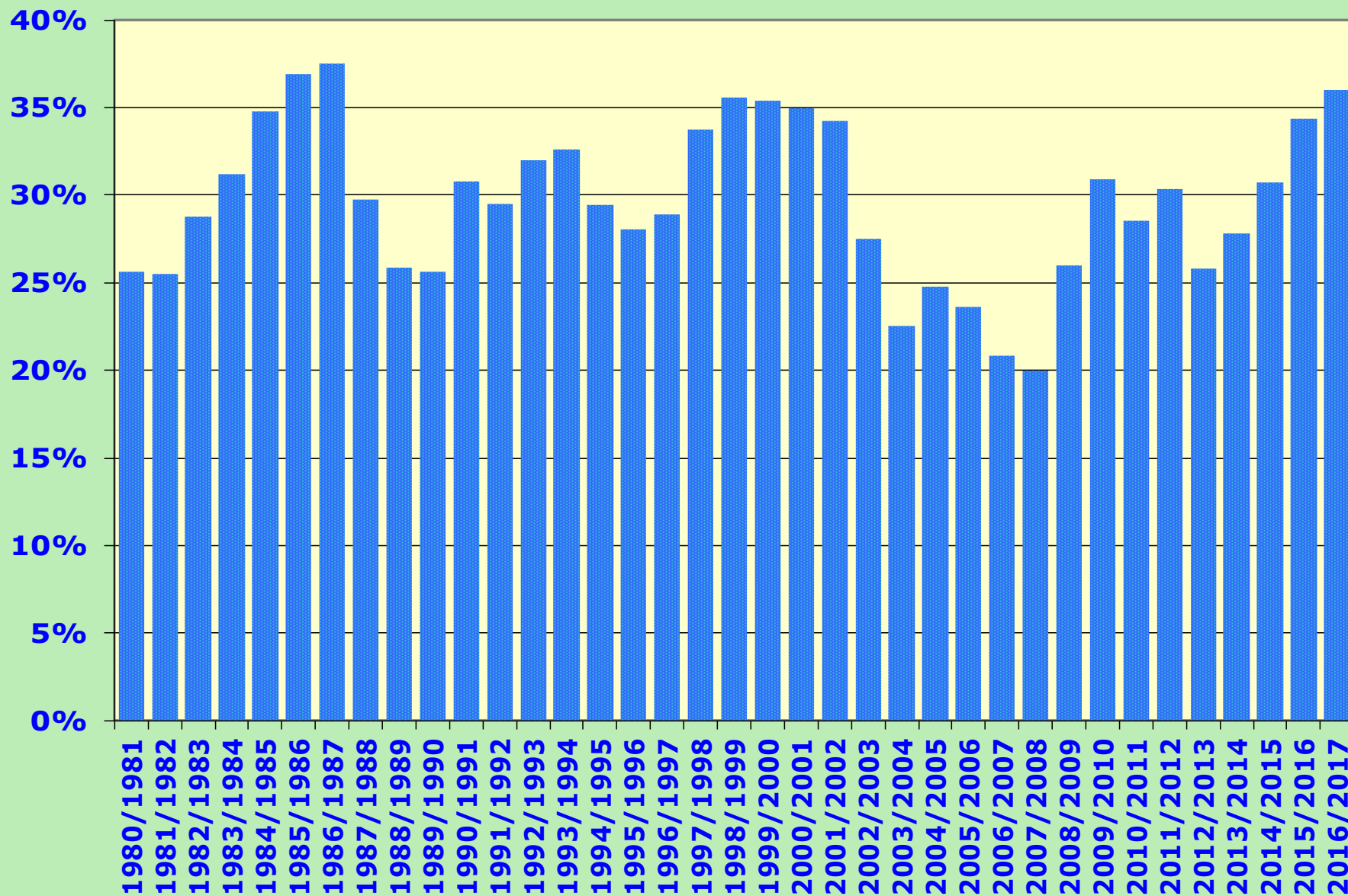
TRIGO: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL (%)



ARGENTINA: OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

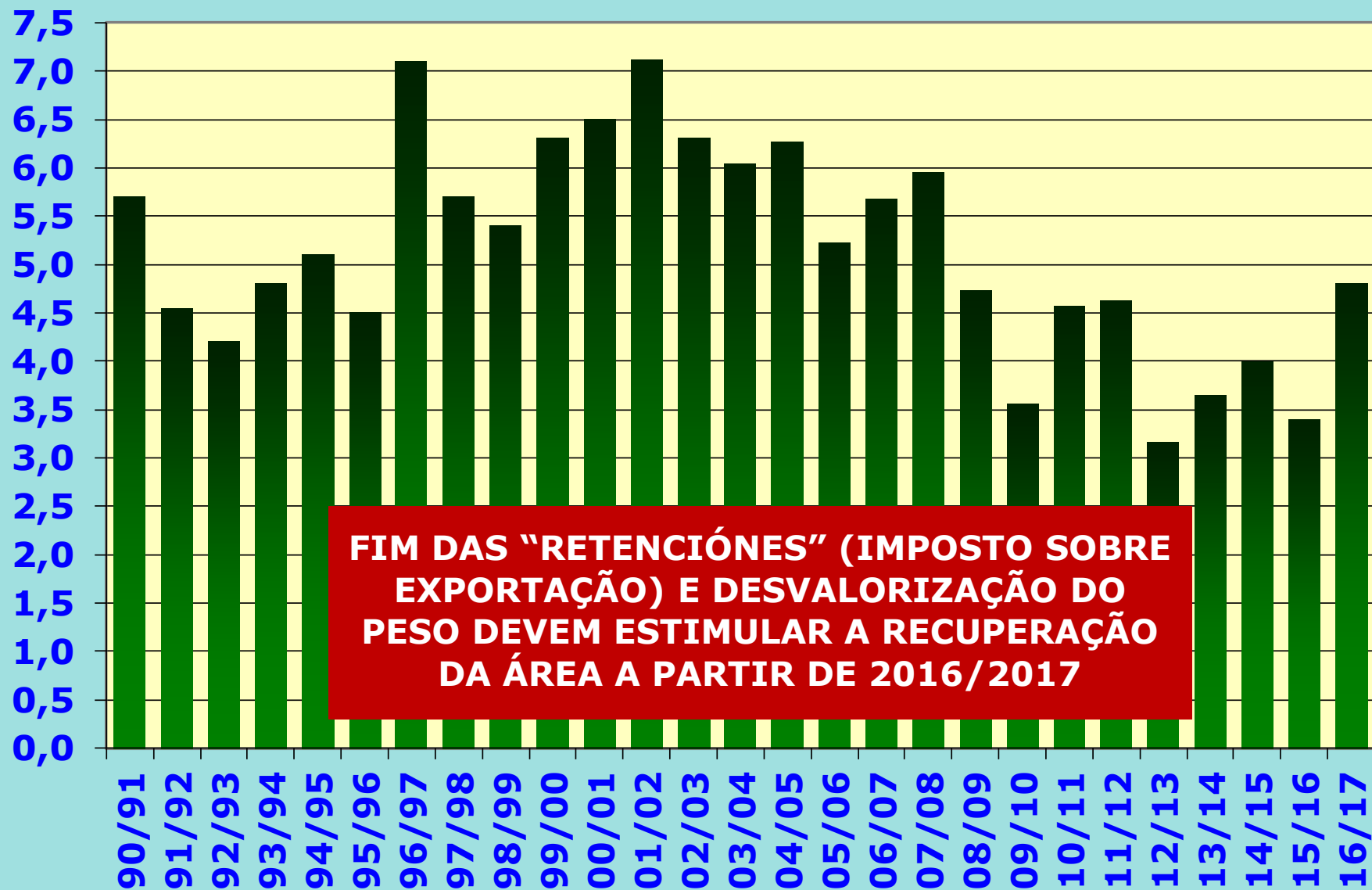
DEZEMBRO A NOVEMBRO

ANO SAFRA	ESTOQUES INICIAIS MILHÕES T	ÁREA DE CULTIVO MILHÕES HA	RENDIMENTO MÉDIO EM KG/HA	PRODUÇÃO EM MILHÕES T	OFERTA TOTAL MILHÕES T	DEMANDA EM MILHÕES T			EXPORTAÇÕES EM MILHÕES T	ESTOQUES FINAIS MILHÕES T
						SEMENTES/ RAÇÕES	MOAGEM	TOTAL		
90/91	4,63	5,700	2.000	11,40	16,03	0,20	4,30	5,00	5,60	5,43
91/92	5,43	4,550	2.154	9,80	15,23	0,10	4,00	4,50	5,80	4,93
92/93	4,93	4,200	2.405	10,10	15,03	0,10	4,00	4,60	5,90	4,53
93/94	4,53	4,800	2.167	10,40	14,93	0,30	4,20	5,00	5,00	4,93
94/95	4,93	5,100	2.216	11,30	16,23	0,15	4,30	4,31	7,32	4,60
95/96	4,60	4,500	1.911	8,60	13,20	0,15	4,50	4,17	4,48	4,55
96/97	4,55	7,100	2.239	15,90	20,45	0,01	4,40	4,90	10,20	5,36
97/98	5,36	5,702	2.760	15,74	21,10	0,01	4,70	4,80	11,15	5,15
98/99	5,15	5,399	2.463	13,30	18,45	0,02	4,60	4,87	8,56	5,03
99/00	5,03	6,300	2.603	16,40	21,43	0,08	4,50	4,93	11,59	4,91
00/01	4,91	6,497	2.457	15,96	20,87	0,08	4,50	4,99	11,27	4,61
01/02	4,61	7,109	2.152	15,30	19,91	0,05	4,50	4,75	10,80	4,36
02/03	4,36	6,300	1.953	12,30	16,66	0,05	4,60	5,16	6,76	4,74
03/04	4,74	6,040	2.411	14,56	19,30	0,05	4,80	5,23	9,41	4,67
04/05	4,67	6,260	2.549	15,96	20,62	0,08	4,93	5,01	11,83	3,78
05/06	3,78	5,222	2.408	12,57	16,36	0,08	4,80	5,00	8,50	2,86
06/07	2,86	5,676	2.572	14,60	17,46	0,08	4,80	4,90	9,51	3,05
07/08	3,05	5,948	2.749	16,35	19,40	0,08	5,05	5,13	8,91	5,36
08/09	5,36	4,732	1.769	8,37	13,73	0,08	5,00	5,08	3,10	5,55
09/10	5,55	3,552	2.534	9,00	14,55	0,53	6,28	6,81	3,73	4,01
10/11	4,01	4,577	3.474	15,90	19,91	0,46	6,60	7,06	7,75	5,10
11/12	5,10	4,628	3.133	14,50	19,60	0,40	6,30	6,70	11,40	1,50
12/13	1,50	3,160	2.532	8,00	9,50	0,40	5,50	5,90	3,10	0,50
13/14	0,50	3,650	2.603	9,50	10,00	0,40	6,00	6,40	1,75	1,85
14/15	1,85	4,000	3.000	12,00	13,85	0,40	5,81	6,21	4,71	2,93
15/16	2,93	3,400	3.324	11,30	14,23	0,50	5,52	6,02	7,50	0,71
16/17	0,71	4,800	3.229	15,50	16,21	0,55	5,85	6,40	8,50	1,31
VAR. 16/15	58%	-15%	11%	-6%	3%	25%	-5%	-3%	59%	-76%
VAR. 17/16	-76%	41%	-3%	37%	14%	10%	6%	6%	13%	84%

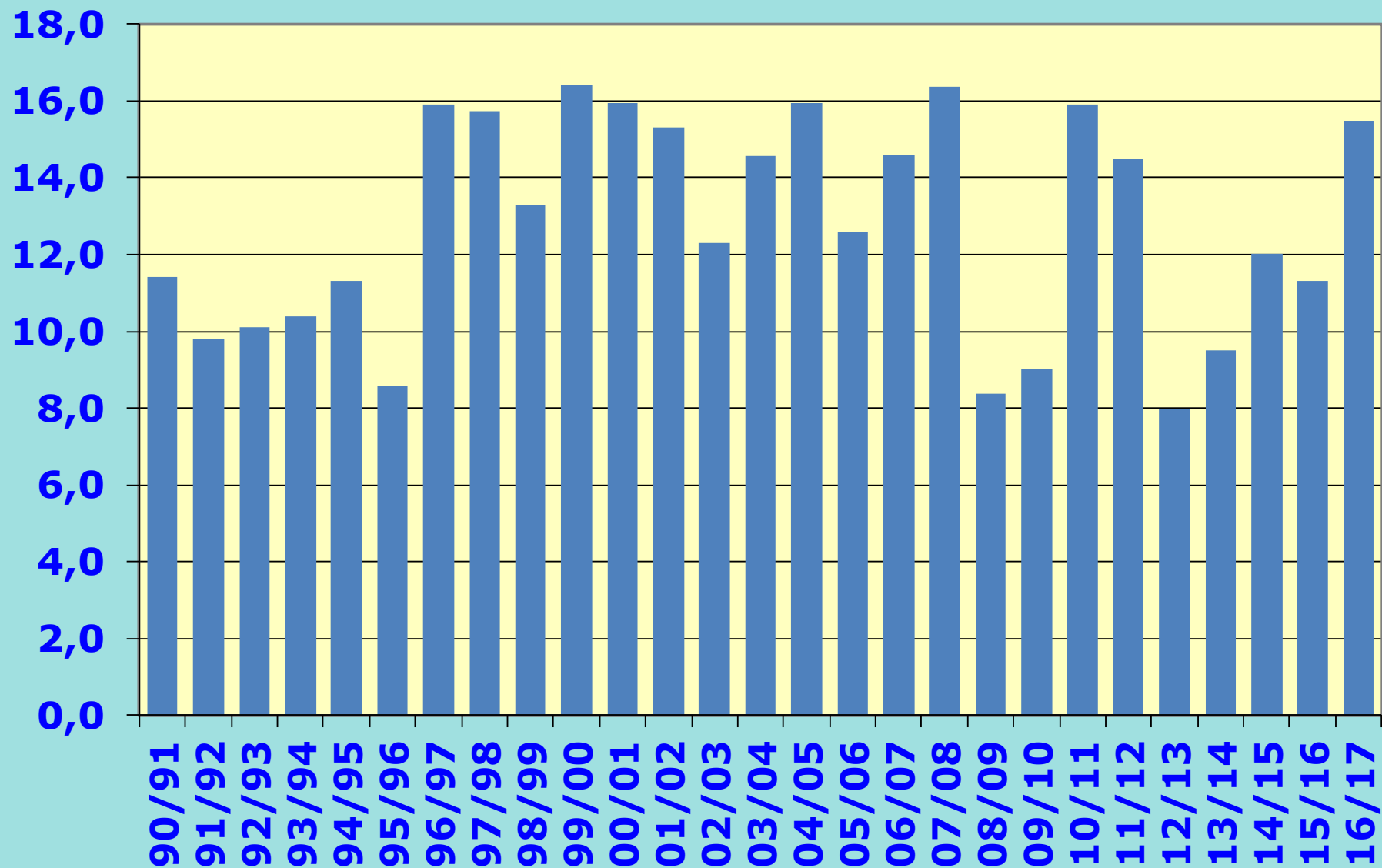
Fontes: Consultoria Agritrend e Bolsa Cereais de Buenos Aires

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA www.carloscogo.com.br

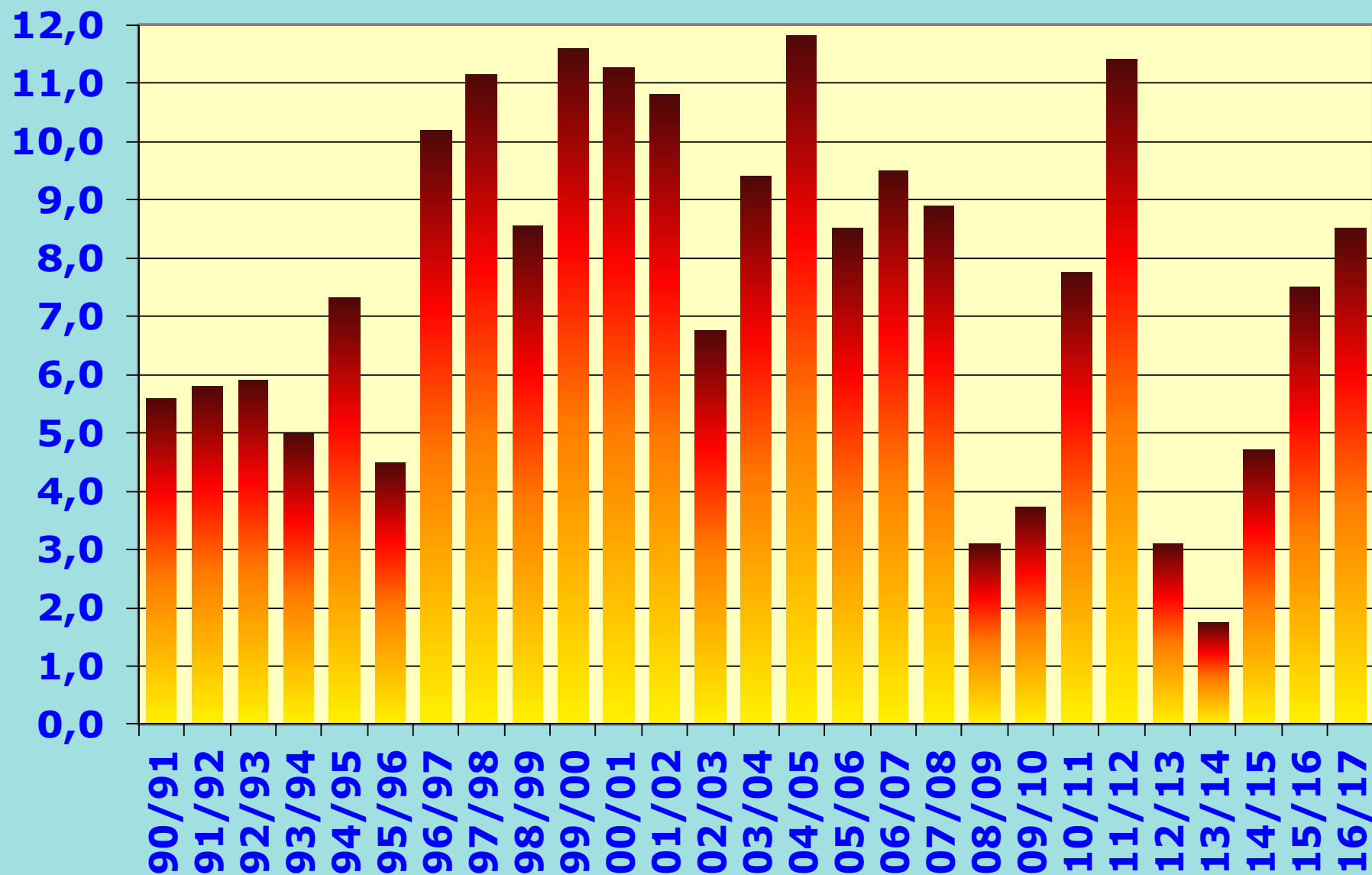
TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NA ARGENTINA EM MILHÕES DE HECTARES



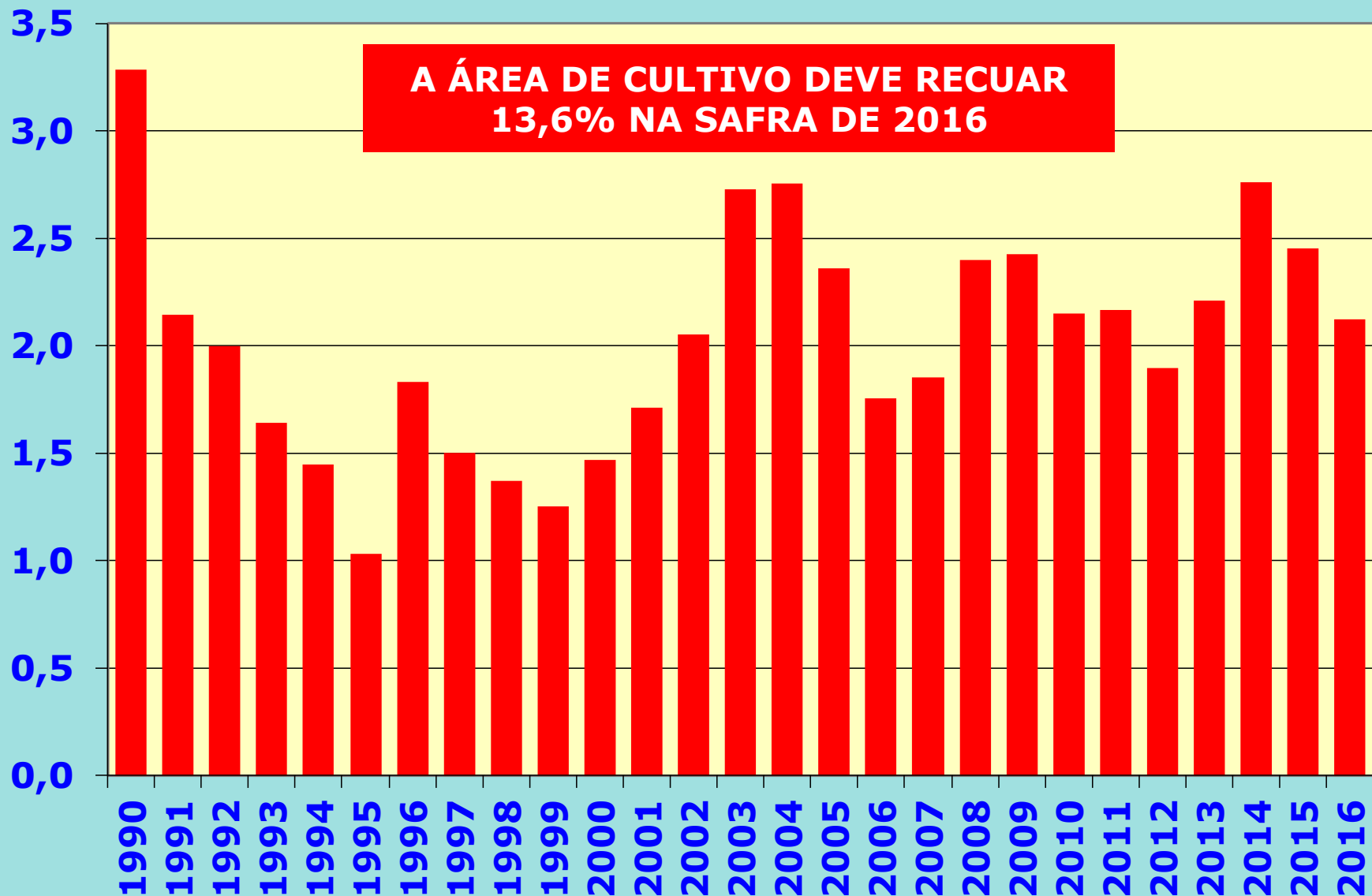
ARGENTINA: PRODUÇÃO DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



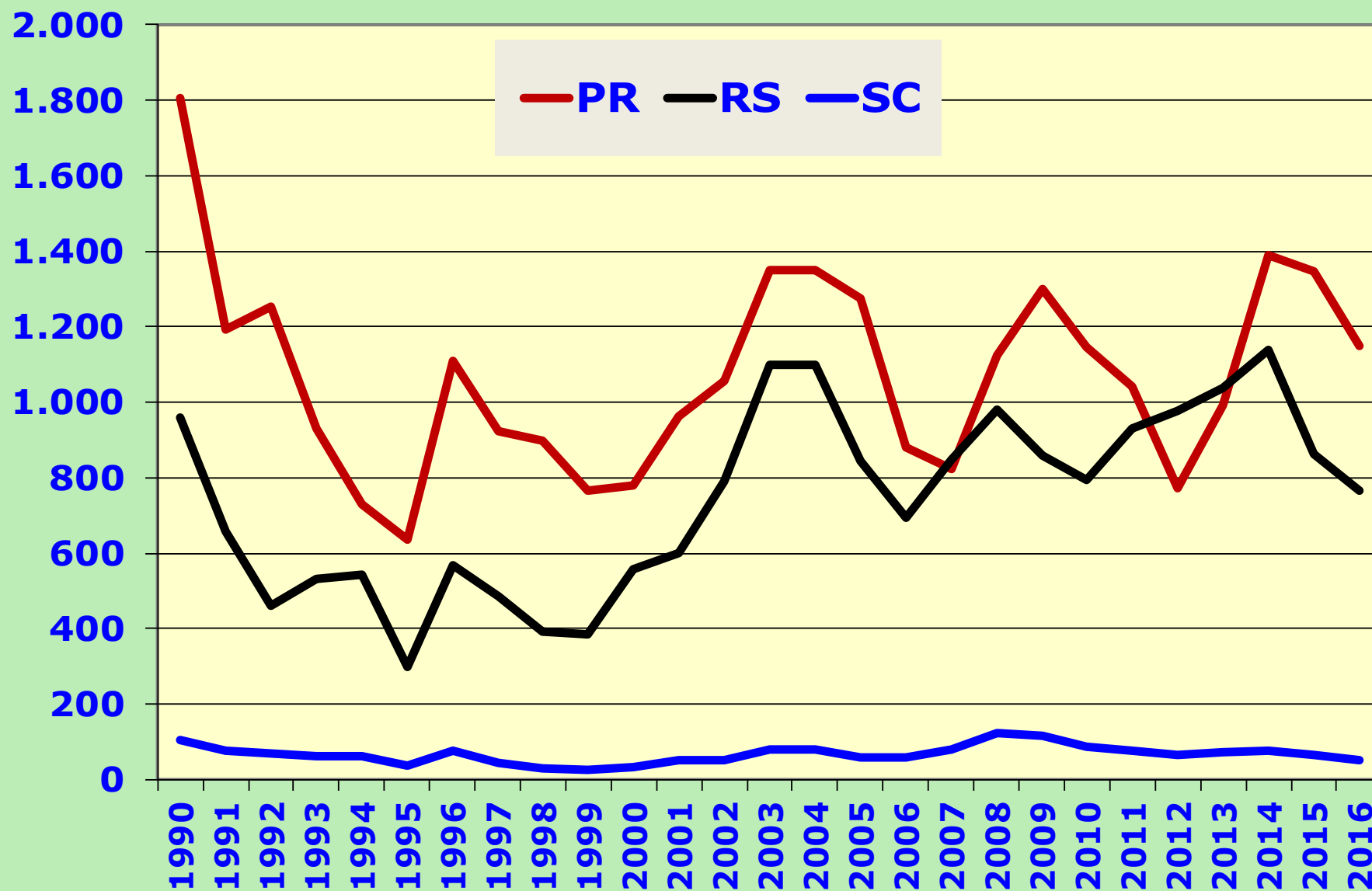
ARGENTINA: EXPORTAÇÕES DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NOS ESTADOS DA REGIÃO SUL - MIL HA

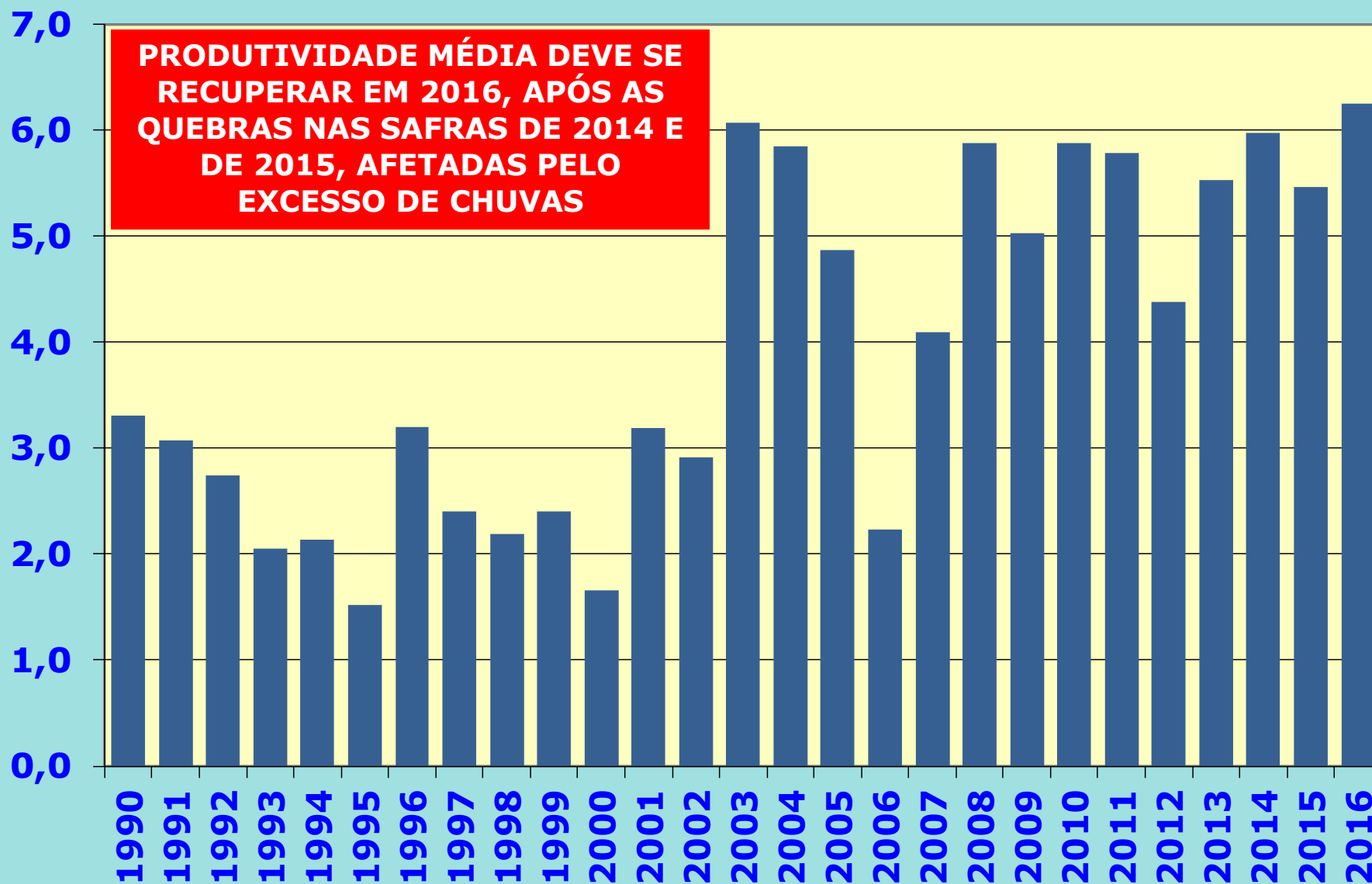


TRIGO: CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

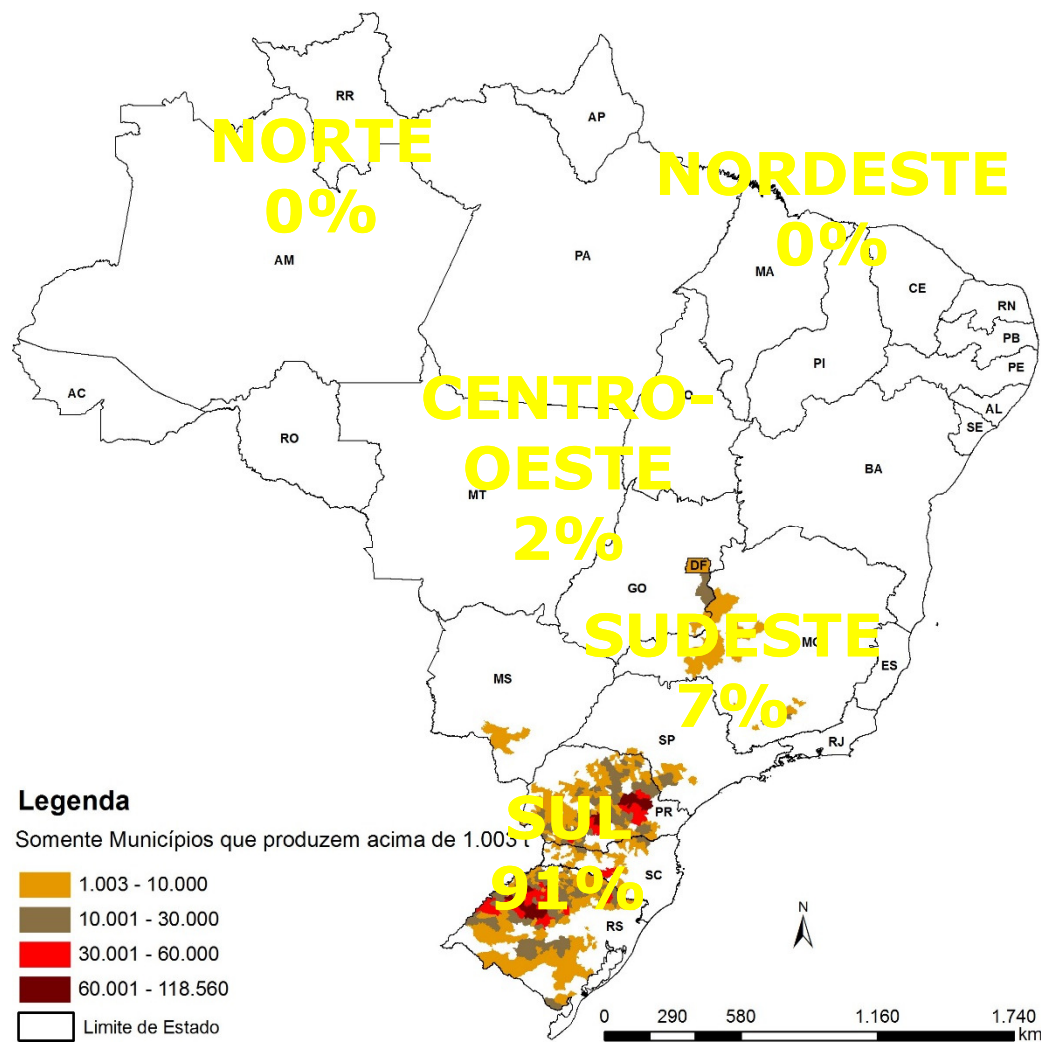
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO	C						P	P	P		C	C
DF	C						P	P	P			
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P	P	C	C	C
SP	C						P	P	P		C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA EM MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA NA SAFRA 2016



TRIGO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

EM MIL TONELADAS ANO COMERCIAL AGOSTO-JULHO

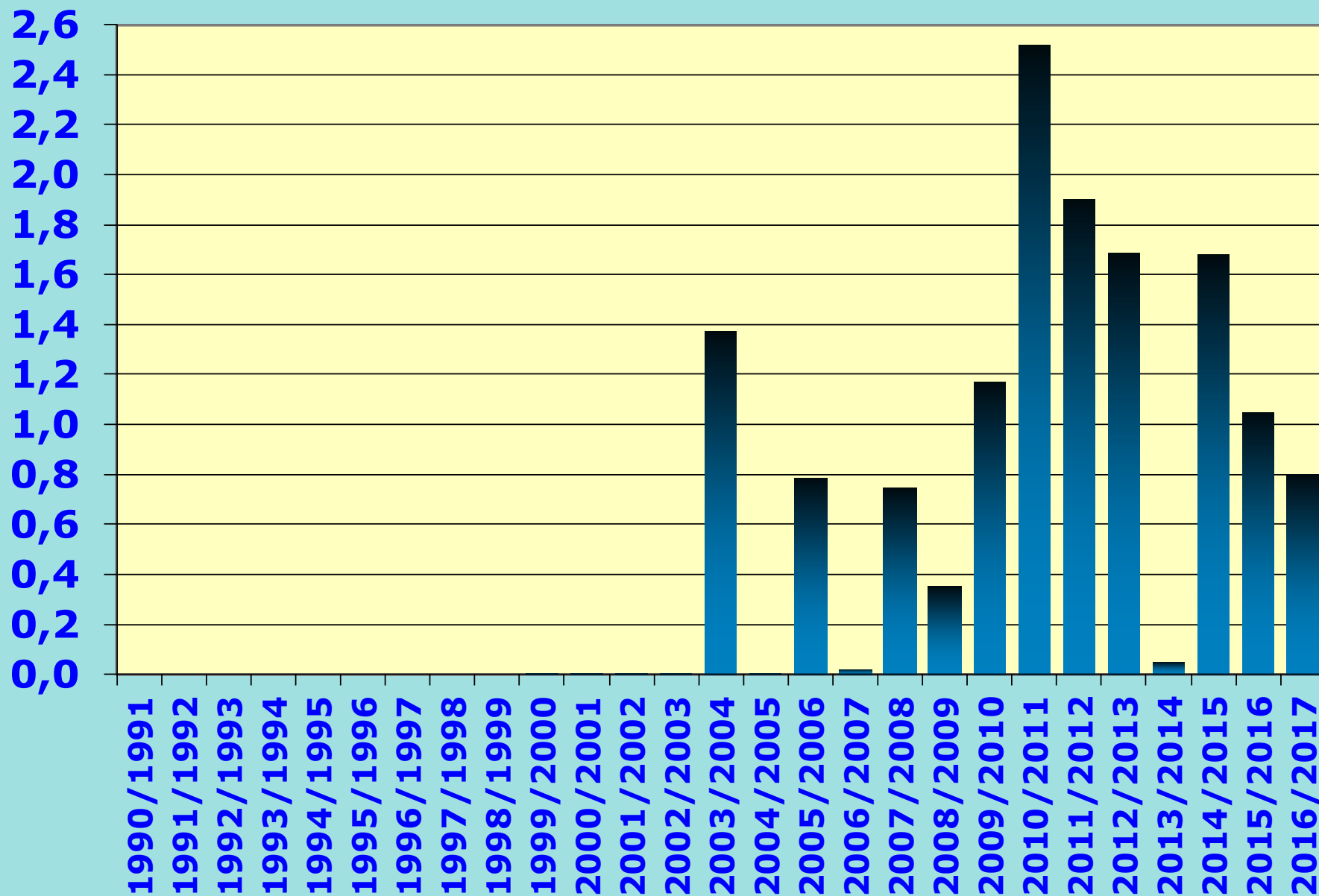
ANO PLANTIO	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	OFERTA TOTAL	EXPORTAÇÕES	DEMANDA INTERNA	ESTOQUES FINAIS
1990	1990/1991	1.444,8	3.304,0	2.522,0	7.270,8	0,0	6.660,0	610,8
1991	1991/1992	610,8	3.077,8	3.549,0	7.237,6	0,0	6.765,0	472,6
1992	1992/1993	472,6	2.739,2	4.000,0	7.211,8	0,0	7.017,0	194,8
1993	1993/1994	194,8	2.051,8	5.300,0	7.546,6	0,0	7.432,0	114,6
1994	1994/1995	114,6	2.137,8	6.512,0	8.764,4	0,0	7.848,0	916,4
1995	1995/1996	916,4	1.524,3	5.700,0	8.140,7	0,0	8.000,0	140,7
1996	1996/1997	140,7	3.197,5	5.542,0	8.880,2	0,0	8.205,0	675,2
1997	1997/1998	675,2	2.406,9	6.190,3	9.272,4	0,0	8.821,5	450,9
1998	1998/1999	450,9	2.187,7	7.139,3	9.777,9	0,0	9.340,0	437,9
1999	1999/2000	437,9	2.402,8	7.718,1	10.558,8	2,3	9.988,8	567,7
2000	2000/2001	567,7	1.658,4	7.632,4	9.858,5	1,3	9.338,7	518,5
2001	2001/2002	518,5	3.194,2	7.055,4	10.768,1	4,7	10.059,2	704,2
2002	2002/2003	704,2	2.913,9	6.853,2	10.471,3	5,0	9.851,5	614,8
2003	2003/2004	614,8	6.073,5	5.373,8	12.062,1	1.373,3	9.642,0	1.046,8
2004	2004/2005	1.046,8	5.845,9	4.971,2	11.863,9	3,5	9.803,0	2.057,4
2005	2005/2006	2.057,4	4.873,1	5.844,2	12.774,7	784,9	10.231,0	1.758,8
2006	2006/2007	1.758,8	2.233,7	7.164,1	11.156,6	19,7	9.600,0	1.536,9
2007	2007/2008	1.536,9	4.097,1	5.926,4	11.560,4	746,7	9.618,0	1.195,7
2008	2008/2009	1.195,7	5.884,0	5.676,4	12.756,1	351,4	9.398,0	3.006,7
2009	2009/2010	3.006,7	5.026,2	5.922,2	13.955,1	1.170,4	9.614,2	3.170,5
2010	2010/2011	2.879,7	5.881,6	5.798,4	14.559,7	2.515,9	9.842,4	2.201,4
2011	2011/2012	2.201,4	5.788,6	6.011,8	14.001,8	1.901,0	10.144,9	1.955,9
2012	2012/2013	1.955,9	4.379,5	7.010,2	13.345,6	1.683,8	10.134,3	1.527,5
2013	2013/2014	1.527,5	5.527,9	6.642,4	13.697,8	47,4	11.381,5	2.268,9
2014	2014/2015	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.713,7	1.174,6
2015	2015/2016	1.174,6	5.461,8	5.450,0	12.086,4	1.050,0	10.267,3	769,1
2016	2016/2017	769,1	6.248,0	5.200,0	12.217,1	800,0	10.318,6	1.098,5
VAR. 2015/2014		-48,2%	-8,5%	2,3%	-10,9%	-37,5%	-4,2%	-34,5%
VAR. 2016/2015		-34,5%	14,4%	-4,6%	1,1%	-23,8%	0,5%	42,8%

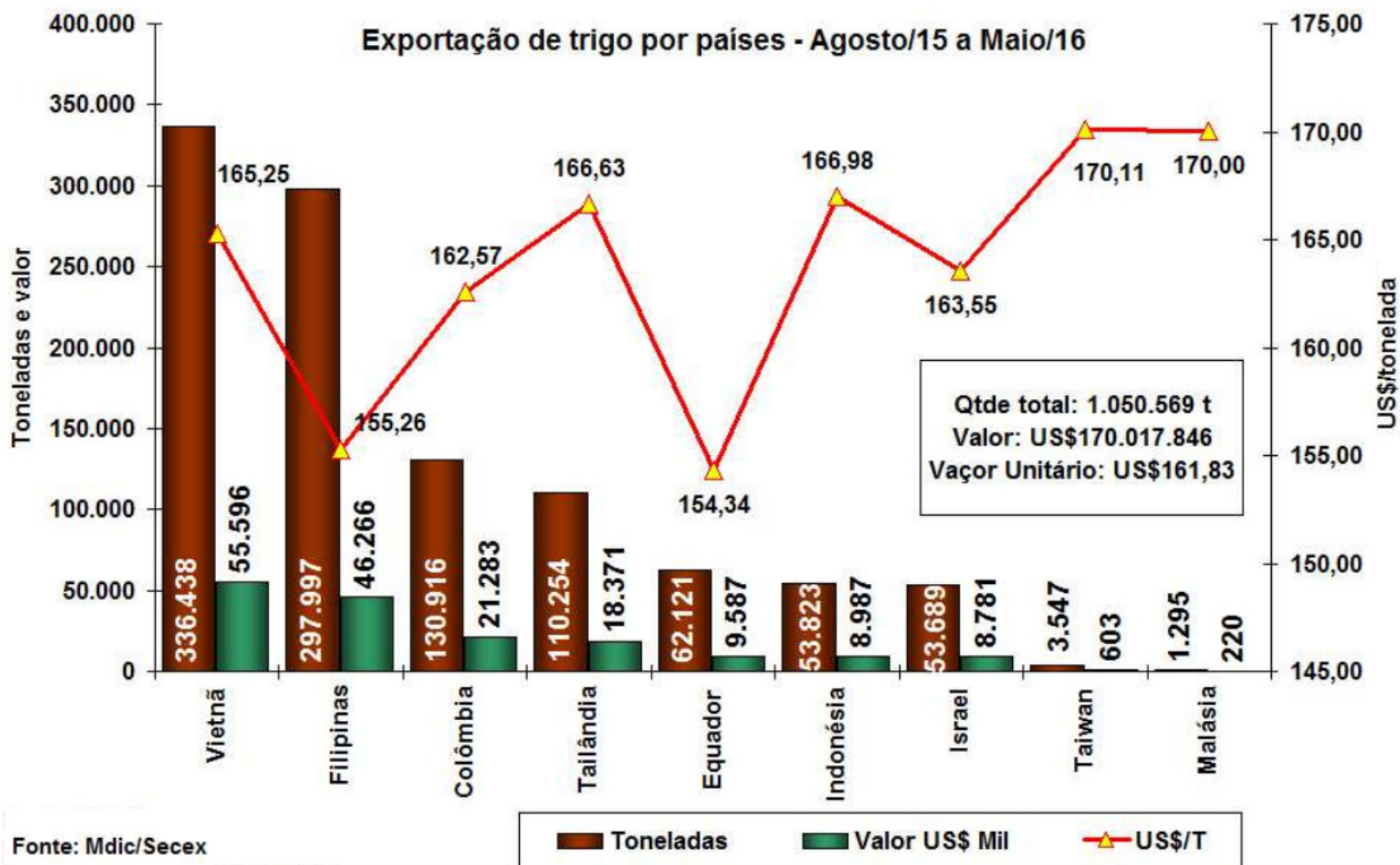
*** ANO COMERCIAL 2015/2016: AGOSTO DE 2015 A JULHO DE 2016**

Fontes: Conab, Ibge, Abitrigo, Secex e Carlos Cogo Consultoria Agroecônômica

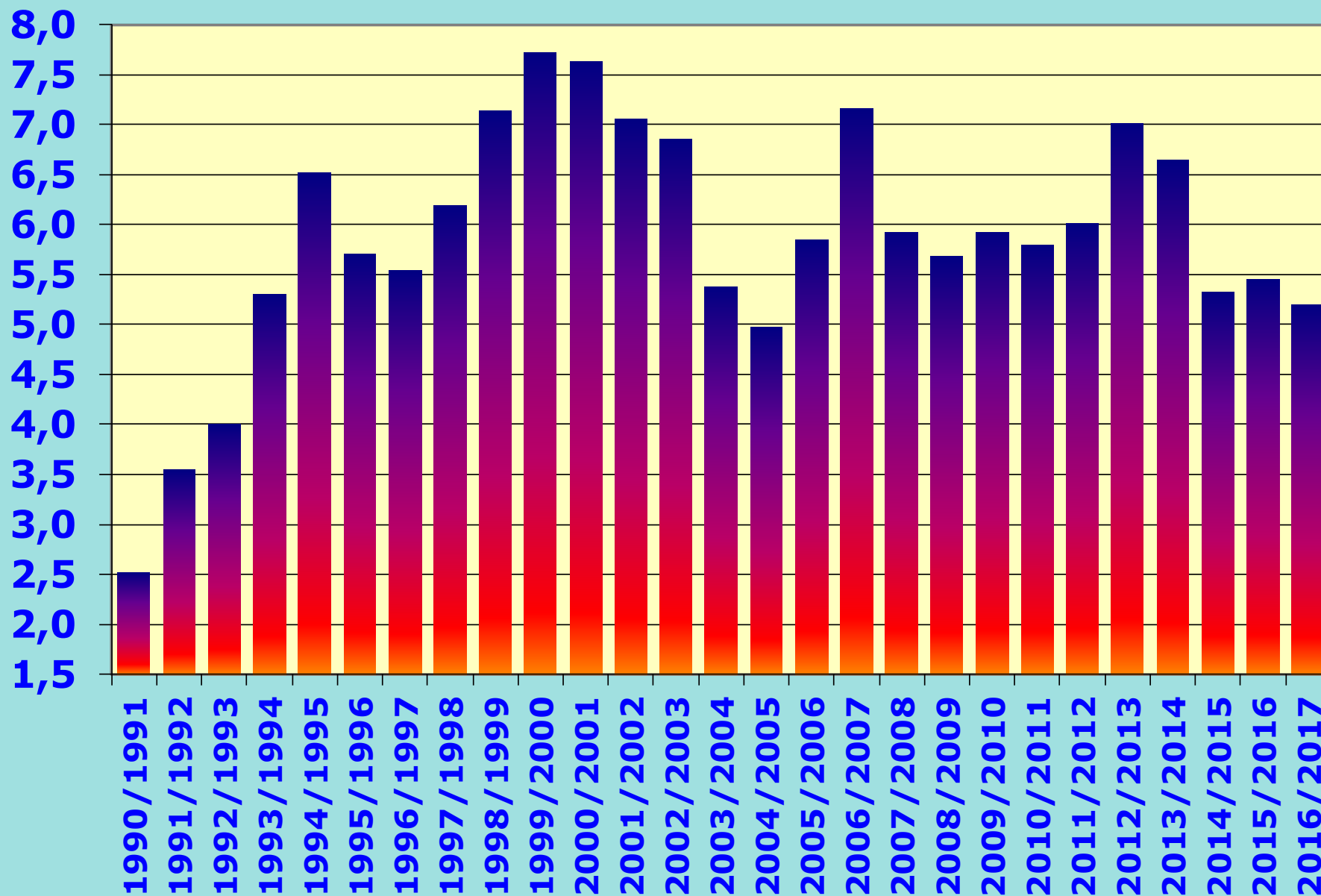
Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

TRIGO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS

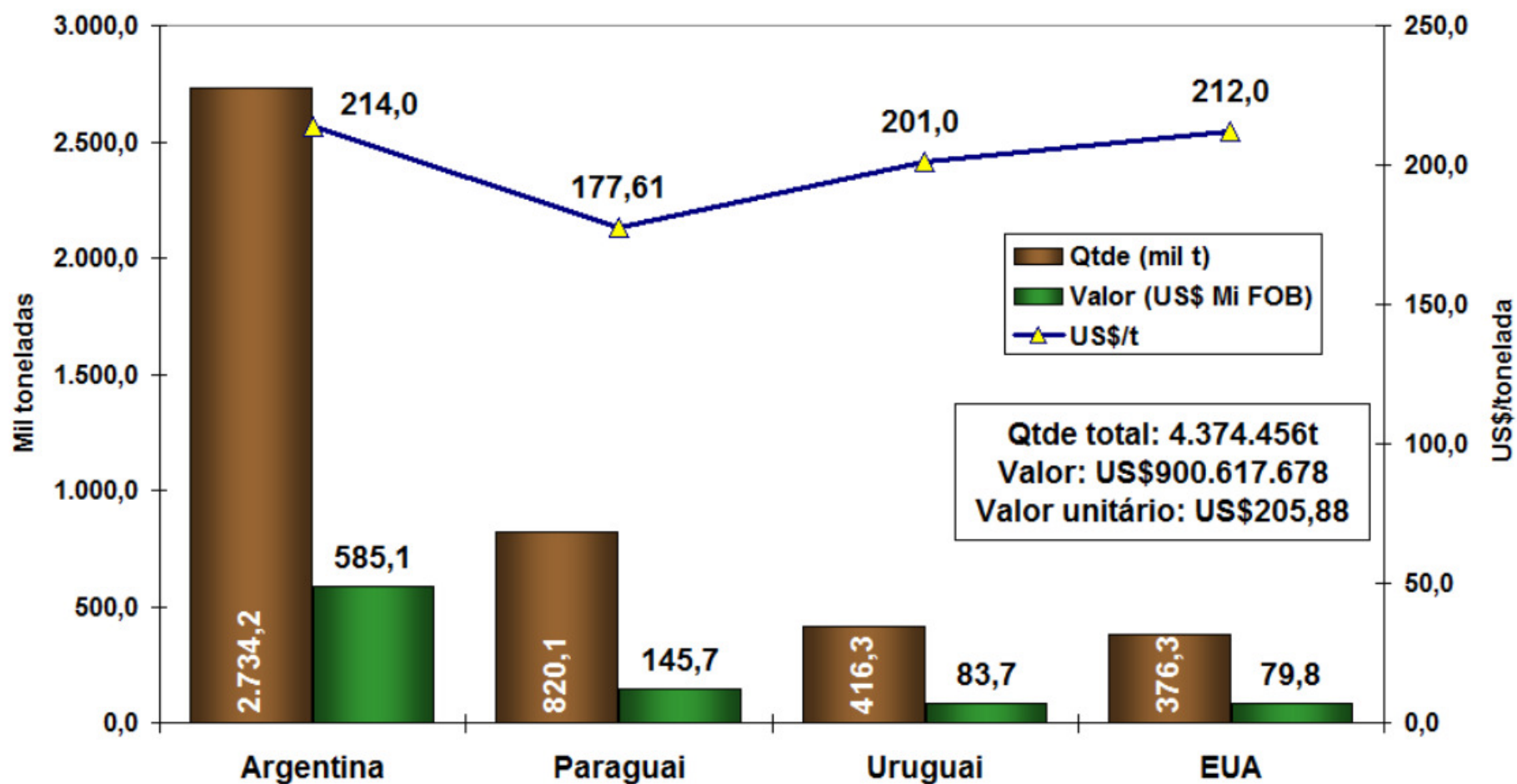




TRIGO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS

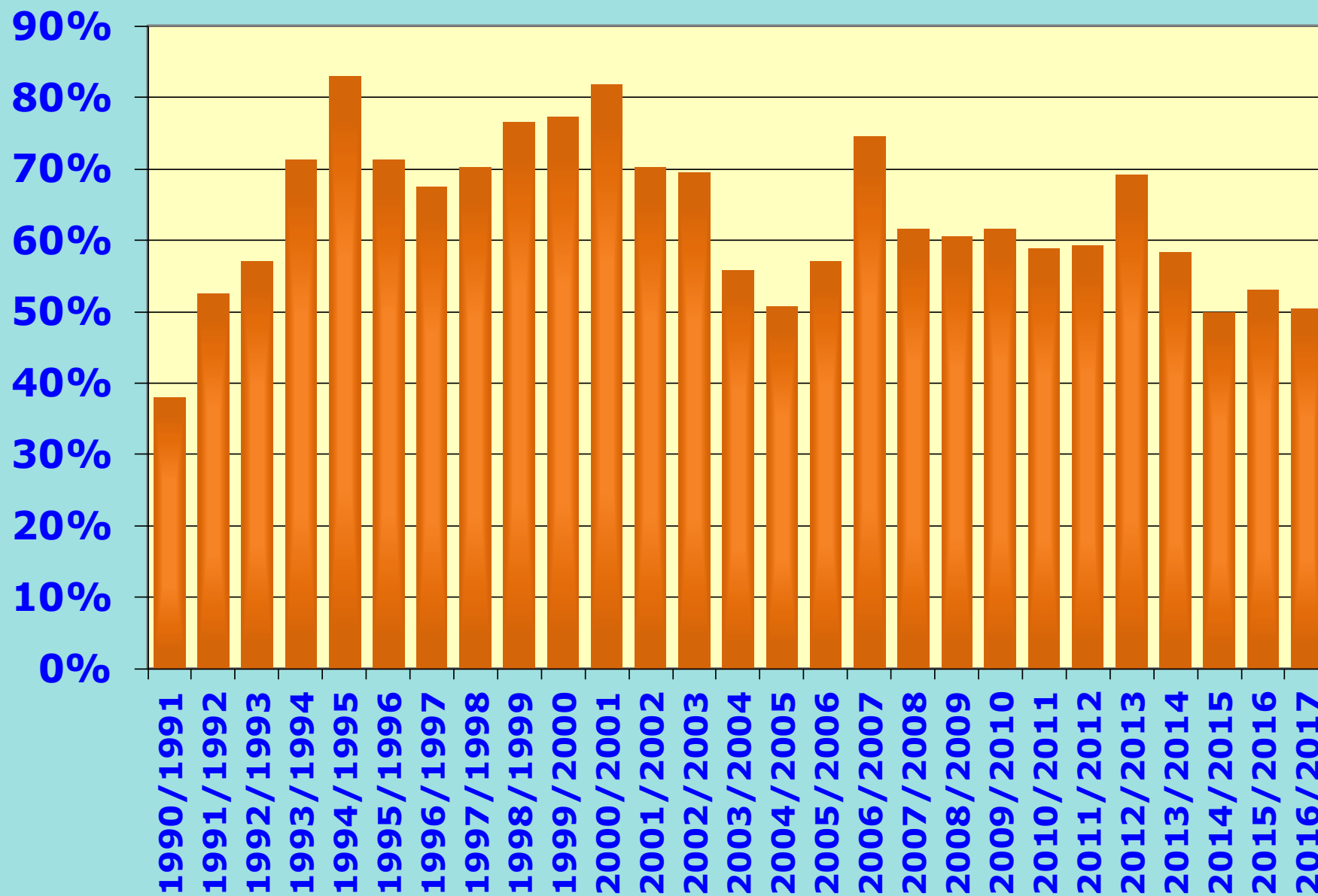


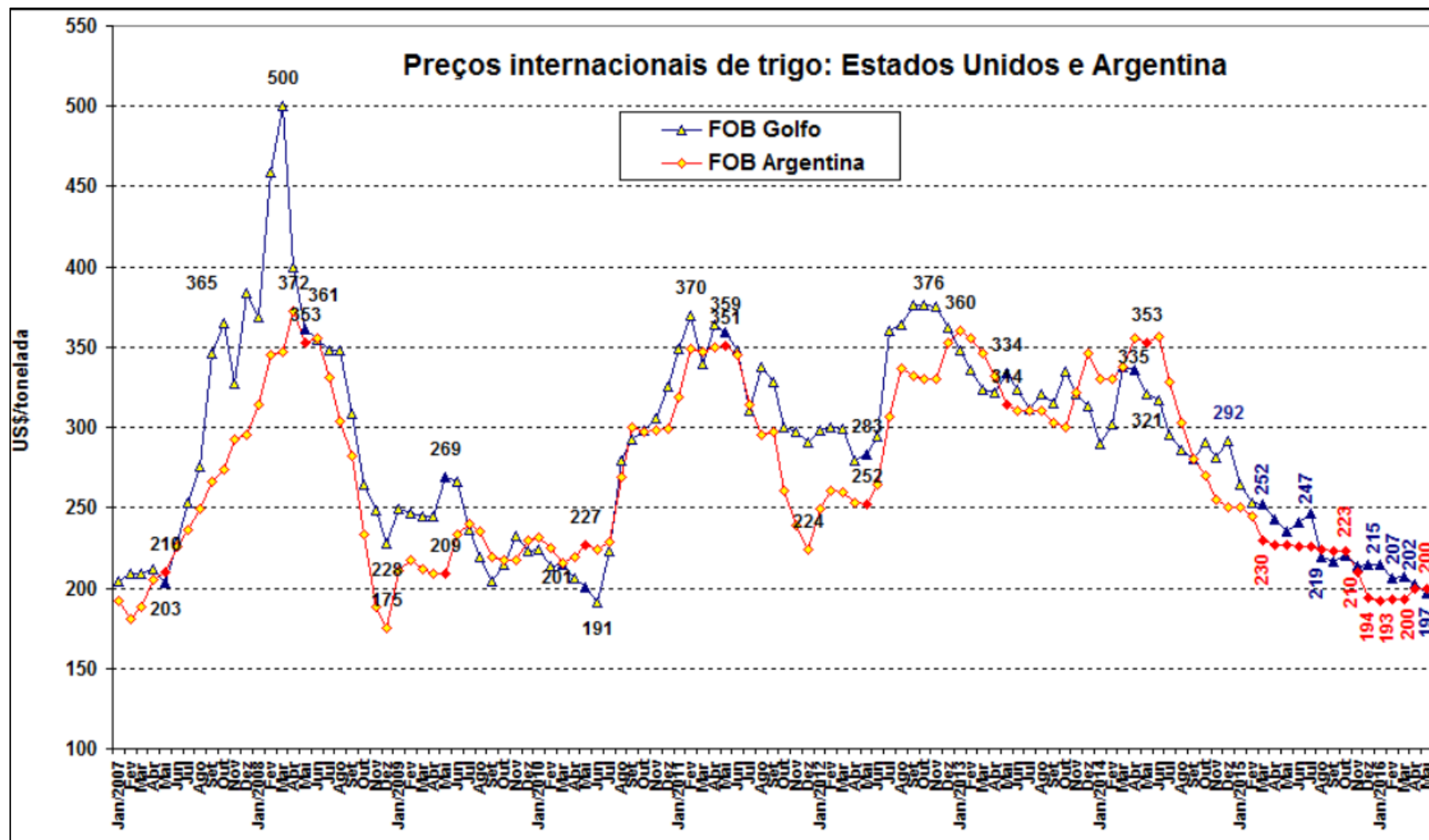
Importações de trigo por países - Agosto/15 a Maio/16



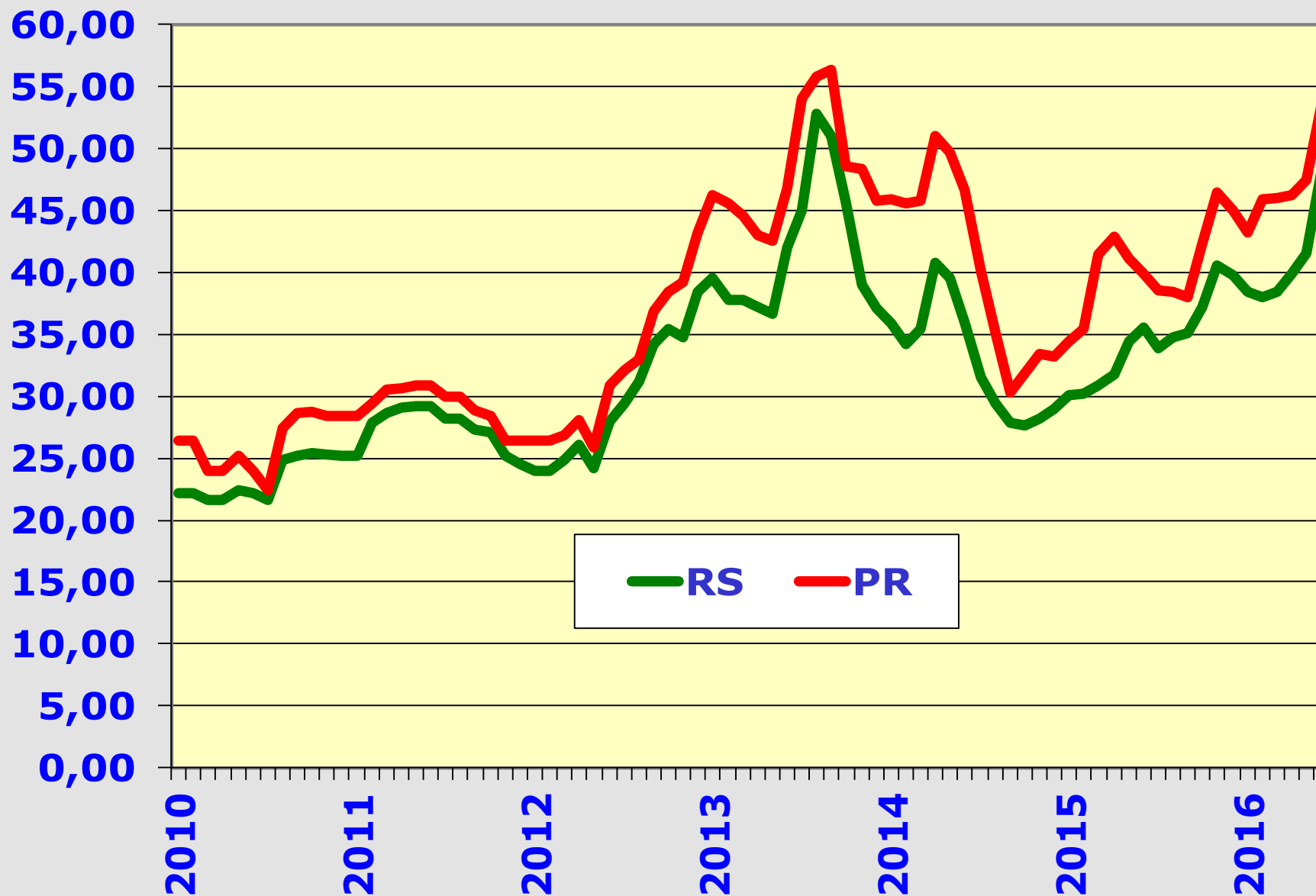
Fonte: Mdic/Secex

TRIGO: PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NA DEMANDA BRASILEIRA (%)

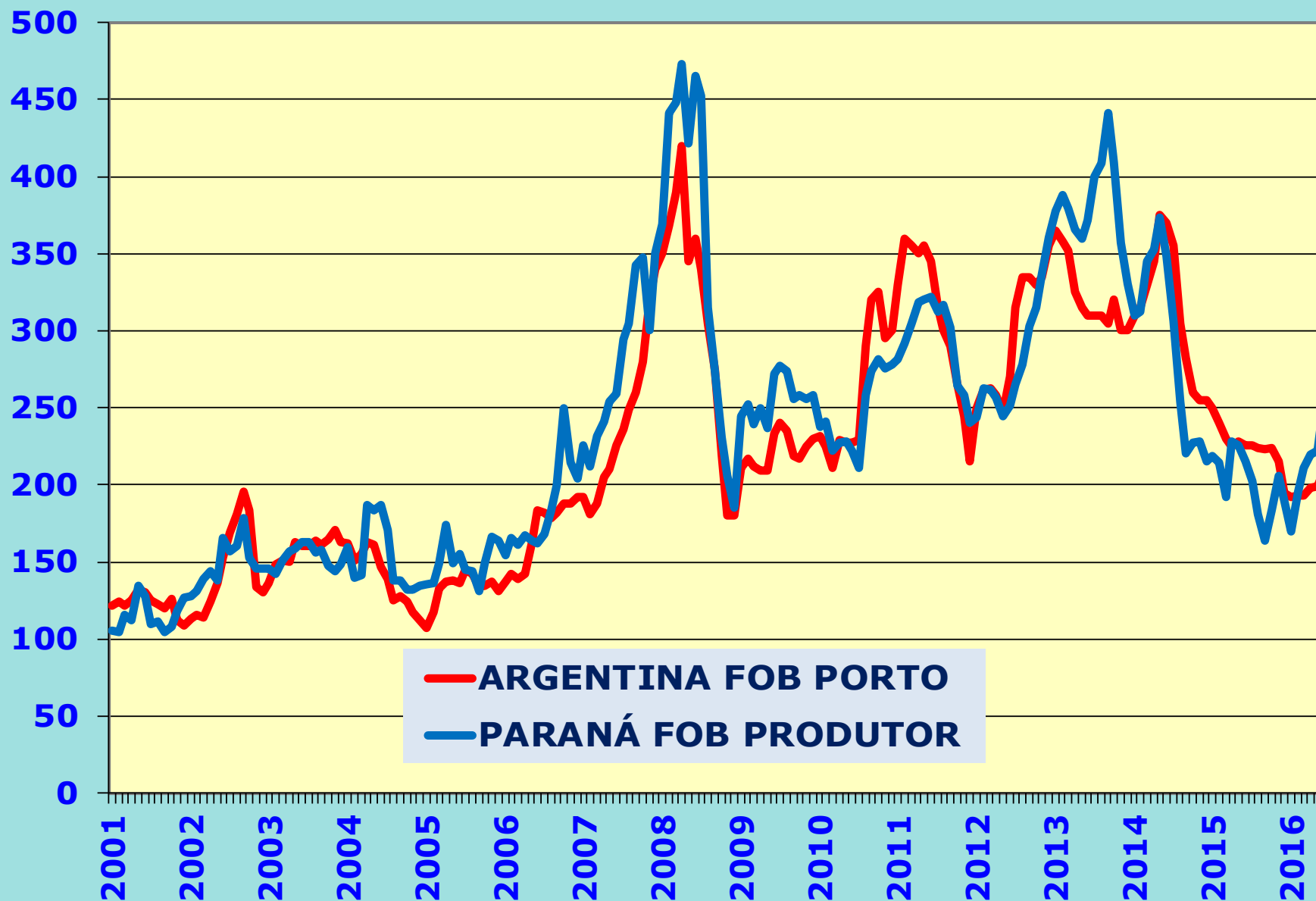




TRIGO GRÃO: PREÇOS PRODUTOR (LOTES) PR x RS - R\$/SACA 60 Kg



TRIGO PANIFICAÇÃO: COMPARATIVO ENTRE OS PREÇOS FOB ARGENTINA E PARANÁ



TRIGO: CUSTOS DE PRODUÇÃO E MARGENS - SAFRA 2016

ANO-SAFRA		2014		2015		2016	
ANO COMERCIAL		2014/2015		2015/2016		2016/2017	
REGIÃO DE PRODUÇÃO		RS	PR	RS	PR	RS	PR
ITEM	UNIDADE	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA	ALTA TECNOLOGIA
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA OS CUSTOS	R\$/USD	2,28	2,28	3,22	3,22	3,63	3,63
SEMENTES	USD/HA	111,36	121,50	88,86	96,96	57,38	69,95
FERTILIZANTES	USD/HA	252,67	213,39	192,03	162,18	163,25	173,33
DEFENSIVOS	USD/HA	75,61	73,58	77,12	75,05	106,19	69,41
OUTROS	USD/HA	144,89	131,96	179,75	163,01	98,86	94,96
CUSTEIO DA LAVOURA	USD/HA	584,52	540,43	537,76	497,20	425,68	407,65
OUTRAS DESPESAS - SEGUROS, FRETES, ETC.	USD/HA	58,75	114,18	54,05	105,05	86,07	108,74
CUSTO VARIÁVEL DESEMBOLSADO (A)	USD/HA	643,27	654,61	591,81	602,24	511,75	516,39
CUSTO VARIÁVEL - DESEMBOLSADO (A)	R\$/HA	1.466,66	1.219,05	1.905,63	1.219,05	1.857,65	1.382,86
OUTROS CUSTOS FIXOS E DEPRECIAÇÕES	USD/HA	83,21	88,25	76,55	81,19	102,18	112,03
CUSTO OPERACIONAL (B)	USD/HA	726,48	742,86	668,37	683,43	613,93	628,42
RENDIA DE FATORES	USD/HA	200,43	55,22	184,40	50,80	161,75	70,48
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO (C)	USD/HA	926,91	798,08	852,76	734,23	775,68	698,90
PRODUTIVIDADE MÉDIA	SC 60 KG/HA	22,2	45,6	28,3	40,6	45,0	50,3
PRODUTIVIDADE MÉDIA	KG/HA	1.330	2.737	1.700	2.436	2.700	3.017
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	USD/60 KG	41,82	17,50	30,10	18,08	17,24	13,90
CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO	R\$/HA	2.113,36	1.819,61	2.745,89	2.364,22	2.815,72	2.537,01
PREÇO MÉDIO PRODUTOR	USD/60 KG	9,97	14,95	10,13	11,61	10,50	12,50
MARGEM SOBRE O CUSTO	USD/60 KG	-31,85	-2,55	-19,97	-6,47	-6,74	-1,40
PREÇO MÉDIO ANUAL FOB ARGENTINA	USD/T	246,00	246,00	205,10	205,10	219,00	219,00
RECEITA BRUTA (D)	USD/HA	221,00	681,97	287,02	471,37	472,50	628,54
TAXA MÉDIA DE CÂMBIO PARA COMERCIALIZAÇ	R\$/USD	3,00	3,00	3,83	3,83	3,81	3,81
RECEITA BRUTA (D)	R\$/HA	663,01	2.045,91	1.099,27	1.805,33	1.800,23	2.394,74
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	USD/HA	-705,91	-116,11	-565,74	-262,86	-303,18	-70,36
RECEITA LÍQUIDA S/C. TOTAL (D) - (C)	R\$/HA	-1.450,36	226,29	-1.646,61	-558,89	-1.015,49	-142,26
MARGEM SOBRE O CUSTO	%	-68,6%	12,4%	-60,0%	-23,6%	-36,1%	-5,6%
MARGEM SOBRE O CUSTO	SACAS/HA	-15,2	5,7	-17,0	-9,6	-16,2	-2,8
RECEITA LÍQUIDA S/C. VARIÁVEL (D) - (A)	USD/HA	-422,27	27,36	-304,79	-130,88	-39,25	112,15
EBITDA	R\$/HA	-803,66	826,86	-806,36	586,28	-57,43	1.011,89
MARGEM EBITDA	%	-121,2%	40,4%	-73,4%	32,5%	-3,2%	42,3%

OBS.: PARA A SAFRA DE INVERNO, CONSIDERAR RENTABILIDADE A PARTIR DA RECEITA LÍQUIDA S/C. DESEMBOLSADO (D) - (A)

www.carloscogo.com.br

consultoria@carloscogo.com.br

Fone: +55 51 32481117

Cel: +55 51 99867666



Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica



[@carloscogo](https://twitter.com/carloscogo)